

Ecos do passado



Cida Romagnolli Moraes



CASA EDITORA
O CLARIM

Confraria dos Livros Bons@

Ecos do passado

Cida Romagnolli Moraes

Ecos do passado

Matão, SP

1ª edição

2005

CASA EDITORA

O CLARIM

Copyright © 2005 by

CASA EDITORA O CLARIM

Propriedade do Centro Espírita O Clarim

1ª edição: janeiro/2005, 10 mil exemplares

Impresso no formato 14x21 cm

ISBN do livro impresso: 85-7357-072-5

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem autorização do detentor do *copyright*.

Casa Editora O Clarim

Rua Rui Barbosa, 1.070 – Centro – Caixa Postal 09

CEP 15990-903 – Matão-SP, Brasil

Telefone: (16) 3382-1066; WhatsApp: (16) 99270-6575

CNPJ: 52.313.780/0001-23; Inscrição Estadual: 441.002.767.116

www.ocularim.com.br | ocularim@ocularim.com.br

Facebook: @casaeditoraoclarim; Instagram: @o.clarim

Capa: Beato Ten Pronafeta

Projeto gráfico: Equipe O Clarim

Catálogo na Editora

M827e Moraes, Cida Romagnolli

Ecos do passado / Cida Romagnolli Moraes. – 1.ed. – Matão: Casa Editora O Clarim, 2005.

152p.; 21 cm

ISBN 85-7357-072-5

1. Espiritismo. 2. Romance. I. Casa Editora O Clarim. II. Título.

CDD. 133.9

O perdão eleva e o amor redime.

CAPÍTULO 1

A chuva castigava o tronco nu de um negro que chapinhava na estrada lamacenta. As botas longas, cheias de lama, faziam um barulho esquisito. O chapéu encardido, pingando água, somente protegia os seus olhos da tempestade. Ele não corria. Seus passos eram cadenciados, como se não tivesse pressa de nada. Numa das mãos carregava um farnel de couro que parecia bastante pesado, porque, de tempos em tempos, trocava de mão. Ainda era dia. Entretanto, uma escuridão pesada quase impedia de enxergar o caminho. Os eucaliptos que ladeavam a estrada assobiavam. Seus galhos envergavam até quase tocarem o chão. Pareciam braços gigantes, prestes a açoitar quem por ali passasse.

Apesar de estar enfrentando uma tempestade, o negro, João Eleutério, mantinha-se sereno. Já havia encarado tempestades maiores que esta. Não provocadas pela natureza, mas pelas mãos do homem. Tirou o chapéu, torceu-o para retirar a água e o recolocou, abanando a cabeça, como se quisesse, com aquele gesto, afastar os pensamentos.

Divisou a uma certa distância uma luz fraca. Era a casa de seus patrões. Apertou o passo, entrou num belo jardim e sentou-se no primeiro degrau da escada que dava acesso a uma bonita varanda. Era uma casa grande, sóbria e bem construída. A varanda era contornada por troncos trabalhados que ele mesmo ajudou a lavar. Retirou as botas, entornando a água que havia dentro delas. Colocou o pesado farnel no piso de madeira da cobertura. O barulho fez a porta de entrada se abrir e uma bonita mulher de aproximadamente 40 anos, carregando um lampião, perguntou um pouco temerosa:

– Quem está aí? O que quer?

– Sou eu, D. Nete, o seu criado João. Parei um pouco aqui para tirar a água das botas e descansar. Desculpe por ter incomodado a senhora.

– Não me incomodou nada, seu João. Estava bordando na sala e ouvi quando subiu a escada. Entre um pouco, venha se secar. Como pode ter saído com um tempo deste?

– Não carece nada, não, D. Nete. Falta pouco para chegar à minha choça. Lá eu tenho roupa seca e lenha para o fogão.

– Não quer levar um pouco de carne, ou um lampião? Até está parecendo noite, tamanha escuridão.

– Agradeço a sua oferta, D. Nete, mas já estou levando carne neste farnel, além de outros alimentos que comprei na venda da estrada que vai para Nova Luz. Também tenho lampião lá em casa. Mas, mesmo assim, mais uma vez eu agradeço pelo seu interesse e já vou pegar a estrada, que ainda me falta um bom pedaço.

– Vou me preocupar com o senhor!...

– Mas por que, D. Nete? O que eu tinha de maior valor eu já perdi.

– Aí é que o senhor se engana. Ainda tem um grande tesouro: a sua vida!

João balançou a cabeça, resmungou alguma coisa incompreensível, despediu-se da patroa e prosseguiu a sua caminhada. Os pensamentos voltaram a incomodá-lo. Lembrava-se de sua esposa Joaninha. Ela era doce como o mel. Seus olhos muito grandes pareciam enxergar tudo, até o que estava bem escondido. Era assim com ele. Se ousasse mentir para ela, os grandes olhos de Joaninha piscavam matreiros e ele acabava confessando tudo. Impossível guardar um segredo daquela danadinha! Sempre trazia os cabelos bem trançados e presos no alto da cabeça por uma fita colorida. Para cada vestido que ela mesma costurava, também fazia uma fita do mesmo tecido. “É pra combinar” – dizia. E como ela ficava bonita! Sua pele era macia como o pêssego. O seu sorriso, ah, o seu sorriso, parecia o tilintar de mil sinos.

Sem perceber, grossas lágrimas corriam em sua face, misturando-se à chuva que continuava implacável. Era doído demais lembrar de Joaninha. Passou as costas das mãos nos olhos e mordeu violentamente os lábios, fazendo-os sangrar. A dor varreu seus pensamentos. Deu-se conta de que já estava no milharal. Logo, logo, estaria em sua casa.

A chuva continuava incessante. Os únicos ruídos ouvidos naquela escuridão, além do barulho da chuva e do milharal sendo varrido pelo vento, eram as passadas agora apressadas de João. Mesmo com a escuridão avistou o muro de barro de seu barraco. Levantou a tramela do pequeno portão e entrou numa espécie de jardimzinho mal cuidado. Empurrou uma porta rústica, que rangeu. Acendeu o único lampião da casa de apenas um

cômodo. O mobiliário não podia ser mais simples: um catre, uma mesa quadrada com quatro cadeiras em volta, um fogão de lenha, uma prateleira com algumas poucas panelas e outros utensílios de cozinha. Num canto, um velho baú. Do outro lado do fogão, uma mesinha pequena com uma moringa dentro de uma pequena bacia de ágata. Na parede, emoldurado por flores secas, um retrato de Joantina e das duas filhas: Corina e Jerusa. Olhou a foto, já amarelada, e deu um profundo suspiro. Atirou o farnel sobre a mesa, acendeu o fogo e pôs sobre ele um grande caldeirão de ferro cheio de água. Precisava se lavar, tirar a lama da pele e a friagem do corpo... Assim que a água esquentou, levou-a para o pequeno banheiro que ficava a uns metros do casebre, despejando-a numa grande bacia de cobre. Tomou um banho rápido e vestiu-se com roupas secas que retirou de dentro do baú. Descascou alguns legumes, cortou um pedaço de carne seca e jogou-os dentro de um caldeirão que já estava sobre o fogão. Despejou um pouco de óleo, sal, água e atizou o fogo, fazendo voar algumas faíscas.

Sentou-se à mesa retirando de dentro do farnel uma garrafa de pinga. Encheu um copinho e, de uma talagada, mandou a bebida goela a dentro. Estava enchendo novamente o copo, quando escutou alguém chamando-o no portão. A chuva já havia parado, mas ainda estava bastante escuro. Pegou o lampião e colocou-o para fora da janela, tentando enxergar quem o chamava.

– Sou eu, João Eleutério! O seu compadre Joaquim.

– Ora, compadre, não faça cerimônia. Vá entrando, que a casa é nossa. Só estou espantado por vê-lo aqui esta hora e com este tempo!

Seu Joaquim tirou o chapéu, bateu na perna para retirar a água e entrou no casebre.

–Sabe, compadre, venho falar novamente sobre as dificuldades da família de D. Alzira. Está passando por sérios problemas. Ela está muito doente e quase não enxerga mais. O filho ganhou o mundo. Ninguém sabe o rumo dele. E a nora, coitada, é quem sustenta a casa, lavando e costurando roupa para as senhoras da cidade. Só que além desse trabalho, que não é pouco, ela tem que cuidar dos três filhos que ainda são muito novos. O mais velho completou ontem quatro aninhos. Dá uma pena dos coitados! Então eu estou batendo de porta em porta, pedindo uma ajuda para eles. Um pouco de comida, ou umas roupas velhas, querosene para o lampião, ou quem sabe até um dinheirinho para ajudar nos remédios de D. Alzira.

– Sente-se, compadre, vamos beber um gole desta boa aguardente. É especial! – enquanto falava, virava mais um copo.

– Obrigado, compadre, mas você sabe que eu não bebo. E estou muito triste por vê-lo se afundar cada vez mais neste maldito vício.

– Compadre, se você veio até aqui para me passar sermão, errou de porta.

– É que estou estranhando este seu comportamento. Você desandou a beber desde...

– O dia em que acabaram com a minha família, não é, compadre? O que mais restou pra mim? Pelo menos a bebida me faz esquecer um pouco a desgraça que aconteceu na minha vida.

– Você sempre foi um bom homem, João! Muito honesto, trabalhador, respeitado por todos. Sempre o admirei pela devoção religiosa, embora as nossas religiões sejam diferentes. Nunca deixou de ir à missa e nas quermesses era você quem se encarregava de tudo. Temente a Deus, assim criou a sua família. O que houve com a sua fé?

– Minha fé agora está nisto aqui! – apontou um afiado facão, pendurado atrás da porta – Não vou ter descanso enquanto não acabar com os dois desgraçados que dizimaram a minha família!

– Compadre, que heresia! A vingança é um sentimento muito baixo e que fará encher de lama o seu espírito. Apesar de ter acontecido essa horrível tragédia, estava nos desígnios de Deus e você não pode se revoltar contra Ele. Isso não trará a sua família de volta e ainda fará de você um criminoso. Somente Deus pode dispor da vida de cada um. Com esta ideia de vingança, você está se considerando superior a Deus e achando que Ele cometeu uma injustiça levando a sua família.

– Joaquim, você tem mulher e filhos. Se Deus, de repente, resolvesse tirá-los de um jeito tão terrível, você continuaria com toda esta fé Nele? Você iria achar que Ele é justo?

– Você pode não acreditar, compadre, mas acho que teria humildade suficiente para achar que se Deus assim o fizesse é porque assim deveria ser e eu continuaria louvando-O. É necessário esclarecer que o Pai não castiga ninguém. Nós somos responsáveis pelo que nos acontece. Se não encontramos explicação nesta existência, com certeza, nossos dissabores são consequências de nossos erros numa encarnação anterior.

– Lá vem você de novo. Pimenta só dói nos olhos da gente, não é, compadre? Nos dos outros é colírio!

Você pensa que eu não sofro como você? Eu também amava a sua família, principalmente a pequena Corina que era a minha afilhada. Mas Deus sabe o que faz e nós, criaturas ainda tão inferiores, não devemos duvidar da justiça de nosso Criador. Se você fosse mais resignado e procurasse atividades caritativas, encontraria o consolo de que está necessitando. Até iria começar a compreender o motivo dessa tragédia.

João encheu mais um copo e bebeu com sofreguidão. Olhou o amigo com desprezo e arremessou:

– Olha, compadre, se não quiser perder a minha amizade é bom não me passar mais nenhum sermão. Quem sabe de minha vida e de meu sofrimento sou eu e mais ninguém. No dia em que eu fizer o que é preciso, vou ficar em paz.

– Paz, compadre? Com duas mortes na sua consciência?

– Quem mata animal tem dor de consciência, compadre?

Joaquim passou a mão pelos cabelos grisalhos, deu um profundo suspiro e resolveu cortar aquele assunto tão tenso.

– Compadre João, você vai colaborar com a família de D. Alzira?

– Claro que sim. Marta era muito amiga de Joaninha – assim dizendo, retirou do farnel um bom pedaço de carne, uma garrafa de óleo e um pouco de farinha. – recomendações a todos da casa – disse secamente.

– Que Jesus o abençoe, compadre. Como eu disse, antes, você tem um bom coração.

– Até mais, compadre. Amanhã nos veremos na roça. Há muito milho para ser colhido.

– Até mais, João Eleutério. Que os bons espíritos lhe façam companhia.

– A casa é muito pequena; não há lugar para tanta gente – disse João, dando uma sonora gargalhada.

Enquanto Joaquim se distanciava, João virava a garrafa de pinga, agora diretamente no gargalo. No fogão, a panela chiava e um cheiro de queimado já começava a se espalhar pelo lugar. Ele se aproximou cambaleando do fogão, retirou a panela e colocou-a no chão de terra batida. Jogou água na

lenha, espalhando fumaça por todo o barraco. Atirou-se no catre e adormeceu balbuciando o nome de Joaquina.

CAPÍTULO 2

Lá fora o vento se encarregou de varrer todas as nuvens. A Lua bela, com seu manto prateado e seu séquito de minúsculas estrelas, espiava a terra lavada. Milhares de vaga-lumes bailavam sobre as poças d'água. De vez em quando as copas das árvores se agitavam, jogando inúmeros pingos de chuva, que corriam céleres pelo chão e desapareciam no meio do matagal. Animaizinhos da noite espreitavam cuidadosamente o céu e subiam rápidos pelos troncos reclinados. Agora o céu era um manto bordado pelas mais variadas cores. Nenhum vestígio de nuvem. A tempestade havia passado. E a sinfonia da noite dominou o ar: grilos faziam dueto com sapos e de vez em quando um piado da coruja fazia a orquestra destoar.

A luz da Lua pintou de prata os telhados das casas, as folhagens das árvores e transformou em espelho o riozinho que corria manso. Era como um pintor que, com um pincel gigantesco, dava as suas pinceladas onde melhor lhe aprouvesse. A terra era prata, as plantações agitavam seus leques também argênteos. Os homens dormiam, enquanto Deus brincava de pintor e músico. Era a vida que brotava de cada torrão, de cada sementinha até então ali adormecida. A natureza cantava e louvava o seu Criador. Apenas o homem não ouvia: estava dormindo. Enquanto tudo se renovava, através das mãos do poderoso Arquiteto, o homem repousava, ignorando as maravilhas que se processavam em sua volta. Os sentidos dos homens, pobres criaturas, são muito rudimentares para perceberem as mágicas que são realizadas numa simples noite de luar.

A chuva operara milagres. Após a tempestade o ar se purificou, isento de miasmas insalubres. O dia amanheceu leve e brilhante. Logo aos primeiros raios do Sol, a sinfonia dos galos se fez ouvir. Já começava a faina diária. Via-se uma tênue fumaça saindo das chaminés de várias casinhas humildes. Os colonos, com a enxada nos ombros, dirigiam-se ao campo. Todos pareciam iguais: camisa xadrez, calça enrolada na barra, botina e o tradicional chapéu de palha. Os mais jovens passavam apressados, contando os seus casos, entre risinhos e suspiros. Já os mais idosos iam trôpegos, cabisbaixos, mas com determinação. Eram centenas de homens que

enfrentavam a trilha lamacenta. Aos poucos iam se separando, como que engolidos pela vegetação espessa das margens. Cada grupo ia para um setor. Quando quase todos já haviam desaparecido nos campos, João aparece sonolento na porta do seu barraco. Toma rapidamente uma caneca de café frio, põe o facão na algibeira e vai apressado para o milharal.

Enquanto os roceiros colhiam, carpavam ou plantavam, algumas mulheres apressadas dirigiram-se para a casa grande.

D. Nete já as esperava na varanda. Depois dos cumprimentos de praxe, foram para uma cozinha enorme, com uma mesa comprida ao centro. Uma a uma, as mulheres, no total de cinco, pegaram seus aventais e apetrechos para a faxina diária. Duas delas, as mais velhas, ficaram na cozinha preparando o café da manhã, enquanto as outras se dirigiram aos outros cômodos da casa para a arrumação costumeira.

D. Nete tinha uma aparência bondosa, porém seus olhos eram muito tristes. Era uma mulher esguia, de cabelos loiros, presos caprichosamente num coque. Suas mãos finas e muito alvas sempre acariciavam as plantas que enfeitavam sua casa. Era um ritual diário. Porém, enquanto suas mãos deslizavam pelas pétalas das flores, seus olhos fitavam o infinito, em profunda divagação. Parecia não estar naquele lugar. Quando alguém a chamava ou fazia um barulho, ela se estremecia toda, como que retornando de um local muito distante.

Foi exatamente assim que o seu marido Lucas a encontrou.

– Já em seus devaneios matinais, Nete?

Um leve rubor surgiu em sua face pálida. E, com o susto, espetou o dedo num espinho, deixando pingar uma gotinha de sangue em sua saia longa. Apanhou rapidamente um lenço no bolso e enrolou no dedo, antes de se virar para o marido.

– Bom dia, Lucas. Espero que tenha dormido bem.

– Bem? Como posso dormir bem com as preocupações que não me deixam um momento sequer? Se eu tivesse a cabeça de vento que você tem, aí sim, eu dormiria como um anjo.

– Ainda preocupado com a baixa dos preços do café?

– Ainda? Você me diz ainda? Em que mundo você vive, Nete? Você sabe o que significa essa redução nos preços do que vamos colher? Aperto,

arrocho, dispensa de colonos, menos conforto, menos viagens.

– Mas Lucas, o Padre Ênio já reuniu os outros fazendeiros e deu uma sugestão que eu achei interessante e viável: arrendar parte das terras para os colonos mais antigos e aproveitar os mais novos para cuidar das nossas plantações ou do gado.

– Nete, você está ficando louca? Esse padre é um comunista. O que ele quer é dividir o que temos com essa cambada de negros e de caipiras.

– Alguns fazendeiros que fizeram a experiência estão satisfeitos com os resultados.

– Sabe por que eles estão satisfeitos? Porque são muito pequeninhos; se contentam com muito pouco. Logo, logo, essa cambada de matutos está tomando as terras dele. Vai confiar nessa gentinha! Eu vou continuar tocando a fazenda do mesmo jeito. Tenho dinheiro suficiente para esperar essa crise passar. E se ele acabar, tenho certeza de que sou bastante esperto para consegui-lo de alguma maneira. Não demora nadinha e os preços vão estourar de novo. Já venho diversificando as culturas. Tenho pensado também em plantar algodão. Quem fizer a besteira de arrendar a terra vai se arrepender. Aí vai chegar a minha vez de dar boas gargalhadas e de ver esse tal de Padre Ênio enfiar a viola no saco e ir embora como um cachorro, com o rabo entre as pernas.

– Lucas, você fala de um jeito!

– Vamos deixar de conversa mole, que esse assunto é para homens. O café está pronto? Estou com uma fome de leão.

Os dois sentaram-se à mesa, em silêncio. Lucas possuía maneiras pouco educadas. Servia-se com gestos rudes e comia com sofreguidão. Era grande a diferença de comportamento do casal. Nete era suave. Fazia tudo com muito requinte e calma. Possuía um porte de rainha e irradiava uma beleza quase angelical. Tinha muito medo do marido. Conhecia-lhe o gênio estourado, a arrogância, porém sempre se refugiava no seu mundo interior. Era isso que a mantinha viva: facilmente se desligava do problema e deixava os sonhos, as lembranças do passado e a esperança tomarem conta de seus pensamentos.

– Recebi carta de meus irmãos – disse Lucas, interrompendo seus devaneios.

Um leve estremecimento percorreu o corpo de Nete.

– E o que dizem? – perguntou com a voz um pouco reticente.

– Estão pensando em passar uns dias aqui conosco.

Nete tornou-se pálida. Não queria acreditar no que seu marido estava dizendo. Roberto e Júlio eram rapazes farristas e já haviam aprontado por aquelas bandas. Nete suspeitava até que foram eles os autores da desgraça ocorrida com a família de João Eleutério.

– Mas eles não podem vir aqui! – a voz de Nete estava tão carregada de sentimento, que o próprio marido estranhou.

– Não podem vir aqui?! Posso saber por que, Nete? Se você está pensando no caso do João, ninguém tem prova de que foram eles. E mesmo se tivessem. O que poderiam fazer contra os Rocha Prado?

– Eles mesmos se acusaram, Lucas, fugindo na madrugada após o crime.

– O que é isso, Nete? Você está acusando abertamente meus irmãos, seus cunhados?

Notando que o marido já estava se exaltando, Nete não respondeu, preferindo se calar, a enfrentar a cólera de Lucas.

– Sabe qual é o seu defeito? – continuou Lucas, impertinente. – Você ouve demais o que dizem os empregados. Não se coloca no seu lugar de patroa. Divide com estes miseráveis o seu pensamento, a sua opinião. Então começa até a dar razão para eles. A metade de tudo o que há de terra por aqui é nosso, Nete. Somos donos de quase tudo. Dá para perceber a besteira que você falou?

– Mas é que o seu João Eleutério jurou se vingar do que fizeram com sua família.

Um sonoro murro na mesa foi a reação de Lucas, espalhando leite e café pela toalha muito alva, toda bordada caprichosamente por Nete.

– Você continua os acusando? – vociferou ele.

– Desculpe-me, Lucas. Acho melhor mudarmos de assunto e continuarmos o nosso desjejum em paz.

– Continue você. Para mim chega. Vou sair antes que eu perca de vez a cabeça.

Levantou-se, arrastando ruidosamente a cadeira. Foi até o porta-chapéus, pegou um e saiu batendo com força a porta da sala.

Duas pequeninas lágrimas rolaram pela face pálida de Nete. Esse era o seu dia a dia. Quando qualquer coisa contrariava o seu marido, ele se tornava muito violento, gritando e a tratando grosseiramente. Pensava em ir embora dali. Gostaria de ter coragem para partir. O que a segurava? Não sabia responder a esta pergunta que dia e noite martelava em sua mente. Deus não lhe dera nenhum filho. Por que então não se decidia a partir?

Ela gostava do campo. Passava horas sob as árvores frondosas, lendo ou bordando. Gostava de cuidar das plantas e seu passatempo predileto era cuidar do jardim que havia na frente da casa. Havia, ela própria, plantado todas as flores que naquela época exalavam um doce perfume pela casa. Apreciava, também, cavalgar pelos campos, sentindo o ar brincando com seus cabelos. Isto era, realmente, o que ela não gostaria de deixar.

Possuía uma bela casa em Nova Luz, cidade onde moravam alguns familiares. Mas, lá não havia o mesmo encanto. Apesar de estar perto da família, faltava o ar puro da fazenda, que tanto amava.

Nova Luz era uma cidade relativamente grande, com muito movimento. Era o maior centro comercial da redondeza, o que atraía um grande número de pessoas.

De vez em quando, Nete ia até lá para fazer compras, rever a família, mas, não via a hora de retornar ao campo.

À entrada de Mariana, a cozinheira, interrompeu seu pensamento.

– D. Nete, posso tirar a mesa?

– Ah, claro, Mariana, pode tirar. Seu Lucas já foi para o trabalho e eu já terminei. Por favor, peça à Gilda para lavar hoje mesmo esta toalha. Deixamos cair leite e café sobre ela.

– A senhora vai sair agora? Josias já selou seu cavalo.

– Vou, Mariana. Pegue o livro que estou lendo e coloque-o na minha mochila. E para a sobremesa do almoço não se esqueça de lavar algumas frutas que o seu patrão não dispensa.

– Mais alguma coisa, D. Nete?

– Não, Mariana, está tudo bem.

A cozinheira saiu com a louça e voltou trazendo uma pequena mochila de couro.

– Aí está, D. Nete – disse Mariana, estendendo a mochila. – Seu livro está aí dentro. Bom passeio!

– Até mais tarde, Mariana. Cuide de tudo, para não atrasar o almoço. Lembre-se que o seu Lucas é pontual.

– Pode deixar, D. Nete. Vou fazer tudo direitinho, como sempre.

Era um bonito animal, o cavalo preferido por Nete. Sua pelagem era castanha. A crina e a cauda douradas brilhavam ao sol, como se fossem fios de ouro. Possuía um porte altivo de campeão, porém era extremamente dócil.

Nete aproximou-se do animal, fez-lhe um carinho, ajeitou a comprida saia e montou. Logo estava cavalgando feliz pelo campo. Nem parecia a mesma pessoa. Conforme cavalgava, seu rosto ia ficando rosado e o seu semblante, antes tenso e triste, tornava-se radiante. Com o galopar do cavalo seus cabelos se soltaram e, agitados pelo vento, caíam em caracóis dourados pelos ombros. Ela estava exuberante. Era como se operasse em todo o seu corpo uma metamorfose. Ela e seu corcel pareciam figuras mitológicas que deslizavam pelas pradarias atapetadas de flores. Este era verdadeiramente o seu mundo, o seu momento de paz, de comunhão perfeita com a natureza, na qual se sentia perfeitamente integrada. Passou por regatos, subiu e desceu colinas matizadas de verde e, exausta, parou debaixo de um ipê totalmente florido. Saltou do cavalo, alisou suavemente sua crina e deixou-o descansar livremente. Por sua vez, sentou-se sob a árvore e entrou no mundo encantado do livro.

CAPÍTULO 3

O dia amanheceu abafado, com nuvens pesadas, prenunciando uma tempestade.

Nete estava agitada, com o coração oprimido, sentindo que alguma coisa iria acontecer. Nem mesmo o bordado que fazia estava conseguindo distraí-la. Ouviu passos na varanda, vozes, porém, permaneceu sentada, imaginando que fossem trabalhadores da casa. De repente, os seus cunhados entram na sala onde se encontrava. Chegavam barulhentos, sem se anunciarem. Nete levanta-se lívida, deixando cair a toalha que bordava. Ficou muda, olhando para eles como se visse fantasmas.

– O que estão fazendo aqui? – gaguejou.

– É assim que você nos recebe, Nete? Venha, dê-me um abraço de boas vindas – pediu irônico Roberto, o cunhado mais velho.

– Mas é que eu não...

– Não diga que Lucas não lhe contou que viríamos! – disse Júlio, dando uma sonora gargalhada.

– Ele contou sim, mas eu...

– Não acreditou que viríamos de fato? Ora, cunhada, depois de tanto tempo, começamos a sentir sua falta, saudades do mano e aqui estamos. Qual é o problema? – continuou Roberto, com ironia.

– Nenhum. Problema nenhum. Como estão? Como vieram? Não ouvi nenhum automóvel se aproximar.

– Deixamos o automóvel estacionado na antiga usina de açúcar. Queríamos fazer uma surpresa e acho que conseguimos. E Lucas, onde está?

– Está no campo, inspecionando a plantação de algodão.

Nete mal conseguia pronunciar as palavras. Um grande mal estar pesava no ar. De imediato, seu pensamento voou para João Eleutério. Precisava dar um jeito de afastá-lo dali, antes que fosse tarde e que sucedesse uma

desgraça. Ficou mais sobressaltada quando os viu retirarem da cintura armas e cartucheiras. Respirou fundo, tentando se controlar e balbuciou:

– Por que trouxeram estas armas?

Júlio pegou a arma na mão, acariciando-a e falou com sarcasmo:

– É para matar cobras, animais selvagens, praticar tiro ao alvo e, principalmente, caçar. Para que mais servem as armas, cunhadinha?

– Não deixam de ser também uma proteção, um salvo-conduto, completou Roberto.

– Por favor – Nete falava trêmula e cada vez mais pálida – guardem estas coisas. Não gosto de armas. Nem sequer de vê-las. Por favor, eu insisto.

Os dois se entreolharam, deram uma piscadela e com as armas e cartucheiras nas mãos, foram saindo da sala, dirigindo-se para o quarto que sempre usavam quando os visitavam. Antes de entrarem no quarto, cuja porta dava para a sala de estar, Roberto se voltou para Nete, que continuava estática no meio da sala, e desferiu:

– Cunhadinha, você já não é mais a mesma. Envelheceu e está tensa demais. Está precisando ir mais vezes a Nova Luz, tomar um arzinho de civilização. Está parecendo um bichinho do mato. Relaxa, cunhadinha, relaxa... Ah, e quando o Lucas chegar para o almoço, diga-lhe que já chegamos e fomos dar uns mergulhos na lagoa.

– Não será melhor que vocês descansem da viagem? Dormir um pouco...– sugeriu Nete trêmula.

– Ouviu essa, mano? Não disse que a cunhada está ficando velha? Até parece que estamos cansados. Queremos nos divertir, desde já. Continue seu bordado, Nete, continue. Não queira dar uma de mamãe para cima de nós. Já somos bastante crescidinhos.

Nete ficou sozinha, ruminando os últimos acontecimentos. Elevou o pensamento a Jesus e pediu-lhe, com todo fervor, que impedisse João Eleutério de se encontrar com eles antes que ela pudesse tomar algumas providências. Tinha uma ideia para afastá-lo dali, impedindo uma tragédia que sabia ser inevitável.

O calor continuava insuportável. Não havia nenhuma brisa. O ar sufocante deixava os lavradores cansados e indispostos. Nestas circunstâncias, alguns se dirigiam à lagoa cristalina que havia perto do

cafezal, para se refrescarem. Foi exatamente o que aconteceu por volta do meio-dia. Entretanto, voltaram rápidos, reclamando alguma coisa em tom de cochicho, que deixou João Eleutério curioso. Seus companheiros sussurravam e olhavam insistentemente para ele. Continuou o seu trabalho, tentando ignorar o fato, porém, um dos trabalhadores aproximou-se dele e propositadamente desabafou:

– Hoje a lagoa não está disponível para os pobres!

João sentiu que havia algo mais que um simples comentário do colega. Mesmo assim, não disse uma palavra, embora estivesse muito intrigado com tanto mistério.

Alguns minutos depois, vendo que todos retornaram ao trabalho, esgueirou-se pelo cafezal e pegou a trilha que levava à lagoa. Precisava saber quem estava lá, já que não era comum o pessoal da casa grande usá-la. Um terrível pressentimento invadia o seu coração, conforme ia se aproximando. Seus pés pareciam não querer chegar até aquele local, embora ansiasse para constatar aquilo que seu coração já pressentia.

Ao se aproximar, apertou o facão que trazia pendurado na cintura, quando ouviu risos e vozes estranhas. Apressou o passo e parou atrás de um arbusto, às margens da lagoa.

Ficou estarecido: lá estavam os assassinos de sua família, banhando-se como se fossem inocentes crianças! Instantaneamente empunhou o facão e se jogou no chão, arrastando-se qual serpente, para não denunciar sua presença. Sua intenção era mergulhar silenciosamente e surpreendê-los no meio da lagoa. “Enfim, vingarei a minha família! Não poderia haver lugar melhor para concretizar o que esperei durante longos anos. Matarei a ambos e os amarrarei no fundo da lagoa. Será um crime perfeito! Nem mesmo os meus colegas me viram sair do trabalho. Tudo está a meu favor”.

Mergulhou suavemente na água, com o facão entre os dentes. Deu algumas braçadas e, de repente, a água transparente se tornou esbranquiçada. Tentou nadar, mas não conseguiu sair do lugar. Aquela cortina branca parecia um campo de força! Pegou o facão e tentou inutilmente romper aquela barreira, com golpes violentos. Olhou para os lados e percebeu que aquela espécie de escudo o envolvia, impedindo que continuasse a nadar. O ar começou a lhe faltar e resolveu voltar à margem. Mal pensou e o escudo se rompeu, abrindo-lhe uma espécie de porta, por

onde passou rápido. Deu algumas braçadas e se viu novamente à margem da lagoa, no mesmo lugar onde havia mergulhado. Saiu da água sentindo-se aturdido, cansado, com falta de ar. Permaneceu estirado às margens, sem forças para se levantar.

“O que aconteceu?” – pensava intrigado. “Conheço esta lagoa como a palma da minha mão. Nunca vi algo parecido! Mas eles não perdem por esperar! Hoje tiveram sorte, mas nem sempre terão. Planejarei melhor, da próxima vez. E não haverá nada para impedir-me de realizar o que espero há tantos anos!”

De repente, o céu foi ficando completamente encoberto pelas nuvens. O vento começou, a princípio manso, depois impetuoso, varrendo as plantações, as estradas de terra, levantando redemoinhos de poeiras, folhas e pequenos galhos. Os relâmpagos cruzavam o céu, seguidos de trovões que faziam balançar as enormes vidraças da casa grande.

Nete continuava bordando na sala. Os empregados da casa estavam espalhados, cada um cuidando de suas obrigações diárias. A cozinheira entra se desculpando:

– D. Nete, posso lhe servir o almoço? Já está ficando tarde e a senhora ainda não comeu nada.

– Obrigada, Mariana, mas vou esperar o Lucas. A tempestade deve tê-lo surpreendido na roça. Além disso, Roberto e Júlio também devem almoçar conosco.

– A senhora gostaria de um suco?

– Não se preocupe, Mariana, não estou com fome. Vou aguardá-los mais um pouco.

Nete se voltou novamente para o bordado. Mas não estava conseguindo se distrair. Pensava constantemente em João. “Será que ele já sabe? Os meus cunhados já o viram? Assim que Lucas almoçar e retornar ao campo, vou procurar João. Vou convencê-lo a ir para a fazenda Jequitibá, do outro lado da serra. Assim, ele ficará distante e dará tempo para os meus cunhados irem embora. Se for necessário pedirei ao Sr. Joaquim para me ajudar a convencê-lo.”

Estava assim absorta nos seus planos, quando um ruído de passos a fez levantar-se. Era Lucas que entrava completamente molhado.

– Diacho, esta chuva me pegou desprevenido. Nem tive tempo de correr para o galpão.

Nete ajudou-o a retirar a camisa encharcada, recomendando:

– Vá tomar um banho bem quente. Vou mandar servir o almoço, enquanto isso. Acho que você ainda não sabe que seus irmãos chegaram.

– Chegaram? Por que não me disse logo? – estava se dirigindo para o quarto de visitas, quando Nete esclareceu:

– Mas, já saíram. Foram nadar.

Uma ruga de preocupação vincou a testa de Lucas. Nete percebeu, porém não disse absolutamente nada.

– Bem, isto significa que já estão se distraindo. Vou tomar um banho. Não mande servir o almoço ainda. Vou esperar meus irmãos.

Uma hora depois, os irmãos de Lucas chegaram. Tomaram banho e foram se reunir à mesa com o irmão e a cunhada.

Sem ao menos cumprimentá-los, Lucas disse aborrecido:

– Não se atrasem novamente para o almoço. Aqui nós temos um horário a seguir. Hoje os esperei por causa da chuva. Imaginei que se abrigaram no galpão. Estou certo?

– Isso mesmo. Corremos para lá tão logo começou o vento.

– Reviram os antigos trabalhadores? – perguntou Nete, não conseguindo disfarçar a preocupação.

– Não, cunhadinha, não vimos o Sr. João Eleutério. Não é isso realmente o que quer saber? – respondeu Júlio irônico.

– Não vamos começar a falar de empregados na mesa, não é, Nete? – olhou para ela como se a fuzilasse.

– Não tive a intenção de aborrecê-lo, Lucas. Mas vamos almoçar em paz.

Assim, o almoço na casa grande transcorreu como sempre para a pobre Nete. Flechadas do marido, acrescidas de ironias e brincadeiras maldosas dos cunhados. Imaginou que os dias seriam longos demais para ela. E, enquanto os três conversavam animadamente na sala, aproveitou-se para sair em busca de João Eleutério. Antes, pediu a Mariana que servisse um café para os homens e, se Lucas perguntasse por ela, deveria dizer que fora buscar umas costuras na casa de D. Alzira.

A chuva já havia se acalmado. Apenas chuviscava. Pegou o seu cavalo na cocheira e tomou a trilha que levava até o cafezal. Se bem conhecia João, com certeza ele já estaria trabalhando, mesmo com aquele chuvisco. A saia comprida ia se impregnando de respingos de lama.

Após o fato ocorrido na lagoa, João Eleutério, ainda aturdido, voltara à lavoura discretamente, sem se importar com a chuva e reiniciara o seu trabalho. Sua cabeça fervilhava. Tentava compreender o que houve naquele lago, porém não achava nenhuma explicação. Até parecia que fora vítima de uma alucinação.

Ainda estava naquele emaranhado de pensamentos e não percebeu a chegada de D. Nete. Ela saltou do cavalo e se aproximou determinada.

– Preciso falar com o senhor, João Eleutério!

Um estremecimento o fez voltar à realidade e, curioso, indagou:

– Falar comigo agora? Aconteceu alguma coisa na casa grande?

– Não aconteceu nada... Quero dizer, aconteceu sim, mas não na minha casa. Estou precisando de sua ajuda.

– Pode pedir, D. Nete. Sou seu criado.

– Não, João Eleutério. O senhor não é meu criado. É meu amigo e eu tenho muito respeito e consideração pelo senhor. Além disso, confio totalmente no seu trabalho, na sua dedicação. E é por esse motivo que estou aqui. Tenho uma tarefa de grande importância a ser realizada e o senhor é a pessoa certa para executá-la.

João a olhou bastante intrigado.

– Do que se trata, D. Nete?

A mulher olhou em volta, percebendo a curiosidade dos outros trabalhadores que também já haviam retornado ao trabalho. Notou que, naquele instante, interromperam sua tarefa e os observavam, curiosos.

– Acho melhor irmos até sua casa. Lá conversaremos. Vou à frente e ficarei esperando pelo senhor.

Tomou as rédeas, montou rapidamente e se embrenhou pela trilha que a levaria até a choupana de seu fiel empregado.

Por sua vez, João pegou um atalho e chegaram quase ao mesmo tempo. Abriu a porta rústica de sua casa e convidou a patroa para entrar,

oferecendo-lhe uma cadeira.

– E então, D. Nete, pode me dizer do que se trata? Confesso que estou curioso.

Nete olhou em volta e se deteve na foto de Joantina e de suas duas filhas. Sentiu um estremecimento e, ao mesmo tempo, uma emoção muito grande. Procurou disfarçar seus sentimentos e foi direta ao assunto:

– Sr. João, chegou ao meu conhecimento que a Fazenda Jequitibá está enfrentando um problema muito grave. Como sabe, quem está tomando conta dela é o Sr. Juca Mineiro. Soube, porém, que ele está bastante adoentado e sem condições de administrar o trabalho que não é pouco. Ele tem o filho que o ajuda muito, porém, nesta época ele vai diariamente a Nova Luz vender os produtos da fazenda na feira. Então, vim lhe pedir um grande favor: o senhor poderia passar algum tempo na fazenda Jequitibá, até que o senhor Juca se recupere?

– Eu, sair daqui justo agora? – retrucou, quase gritando.

Nete percebeu que ele já sabia da chegada de seus cunhados. Porém, disfarçou a surpresa e continuou com voz muito doce:

– Sei que o senhor está, no momento, envolvido com o trabalho no cafezal e que é quase indispensável; porém, já consegui transferir alguns trabalhadores de outro setor para substituí-lo. Depende do senhor aceitar ou não esse encargo. Se concordar, mandarei preparar a charrete imediatamente. E lhe digo mais: a sua ajuda será muito importante para mim.

João Eleutério coçou a cabeça, contrariado, foi até o fogão procurar uma brasa para acender seu cigarro de palha. Deu uma longa tragada, puxou uma cadeira e sentou-se bem de frente à D. Nete.

– A senhora vai desculpando o mau jeito, a minha franqueza, mas tem certeza de que este é o verdadeiro motivo para me mandar à Jequitibá?

Ela se tornou vermelha e admirou a perspicácia de seu empregado. Mais uma vez se conteve.

– Sr. João Eleutério, o senhor é um homem inteligente e sei que nunca poderia enganá-lo. Mas, realmente, estou necessitando de sua ajuda naquela fazenda.

– Por que o Sr. Lucas não me disse nada? Sempre é ele quem decide estes assuntos.

– Ele está muito preocupado com a colheita do algodão. Passa a maior parte do dia naquela lavoura. E tem outra coisa: o senhor sabe que ele nunca se preocupou muito com aquela fazenda que, segundo ele, só dá prejuízo. Eu tenho um carinho muito grande por aquelas terras. Foi lá que meus pais viveram logo depois de casados e também onde nasci. É por mim que estou lhe pedindo esta ajuda.

– Está bem – suspirou o negro ainda um tanto inconformado. – Irei para lá verificar o que está acontecendo.

– Ótimo! Sabia que poderia contar com o senhor! Vou mandar preparar a charrete que irá levá-lo. Pensei na charrete porque quero que o senhor leve alguns materiais que o Sr. Juca me pediu há algum tempo. Fique preparado, Sr. João. Agradeço a sua compreensão e boa vontade.

– Faço isso em consideração pela senhora, que sempre foi muito boa pra mim.

Nete acenou sorrindo, já montada no seu maravilhoso corcel e disparou de volta à fazenda. Foi direto às cocheiras e mandou atrelar um cavalo na charrete, dando ordens para carregá-la com alguns materiais que estavam separados no galpão, buscar João Eleutério e levá-lo até a Fazenda Jequitibá.

Isto feito suspirou aliviada e se preparou para a segunda parte de seu plano. Procurou seu Joaquim, o compadre de João, que cuidava da plantação de milho.

Ele não pareceu surpreso com a chegada intempestiva de D. Nete.

– Boa tarde, D. Nete. Já estava esperando pela senhora.

– Estava me esperando? Como sabia que eu viria?

– Pressentimento, D. Nete. Pressentimento. É a respeito do compadre João, não é?

– Sim, Sr. Joaquim, é sobre ele mesmo – respondeu cada vez mais espantada. – Quero que sele imediatamente um cavalo e vá até a Jequitibá. Não me pergunte por que, mas diga ao Juca Mineiro que João Eleutério está indo para lá e que ele confirme que está um pouco adoentado e que não está dando conta de administrar a fazenda. Mas o senhor tem que ser muito

rápido. Pegue um atalho e vá agora. O senhor tem que chegar até lá e voltar sem que o Sr. João perceba. Entendeu?

– Muito mais do que a senhora imagina. Cumprirei a sua ordem imediatamente. Vou pela invernada. Ganho léguas de vantagem.

Nete suspirou aliviada. Pediu ao cocheiro para tirar a sela de seu cavalo e retornou esbaforida à casa grande.

Todos já estavam sentados à mesa para o jantar. Lucas tamborilava impaciente e os cunhados contavam piadinhas sem graça.

– Puxa, até que enfim! – disse Lucas em tom rude. – Onde você se meteu?

– Estava cavalgando e me distraí um pouco. Mas por que não jantaram sem mim?

– Sabe que gosto de ser servido por você.

Os cunhados deram risadas e Júlio desferiu:

– Entre tantas criadas, você é a preferida, minha cunhadinha.

– Não sou uma criada, Júlio. Sou esposa de Lucas e ele está acostumado a ser servido por mim. Isto não me diminui nem um pouco. Faço-o com muito prazer. E se me permitem, vou tomar um banho rápido e dar ordem para Mariana servir o jantar.

Nem bem ela saiu, Lucas se dirigiu aos irmãos, em tom de desaprovação:

– Não permito que desrespeitem a minha mulher. Acho bom mudarem o tom quando se dirigirem a ela.

– Ora, Lucas, nós estávamos brincando – respondeu Júlio irônico.

– É isso mesmo, mano. Que é? Agora está se bandeando para o lado da mulherzinha? Acho bom refrescar a sua memória...

– Pare! – interrompeu Lucas. – Nem mais uma palavra. Este assunto está morto e enterrado. Não admito que remexam no passado. Vocês não têm esse direito!

– Calma, Lucas – pediu Roberto. – Não precisa desta gritaria toda. Se a cunhadinha soubesse, muita coisa ia mudar, não? Você perderia não só esta fazenda, como a Jequitibá. E outras coisas mais aconteceriam, não é?

Lucas se levantou, lívido, foi até o irmão, puxou-o pelo colarinho e vociferou:

– Nunca mais insinue nada, Roberto. Ou não responderei pelos meus atos.

Nesse instante, Nete entrou na sala e olhou espantada para os três.

– O que está havendo, Lucas?

Lucas, desconcertado, soltou o irmão e sentou-se ruidosamente à mesa.

– Nada, Nete. Não está acontecendo nada. Apenas divergências de opiniões entre irmãos.

Fez-se um silêncio sepulcral, enquanto Mariana servia o jantar. Só se ouvia o tilintar dos talheres e das travessas de porcelana que eram colocadas sobre a mesa, com iguarias requintadas.

O jantar transcorreu num clima pesado, tenso.

CAPÍTULO 4

A Fazenda Jequitibá trazia muitas lembranças para João Eleutério. Fora ali que conhecera a sua amada Joaninha. Porém somente agora, após quinze dias de sua chegada à fazenda, é que criara coragem para rever a casinha humilde onde morava a sua doce amada, quando ainda estavam namorando.

À medida que se aproximava do lugar, seu coração batia descompassado e a saudade feria o seu peito. Passou pelo mesmo bosque de pinheiros e, quase sem fôlego, percebeu que estava chegando. Deu uma pequena parada para respirar e preparar o seu espírito. Logo depois ficava a casa de Joana. Respirou fundo tomando coragem e rapidamente dobrou a curva.

Ficou paralisado com o que viu: lá estava a casinha, tal como antes. Toda pintada de branco, janelas e porta azuis. Era como se o tempo, ali, houvesse parado. Grossas lágrimas rolaram por sua face vincada pelo sofrimento. Fixou os olhos na janela e teve a nítida impressão de vê-la debruçada no parapeito, sorrindo para ele. Viu os seus cabelos caprichosamente trançados e presos no alto da cabeça por uma fita colorida.

– Não é possível, estou sonhando! – murmurou confuso e trêmulo, explodindo em um choro convulsivo.

Sentiu suas pernas fraquejarem e caiu de joelhos na terra ressequida. Fechou os olhos, querendo guardar para sempre em sua memória aquela visão tão doce! Após alguns segundos, que lhe pareceram horas, se recompôs, enxugou as lágrimas que anuviavam sua vista e qual não foi a sua surpresa quando se deu conta de que a linda casinha de Joana, que acabara de ver, em perfeito estado de conservação, não passou de uma visão momentânea. Não mais a janela pintada de azul que emoldurava a figura risonha de sua amada. Só havia ruína. O telhado havia desabado e apenas metade de uma parede teimava em ficar de pé.

Aproximou-se mais, esfregou os olhos, tentando novamente ver aquela imagem tão real. Tudo em vão: somente destroços, nada mais.

Tresloucado correu para o monturo de tijolos, telhas quebradas, madeira apodrecida, como se quisesse reconstituir aquela cena que acabara de

presenciar. Alisou a meia parede que permanecia intacta, sondando cada centímetro, como se fosse encontrar ali algum vestígio de sua esposa querida.

Assim permaneceu horas a fio, remexendo o amontoado de lixo, empilhando tijolos, tentando loucamente reconstruir a casa e ver Joaquina à janela, sorrindo para ele. Exausto, abandonou aquele lugar e cambaleante pegou a estrada de volta.

Andou como um demente, sentindo a sua cabeça estourar de dor. Não sabia sequer para onde estava se dirigindo. Queria apenas fugir dali para que a dor não lhe despedaçasse o peito. Já havia escurecido. Apenas a Lua cheia clareava o caminho. Avistou uma tênue luz entre as árvores. Caminhou para lá, buscando um abrigo. A porta estava aberta. Sem identificar onde se encontrava, entrou. Precisava descansar. Olhou em volta e viu bancos compridos enfileirados. Um cheiro de incenso pairava no ar. Sentou-se num dos bancos e olhou à sua frente: um pequeno altar e lá no alto uma cruz. “Estou na capela”, pensou emocionado. “Na capela onde se casou com Joaquina”.

Sentiu a paz do lugar, contemplando emocionado a cruz. Deu-se conta de que há muito tempo nem se lembrava de Deus. Com os olhos orvalhados se atirou de joelhos, suplicando ao Pai que aliviasse o seu sofrimento. Seu corpo foi se tornando pesado e sentiu muito sono. Deitou-se num dos bancos e imediatamente dormiu.

Uma luz intensa espalhou-se pela capela. O Espírito Joana aproximou-se amorosamente de João, pousando suas mãos suavemente em sua fronte. Com aquela projeção intensa de fluidos os sentidos do sofrido homem se entorpeceram completamente e o seu espírito se desprende do corpo.

– Joaquina, minha amada esposa! Você está viva! – disse João emocionado, correndo para abraçá-la.

Joana, com extremo amor, afagou a sua cabeça grisalha.

– Mas o que aconteceu? Será que eu morri? Eu a vejo tal como há anos: você não envelheceu, Joana!

– Meu caro João, o espírito não tem idade. Apenas você me vê como me conheceu quando encarnada.

– Encarnada? Você está falando como o compadre Joaquim. O que aconteceu, Joana? Estou confuso.

– Calma, meu amado. Vim lhe trazer alguns esclarecimentos. A vida não acaba, João! Apenas deixamos aqui na Terra o nosso corpo, os nossos restos mortais. Tal como se nos livrássemos de uma roupa que não mais nos serve. Porém o espírito é eterno: jamais perece. Mas você, meu querido, não desencarnou. Sua missão na Terra ainda não acabou.

– Agora estou entendendo: você morreu, mas sua alma foi para o céu. Claro, só pode ser isso. Você sempre foi um anjo e agora está ao lado direito do Pai. E eu estou tendo a honra de ser visitado por você, minha querida esposa! Então a visão que eu tive na sua velha casinha foi real. Você já estava perto de mim. Fui trazido a esta capela por você, minha santinha!

João Eleutério continuava falando sem parar, com a voz entrecortada, completamente dominado pela emoção.

Duas outras entidades se postaram às suas costas, emitindo-lhe fluidos benéficos que, aos poucos, foram acalmando o espírito conturbado.

– Não é bem assim, João – disse Joana tranquilamente. – Não sou nenhum anjo. Recebi uma concessão muito especial, por misericórdia do Pai, para lhe fazer uma visita. Continuo sendo o que sempre fui, enquanto encarnada. Como eu já lhe disse, não tenho mais o corpo físico, que se torna desnecessário neste Plano Espiritual. Precisava muito alertá-lo. Gostaria que você visse algumas imagens.

Mesmo antes que João dissesse qualquer coisa, a visão de Joana desapareceu de sua frente e ele viu-se num cubículo horrível, onde apenas um pequeno fecho de luz permitia que ele visse o seu próprio corpo seminu e com chagas dolorosas causadas por torturas. Ratazanas enormes passavam pelo seu corpo, mordendo sua carne sangrenta.

Tentou livrar-se delas, porém quase não conseguia mover as pernas e braços, acorrentado que estava naquele lugar fétido. Começou a gritar desesperado e ouviu passos que se aproximavam de sua cela. Esperançoso, dirigiu a sua atenção para a porta de ferro à sua frente. A chave girou e a porta se abriu, deixando entrar uma luz que o cegou momentaneamente. Viu a silhueta de um homem que trazia um chicote nas mãos.

– Pare de berrar, João Eleutério! Aqui ninguém irá ouvi-lo, seu negro nojento.

João estremeceu. Aquela voz era familiar. Firmou a vista e viu Lucas, seu patrão, que o fitava com ódio.

– Seu Lucas – conseguiu falar, com enorme esforço. – O que estou fazendo aqui, preso neste cubículo? Por que estou aqui? O que eu fiz de mal, para o senhor me tratar assim?

– Não se lembra, seu negro imprestável? Você matou meus dois irmãos. Eles poderiam sobreviver se você os tivesse ajudado. Ninguém desconfiou de sua ação homicida, porém eu sei que você foi o responsável. Você se vingou, finalmente, e agora chegou a minha vez de fazê-lo pagar pelo seu crime. Vai apodrecer nesta prisão, seu miserável, e vai lamentar profundamente pelo seu erro. Já deu para perceber que onde você está ninguém poderá ouvi-lo, nem salvá-lo. Sentirá estas ratazanas famintas devorando seu corpo. Jamais se livrará de mim, mesmo porque tenho toda uma falange de ajudantes para vigiá-lo noite e dia. Esta é a minha justiça.

Imediatamente a cena desapareceu de sua frente e novamente viu Joaninha olhando-o com intenso carinho.

– Joaninha, o que foi isso? Onde eu estava? Que pesadelo horrível!

O negro suava intensamente. Mais uma vez os dois espíritos usaram fluidos amorosos e ele foi se acalmando.

– João, meu querido. Ouça atentamente o que vou lhe dizer: perdoa os irmãos Rocha Prado. O ódio gera ódio. Esqueça a sua ideia de vingança. A vida aqui na Terra é passageira, mas o que fizer de errado, enquanto nela estiver, carregará por muito tempo, causando-lhe sofrimentos atrozes. Tudo que fizer de mal ao nosso semelhante terá que resgatar através de muita dor. Somente através do amor, do perdão alcançaremos a verdadeira felicidade. Não foi à toa que nossas filhas e eu passamos por aquela dura provação. Também não é sem motivo que você está sofrendo esta dor tão grande. Está resgatando uma grande dívida, meu querido. Dívida contraída em encarnações anteriores. É necessário quebrar este círculo de ódio. O que você viu é uma pálida amostra do sofrimento que terá, se continuar com tanto ódio no coração. E não pense que a morte do corpo nos afasta de nossos inimigos. Eles continuam nos perseguindo impiedosamente. Apenas através do amor, conseguiremos reverter este quadro. Lembre-se: nós colhemos exatamente o que plantamos.

– Mas, e as nossas filhas, como estão? Por que não vieram com você?

– Elas estão bem, meu querido, muito bem, fique tranquilo. Continuamos juntas, porém não lhes foi permitido visitá-lo. Confie na bondade e justiça infinitas do Pai. Não queira ser o carrasco. É preferível estar, temporariamente, na condição de vítima do que de algoz, embora seja difícil para você compreender e aceitar. Força, querido. Ame. Perdoe.

Joaninha foi desaparecendo e João gritou desesperado, tentando segurá-la:

– Não me deixe, Joaninha. Por favor, não me deixe. Volte, volte, não me abandone.

Nesse instante, João Eleutério acordou, debatendo-se e ainda gritando como um louco. Abriu os olhos e deu de cara com o Juca Mineiro.

– João, você está bem? O que aconteceu, homem? Estamos procurando por você há muito tempo. Pensamos que havia acontecido uma tragédia. Todos estão espalhados por aí, à sua procura. Tive ímpeto de procurá-lo aqui na capela e acertei em cheio. Aí está você, homem, berrando como um condenado.

João levantou-se de um salto e correu pela capela como um demente, gritando, com os olhos esbugalhados:

– Joaninha, Joaninha! Onde você está? Volte, Joaninha, volte! Não faça isso comigo, por favor. Fale comigo, responda!

Juca Mineiro o olhava espantado e ao mesmo tempo muito preocupado. Aproximou-se cauteloso, pôs as mãos nos seus ombros e compadecido murmurou:

– João, meu amigo, acalme-se. Você deve ter sonhado. Respire fundo. Com certeza foi este lugar que o deixou tão agitado e eu compreendo bem por quê. São fatos passados, meu caro amigo, que jamais esqueceremos. Mas a vida continua. Tenha força. Você sabe que está entre velhos amigos nesta fazenda. Apoie-se em nós, conte conosco!

João foi se acalmando com as palavras carinhosas do amigo. Sentou-se, enxugando as lágrimas com as costas das mãos.

– Parecia tão real, Juca! Eu me lembro perfeitamente de Joaninha ter vindo me visitar. Só não consigo lembrar do que ela me disse. Sei que veio me falar muitas coisas, mas estou confuso, por mais que eu me esforce não

me lembro de nada. Só ficou aquela imagem dela na minha frente, tal como antes, sem tirar, nem pôr.

– Como lhe disse antes, tudo foi causado por este ambiente, pelas recordações... Joaninha, com certeza, está no céu, juntamente com Corina e Jerusa. O padre Ênio vai passar por aqui nos próximos dias. Vou lhe pedir para celebrar uma missa pela intenção das três. Fique tranquilo, meu amigo. Tudo vai passar. Agora vamos voltar para casa. Você está precisando de um bom banho e de cama. Imagino quanto tempo deve ter ficado dormindo neste banco duro.

Docilmente, tal como uma criança, João Eleutério se deixou conduzir pelo amigo. Porém, antes de cruzar a porta da capela, olhou para trás, ainda com a esperança de ver a sua amada esposa. Suspirou profundamente e seguiu com Juca Mineiro para a sede da fazenda Jequitibá.

CAPÍTULO 5

Na grande fazenda da família Rocha Prado, o trabalho estava intenso. Os lavradores intensificaram suas atividades por causa da colheita do café. Lucas era um patrão exigente e, ao menor ato de insubordinação dos empregados, simplesmente os mandava embora, sem ao menos dar a oportunidade de se defenderem. Era intransigente e nem sempre cumpria os contratos, despedindo-os sem se preocupar em pagá-los devidamente.

Jânio era um empregado antigo, que se encontrava adoentado. Havia trabalhado com afinco no período da manhã, entretanto, ao retornar do almoço sentiu-se mal e deitou-se debaixo dos pés de café. Foi assim que Lucas o encontrou. Furioso, saltou do cavalo e aproximou-se brandindo o seu inseparável chicote.

– Jânio, levante-se já daí e retorne ao trabalho. O que você pensa que está fazendo, seu preguiçoso? Agora deu para encostar o corpo, imprestável? – berrou estridente, fazendo o pobre coitado estremecer e agitando o resto do grupo de trabalhadores.

– Seu Lucas – gaguejou o velho trabalhador, levantando-se com dificuldade – não estou me sentindo bem. Deitei-me um pouco para ver se melhorava. Meu corpo está dolorido.

– Você está tentando me convencer de que está doente? Conte outra, velho. O que você tem é excesso de cachaça. Aliás, é a doença de todos por aqui – olhou em volta, referindo-se aos outros lavradores que, por um instante, pararam a colheita. – E tem mais – completou ameaçador, dirigindo-se aos outros colonos. – Se não continuarem o trabalho, despedirei um por um, como estou fazendo agora com o Jânio.

– O senhor está me despedindo, seu Lucas? Mas eu expliquei para o senhor: estou doente mesmo. Não é bebida. Eu nunca bebi. O senhor sabe disso.

– Você explicou, mas não me convenceu. Continuo afirmando: isto é efeito do porre de ontem. Vamos logo. Sacode o seu corpo daí, junta as suas

tralhas e vá embora. Quando eu voltar mais tarde, não quero vê-lo mais. Estamos entendidos?

Os olhos de Jânio fuzilaram o patrão. Aproximou-se dele com ódio e, dedo em riste, gritou:

– Não é tão simples assim. Só saio daqui depois que o senhor me pagar tudo que me deve. Não vou me dobrar como os outros. Não sou o idiota que o senhor pensa. Pelas minhas contas o senhor me deve dois meses de trabalho, mais férias e outros direitos. Vou atrás de um advogado. Não vou ficar de braços cruzados como os outros que o senhor dispensou, sem mais nem menos.

Lucas estava vermelho de raiva. Nunca nenhum empregado lhe falara naquele tom. Sacou de sua arma e apontou para ele:

– Quem você pensa que é, seu sem eira nem beira? Saia daqui agora, antes que eu estoure os seus miolos.

Todos os lavradores pararam para presenciar a cena, colocando-se lado a lado com o colega ameaçado. Lucas ficou possesso, porém notou que todos empunharam o facão, determinados a defenderem o velho companheiro. Guardou a arma a contragosto, puxou as rédeas do cavalo, montou-se e esbravejou já se sentindo mais protegido:

– Você escutou, não é, Jânio? No final da tarde voltarei e não quero vê-lo mais por aqui, a menos que não preze sua vida e a de sua família.

– Vocês ouviram, companheiros? Se acontecer alguma coisa comigo e com a minha família já sabem: foi o patrão. Aliás, é de praxe esta atitude dos Rocha Prado: não vacilam em matar quando se sentem ameaçados.

Lucas não aguentou a provocação e jogando o cavalo sobre Jânio desferiu-lhe uma chicotada no rosto, fazendo o sangue escorrer por sua face já enrugada. E, antes de qualquer reação do grupo, esporeou o cavalo, batendo-se em retirada.

Os amigos boquiabertos com a violência aproximaram-se de Jânio que caíra no chão, com as mãos na face cortada.

– Acho melhor você ir embora, Jânio. A corda sempre arrebenta pelo lado mais fraco. Nós sabemos que ele é capaz de tudo. Ainda mais agora que seus irmãos estão aí. Andam armados e não fazem nenhuma questão de

esconder as armas. Pelo contrário: andam acintosamente com elas na cintura.

– Eu sei disso. Mas eles não perdem por esperar. Não vou me calar como os outros fizeram. Vou realmente procurar meus direitos. Brevemente terão notícias minhas, vocês vão ver!

Jânio acenou para todos, pegou seu facão, colocou na algibeira e bateu em retirada.

Os companheiros cabisbaixos voltaram ao trabalho.

O trabalhador realmente estava decidido. Chegou em casa, reuniu seus pertences e os de sua família e partiram para Nova Luz. Ele sabia que não adiantava teimar. O melhor mesmo era sair da fazenda antes que o patrão e seus irmãos fizessem com eles o que fizeram com a família de João Eleutério. Mas não havia desistido de receber o que tinha direito. Afinal trabalhara duro todos estes anos para agora abrir mão do dinheiro que fizera jus.

Mal chegando em Nova Luz acomodou a sua família na casa de um irmão e procurou um advogado. Por recomendação do próprio irmão foi ao Dr. Sampaio, que costumava defender a classe operária. Estava otimista e aguardou com certa ansiedade ser recebido pelo mesmo.

Após uma hora de espera, que lhe pareceu um século, foi encaminhado pela secretária até o gabinete do defensor.

– Boa tarde, senhor... – cumprimentou o advogado, indicando-lhe uma poltrona à sua frente.

– Jânio Almeida, seu criado.

– Muito prazer, Sr. Almeida. Fique à vontade. O que o trouxe aqui?

– Problemas com o patrão, Doutor. Fui despedido e ele não me pagou sequer o salário atrasado dos últimos dois meses. Além disso, ameaçou publicamente a mim e à minha família.

– Realmente isto é grave. Será que as pessoas que ouviram a ameaça estarão dispostas a depor, se necessário?

– Acredito que sim. São meus amigos de longa data.

– Bem, Sr. Almeida, qual foi o motivo da demissão? Certamente houve um motivo, não?

– Sim e não. Ou seja, no meu modo de ver as coisas, não foi um motivo justo. Na verdade eu estava muito indisposto naquele dia. Trabalhei muito no período da manhã, embora já estivesse sentindo dores no corpo, calafrios e dor de cabeça. Depois que almocei retornei com dificuldade ao trabalho e não conseguia sequer parar de pé. Deitei-me debaixo do cafezal para descansar e recuperar a força. Foi quando meu patrão chegou e foi logo achando que eu estava de ressaca, que eu era preguiçoso e chegou até a me chicotear no rosto. Veja! – virou-se de perfil para o advogado mostrando o corte ainda não totalmente cicatrizado.

– Isso é muito grave. Demissão seguida de agressão. Acho que o senhor já tem uma causa ganha. Pode até pedir indenização por danos morais. Realmente o seu patrão está encrencado. Ainda mais com testemunhas. Mas, me diga, Sr. Almeida, quem é o seu patrão? Pelo que entendi é um fazendeiro da redondeza. De quem se trata?

– De Lucas Rocha Prado.

O advogado empalideceu, engasgando-se com a água que tomava. Olhou demoradamente para o lavrador e se desculpou, meio sem jeito:

– Sinto muito, Sr. Almeida, mas não posso pegar esta causa. Procure outro casuístico. Lembrei-me que estou com a agenda cheia. Não posso defendê-lo – dizendo isso, levantou-se, estendendo a mão para o trabalhador que o olhava sem entender nada. – Uma boa tarde para o senhor. Passe bem. Desculpe pela pressa, mas tenho uma audiência marcada para daqui a dez minutos.

Jânio ainda sem entender tentou interpelá-lo, porém ele se apressou a abrir a porta e conduzi-lo imediatamente para fora. Meio indeciso não sabia se seguia em frente, se insistia em pedir para o Dr. Sampaio pegar a causa. “Estranho” – pensava ele – “foi só eu dizer o nome do Sr. Lucas e ele voltou atrás. Ele me pareceu tão entusiasmado com a causa. Chegou até a dizer que eu a ganharia”.

Imerso em pensamentos contraditórios, Jânio ganhou a rua e determinou-se a procurar um advogado que o defendesse, mesmo que isso custasse o dia inteiro perambulando pela rua. Duas quadras dali avistou uma placa: “Dr. Marcos Coelho e Dr. Caetano Pena – advogados – causas cíveis, criminais e trabalhistas”. Nem pestanejou: entrou na casa antiga onde estavam instalados os gabinetes. Uma sala espaçosa era a recepção. Jânio se

deteve na enorme estátua da justiça e pensou : “Será que a justiça realmente é cega? Será que todos são punidos da mesma maneira, sem preferências?” Assustou-se quando a secretária se aproximou, perguntando:

- O senhor deseja alguma coisa?
- Quero falar com um dos advogados.
- Sobre o quê?
- Problema trabalhista.
- Marcou horário?
- Não, porém, não estou vendo ninguém esperando aqui na sala.
- É que o Dr. Caetano, advogado trabalhista, só atende com hora marcada.
- Posso então marcar um horário?
- Vou pegar a agenda. Aproxime-se de minha escrivaninha. Tenho que pegar os seus dados.

Jânio aproximou-se, sentando-se na poltrona, junto à escrivaninha da secretária.

- Nome...
- Jânio Almeida.
- Profissão...
- Sou agricultor.
- Onde o senhor trabalha?
- Trabalhava. Fui despedido. Por isso estou aqui. Fui mandado embora porque...
- Não preciso deste dado agora – interrompeu a jovem com um pouco de impaciência.
- Onde o senhor trabalhava?
- Na Fazenda dos Rocha Prado.
- Do Sr. Lucas e de D. Nete?
- Sim, estes mesmos. Mas não tenho nada contra a patroa. D. Nete é muito boa, trata a todos com carinho e atenção. Ele é que...

Mais uma vez a secretária o interrompeu e desta vez com rispidez.

– Mais um ingrato. Todo agricultor quer ficar bem de vida enlameando o nome de pessoas tão bem conceituadas como os da família Rocha Prado. Você sabe que eles praticamente são os donos de quase todas as terras aqui em volta? Que esta cidade foi construída pela família de D. Nete?

A moça estava indignada. Olhava com desdém para o velho trabalhador que queria apenas defender os seus direitos de trabalhador. Pálido, ele a ouvia, entendendo de uma vez por todas que não adiantaria insistir e nem procurar advogado naquela cidade. Nem reparou que havia entrado na sala um homem de meia idade que ouvia com interesse o diálogo dos dois.

Recolocou o seu chapéu, levantando-se rápido. Deu as costas para a secretária e saiu, sem dizer uma única palavra. Não adiantava. Já havia compreendido perfeitamente a sua situação.

Nem bem atravessara a porta da rua, quando o homem que os ouvia interessado, aproximou-se dele:

– Senhor, um momento, por favor.

Jânio parou de chofre, olhando surpreso para aquele desconhecido.

– Acho que não o conheço – disse o lavrador. – O que o senhor deseja comigo?

– Desculpe-me, mas não deixei de ouvir o que conversavam na sala de espera do Dr. Caetano. Gostaria de me apresentar: eu sou Homero Mendonça, mascate. Se não se importar, gostaria de dar um dedinho de prosa com o senhor.

– Não posso imaginar o que um caixeiro-viajante quer comigo. Se for para me vender algo, errou de pessoa. Não tenho um centavo. Acabo de ser despedido do emprego e saí com uma mão na frente, outra atrás.

– Não se trata disso. O assunto é outro e acho que o senhor vai gostar de saber. É sobre o seu ex-patrão Lucas Rocha Prado.

– O meu assunto com aquele homem é só entre mim e ele. Não vejo por que o senhor acha que vou me interessar, ou gostar de saber.

– Vamos até o barzinho ali da esquina? Pagarei um café para o senhor e conversaremos. Depois, se continuar achando que não tem interesse pelo que irei revelar, fica o dito pelo não dito. Combinado?

Ainda desconfiado Jânio olhou para o homem à sua frente, deu uma olhadela também para o barzinho por ele apontado e anuiu:

– Está bem. Não tenho o que fazer e nada a perder. Vamos lá, Sr. Homero. Aceito o seu convite – estendeu a mão para o caixeiro. – Eu sou Jânio Almeida. Acho que o resto já ouviu lá dentro, não é?

Os dois atravessaram a rua e sentaram-se numa das mesinhas próximas à entrada. O Sr. Homero pediu dois cafés e pão com manteiga para ambos.

– E então? Confesso que já estou ficando curioso. Quer dizer que o senhor conhece o Sr. Lucas? Mora aqui em Nova Luz?

– Sim, conheço o seu ex-patrão e não moro aqui. Só dou uma passada rápida por aqui, vendo minhas tralhas e sigo o meu caminho. Tenho uma boa clientela aqui, não posso me queixar.

– O senhor parece ser mais ou menos da idade do Sr. Lucas. Conhece-o bem?

– Muito mais do que o senhor imagina. Não tanto por mim, mas pelo meu amigo Geraldo, mais conhecido como “Mascate da Roça”. Já ouviu falar?

– Claro! Eu mesmo cheguei a vê-lo lá pelas bandas da fazenda. Depois, nunca mais. Todos estranharam o seu sumiço. O que aconteceu? Ele morreu?

– Apodreceu na cadeia. Fui visitá-lo durante algum tempo, depois me proibiram. Mais tarde, tentando saber notícia dele, fui à prisão onde ele estava e me disseram que havia se suicidado. Como ele não tinha nenhum parente e notando o meu interesse por ele, o delegado substituto, pois o outro ganhou um bom cargo na capital e se escafedeu daqui, me deu seus únicos pertences. E entre estes pertences achei uma caixinha de música muito singela, mas que estava com o mecanismo quebrado. Pensei até em jogá-la fora, mas por ter pertencido ao meu grande amigo, resolvi guardá-la. Algum tempo após a morte de Geraldo, peguei, por acaso, a caixinha de música jogada no fundo de um baú. Tomei-a nas mãos e reparei que o fundo estava meio solto. Decidi jogá-la no lixo, quando percebi uma pontinha de papel saindo pela madeira do fundo. Abri, curioso, em princípio achando que se tratasse de um papelão que reforçava a caixa. Qual não foi a minha surpresa quando descolei o resto do fundo e me deparei com uma carta do Geraldo. E o conteúdo da carta, meu bom homem, nem lhe conto!

Nesse instante chegou o pedido: duas xícaras de café com pão e manteiga. A garçonete os serviu com um belo sorriso. Jânio, empertigado,

agradeceu a moça e a dispensou imediatamente. Estava curiosíssimo. Como se não percebesse o efeito de suas palavras, Homero deu uma bela mordida no pão e tomou um gole de café.

– E o que estava escrito, homem? Diga logo, estou ardendo de curiosidade.

Homero fez um sinal de que estava com a boca cheia e que era para ele esperar. Sem conseguir sequer tomar um gole de café, Jânio aguardava impaciente, tamborilando na mesa. Após alguns segundos, que lhe pareceram intermináveis, Homero cochichou:

– Não posso dizer aqui. As paredes têm ouvidos. Depois eu lhe contarei, ou melhor, lhe mostrarei a carta. Para isso o senhor terá que ir até a pensão onde estou hospedado. Por medida de segurança recoloquei-a na caixinha e preguei o fundo. Por cima, disfarcei com um pedaço de feltro colado. Ninguém pode sequer imaginar a bomba que há lá dentro.

– Mas o senhor não pensou em usar esta carta para alguma coisa? Mostrar à polícia... Sei lá. Fazer alguma coisa.

– Alguma vez já lhe disseram que a corda arrebenta pelo lado mais fraco?

Como se revivesse os últimos momentos que esteve na fazenda Rocha Prado, lembrou-se das palavras sensatas de seu amigo Pedro que o impedira de fazer uma besteira que até poderia ter lhe custado a vida.

– Sim, sim. Já me alertaram, usando o mesmo ditado. Vamos então até a pensão. Quero desvendar este mistério. Confesso que estou muito intrigado. Não sei o que isto tem a ver com a minha situação, mas enfim, estou pagando para ver.

– Sinto muito, Sr. Jânio. Agora estou atarefado. Você não viu que eu saí do escritório dos doutores Caetano e Marcos? Tenho negócios com eles. Vim receber uma boa quantia em dinheiro que eles me devem. Estou de plantão ali hoje. São bons pagadores. O difícil é conseguir uma brecha pra falar com eles – levou a mão no bolso, retirou um cartão, anotou o nome da pensão e o número do seu quarto e entregou a Jânio.

– Procure por mim amanhã à tarde, depois das 15 horas. Vou esperar pelo senhor. Sei que vai ser útil saber o assunto da carta de meu amigo. Quem sabe é o momento de fazer justiça ao meu caro companheiro?

– Não acredito que vou ter que esperar até amanhã. Pode falar aqui mesmo. O bar está praticamente vazio.

– Como eu já lhe disse, as paredes têm ouvidos. Até amanhã, Sr. Jânio, não se atrase – e, sem pestanejar saiu do barzinho, deixando sobre a mesa algumas moedas e dirigiu-se novamente para o escritório dos advogados.

Jânio ficou imóvel na cadeira. Mil pensamentos povoavam sua mente. Sentia-se irritado com o mascate que lhe aguçara a curiosidade e adiara o momento de desvendar o mistério. “O que poderia haver de tão grave naquela carta? Por que até hoje o mascate não revelara nada a ninguém? Por que ele foi o escolhido para tomar conhecimento da revelação?”

– O senhor deseja mais alguma coisa? – perguntou a garçonete, fazendo-o estremecer, pois nem notara a sua chegada à mesa.

– Não, obrigado, já estou de saída – disse, levantando-se e saiu do bar ainda meio aturdido.

Seu irmão o aguardava ansioso à frente da casa, para saber da conversa com o Dr. Sampaio.

– Então, mano, acertou tudo com o Dr. Sampaio?

– Ele não quis pegar a causa. Alegou estar com muitos compromissos, mas, na realidade, não quis mesmo. Tentou se desculpar, porém notei que ao perceber que iria contra os Rocha Prado desconversou, mudou o rumo da prosa. No começo da conversa estava todo animado e chegou a dizer que ganharia a causa. Bastou dizer contra quem ele iria trabalhar, tudo mudou de figura. Notei até tremor em sua voz.

– Já esperava por isso, mano. Você estava tão determinado que eu não quis tirar suas esperanças.

– Fui atrás de outro: um tal de Caetano. Conhece?

– Caetano Pena? Claro. Trabalha com o Dr. Marcos Coelho. São os advogados da alta sociedade. Com aqueles não há acordo. Quem os indicou?

– Ninguém. Fui passando pela rua, vi a placa e entrei. A secretária já me dispensou de cara. Ainda leu um sermão para mim.

– Ninguém chega até os advogados sem passar pelo seu crivo. Ela é paga para selecionar a clientela e aí dela se marcar audiência com um “Zé ninguém”!...

– Você também, Januário? Pelo jeito hoje todos tiraram o dia para me alfinetarem. Até meu próprio irmão!

– Desculpa, Jânio. Não quis ofendê-lo, mano! Eu também me incluo nesta categoria: todos os trabalhadores, os chamados peões, são considerados assim pelos ricos. Temos que reconhecer que infelizmente os maiores daqui são os Rocha Prado. Ninguém consegue fazer nada contra eles. Sempre ficam impunes e tolo é aquele que tenta nadar contra a correnteza: acaba sendo arrastado por ela.

– Como aconteceu com o “Mascate da Roça”?

Januário sentiu um frio percorrer sua espinha. Olhou espantado para o irmão.

– Como ficou sabendo do Geraldo? Você o conhecia? Ele lhe disse alguma coisa antes da prisão?

– Você ficou pálido, Januário! Pelo visto sabe muito mais do que eu imagino. Conheci o Geraldo quando ele ia à fazenda. Depois sumiu. Ninguém mais falou dele até hoje.

– Hoje?! – Januário estava cada vez mais perplexo. – Quem falou do caixeiro viajante?

– Um outro mascate que encontrei por acaso: Homero Mendonça. Ele estava no escritório do Dr. Caetano e...

Januário interrompeu o irmão, extremamente pálido e com os olhos desmesuradamente abertos:

– Não me diga que você conversou com aquele mascate no gabinete dos advogados?!

– Calma, homem. Você está pálido, trêmulo. Não conversei lá, mas sim no barzinho do outro lado da rua. Ele me contou sobre a prisão de Geraldo e sua morte trágica. Também fez referência a uma carta misteriosa que ele havia escrito e que apareceu dentro de uma caixinha de música, depois de muitos anos.

– Jânio, sente-se aqui.

Januário o puxou pelo braço e visivelmente perturbado praticamente o forçou a sentar-se no banquinho que havia na frente de sua casa. Por sua vez, sentou-se ao seu lado e quase cochichando, pediu:

– Fique longe desse mascate, de suas histórias. Isto pode levar você, sua mulher, filhos e até nós a uma tragédia. Ouça bem o que estou lhe dizendo, não seja cabeça dura: esqueça o que ele lhe contou. Esqueça os Rocha Prado, procure um emprego aqui na cidade. Fique longe, bem longe, dessa sujeira toda.

– Sujeira?! Então você está por dentro do que aconteceu com o caixeiro?

– Não quero mais tocar neste assunto – retrucou nervoso e com voz estridente – Você está na minha casa, convivendo com a minha família e é muito bem vindo. Porém, se insistir nessa história, terei que convidá-lo a procurar outro lugar para ficar. Você não tem o direito de meter a família nesta sujeira toda. Esqueça, Jânio, e nunca mais fale com esse homem. Pode acreditar: é mexer num vespeiro.

Dizendo isto, Januário levantou-se carrancudo e entrou na casa, deixando o irmão confuso e ao mesmo tempo espantado com a rispidez das palavras. Nunca vira o irmão assim. Jamais levantava a voz para nada. Devia saber mais do que imaginava. Qual seria o grande segredo e por que todos silenciavam? A sua curiosidade se tornou quase incontrolável. Meteu a mão no bolso da calça, pegou o cartão que o mascate lhe dera, decorou o endereço dado e o rasgou em mil pedacinhos. “Agiria com cautela” – pensou. “Não colocaria em risco a sua família, nem a de seu irmão. Porém não ia desistir. Agora mais do que nunca queria desvendar o mistério, custasse o que custasse”.

CAPÍTULO 6

No dia seguinte, às cinco horas da manhã, sua filhinha Aurora, de sete anos, acordara com uma febre muito alta. Delirava e se debatia na caminha improvisada com cadeiras e colchas. Era uma criança muito miúda e magra, porém nunca adoecera antes. Nara, sua mulher, ajoelhada ao lado da cama, colocava compressas em sua testa.

– O que houve? – perguntou preocupado. – Nunca a vi assim.

– Também estou preocupada. Ela gemeu a noite toda e agora apareceu esta febre tão alta. Precisamos levá-la ao médico, mas não temos recursos para pagar a consulta. O que faremos?

– Vou falar com o meu irmão. Não podemos deixar a menina sem ajuda. Sei que ele também passa por dificuldades, mas não custa tentar.

Bateu à porta do quarto do irmão, que foi aberta quase imediatamente.

– Aconteceu alguma coisa, Jânio? – perguntou Januário, espreguiçando-se.

– Aurora está ardendo em febre. Agitou-se durante toda a noite e agora está muito mal. Teria como levá-la a um médico?

– O único que poderia atendê-la é o Dr. Vilela. Ele é muito caridoso. Não cobra nada para quem não pode pagar. Mas teremos que levá-la até o seu consultório. A esta hora já deve estar uma fila de doentes aguardando o atendimento.

– Dá-me o endereço que eu vou levá-la, mano. Sei que você vai para o trabalho agora e não quero atrapalhar.

– É caminho para mim. Vamos juntos. Prepare a criança enquanto eu me lavo e tomo uma xícara de café.

Os irmãos levaram a criança ao médico. A sala de espera estava cheia de doentes aguardando a sua vez. Januário se despediu do irmão e foi para o trabalho: estava construindo uma casa por aqueles lados. Trabalhava como pedreiro, já que não conseguira emprego como lavrador em nenhuma fazenda da redondeza.

Jânio sentou-se numa cadeira que lhe ofereceram, já que segurava a filha nos braços. A menina gemia e ardia em febre. A enfermeira aproximou-se, colocou o termômetro e aguardou ali mesmo, os três minutos necessários para medir a temperatura.

– Quarenta graus! A menina está com febre altíssima. Vou comunicar ao Dr. Vilela.

Nem bem entrou na sala do médico e apareceu à porta chamando Jânio para a consulta.

Dr. Vilela era um médico antigo na cidade. Seus cabelos brancos emolduravam um rosto sereno e amigo. Seus olhos eram de um azul muito intenso e brilhavam como duas pequenas estrelas. Seu consultório era de uma simplicidade incrível. Só havia o estritamente necessário: a mesa onde ele fazia as suas anotações e atendia aos pacientes, duas cadeiras simples do outro lado para os clientes, uma estante com alguns livros de Medicina, muito grossos e antigos e uma maca num canto. Também havia uma pia, onde ele lavava as mãos, naquele momento. Na parede do fundo, um quadro de Jesus socorrendo uma criança no colo da mãe.

Assim que entraram, o médico se virou para ele e atenciosamente lhe disse:

– Sente-se, meu amigo. Já vou examinar a doentinha. Fique tranquilo.

Jânio sentiu uma grande paz naquele lugar. Sabia que sua filha estaria em boas mãos. Dava para perceber o ambiente leve, suave. E a visão daquele quadro serenou o seu espírito.

– Bom dia, amigo. Nunca o vi por aqui. Está de passagem por Nova Luz?

– Não, Doutor. Eu sou Jânio, irmão de Januário que mora na periferia. Lá pelas bandas do riacho.

– Sei, sei. Eu me lembro do Januário. Ele já fez uma reforma em minha casa. Bom homem, ótimo pedreiro. Mas, o que aconteceu com a pequenina?

– Amanheceu com uma febre muito alta. À noite gemeu muito e se debateu demais. Ela nunca adoeceu. Sempre teve uma saúde de ferro.

O médico pediu para colocar a garota na maca, aproximou-se, examinou a garganta, ouvidos, apalpou a barriga, dobrou uma perna, depois outra. Permaneceu mudo ao seu lado durante algum tempo, sem dizer uma só palavra. O pai já estava impaciente, ansioso por saber o diagnóstico. O

médico ainda continuava o exame minucioso. Agora com o estetoscópio auscultava os pulmões. Mais uma pausa, silencioso, ao lado de Aurora, como se estivesse com o pensamento bem longe dali. Jânio olhava a cena e imediatamente seus olhos se voltaram para o quadro de Jesus. A semelhança era incrível: o médico também pousava sua mão na cabeça de Aurora, com muita suavidade e amor. De repente, virou-se para o pai que aguardava preocupado e pediu:

– Fique aqui ao lado da maca para ela não cair.

Imediatamente, Jânio levantou-se e fez o que o médico mandara.

– E então, doutor, é grave o que minha filha tem?

– Pode ficar, se não cuidarmos dela. Porém, a prescrição é mais para você do que para ela.

– Não entendi, doutor. Por que para mim?

– Caro amigo, a sua menina está passando por uma nova fase da vida. É quando inicia o processo de preservação de sua identidade. Nesta fase a criança luta para controlar seus objetos pessoais, suas relações sociais, que a ajudam a definir quem ela é. Suas metas e inspirações começam no fundo do quintal ou no pátio da escola. Fica mais sensível e a percepção do que se passa ao redor torna-se mais intensa. Não vejo nenhum sintoma que justifique esta febre tão alta. Acredito que seja algum fator externo que de alguma forma exerceu uma grande influência em seu físico, causando esta reação tão intensa.

– Continuo sem entender, Doutor.

– Ela passou por alguma mudança em seus hábitos? Alguma coisa mudou repentinamente em sua rotina?

– Ah, isto sim. Nós acabamos de mudar para a casa do meu irmão. Morávamos na fazenda Rocha Prado. Fui dispensado do trabalho e como não possuímos recursos, pedi abrigo na casa de Januário, que o senhor já conhece.

– Acredito que este seja o seu mal. Ela está estranhando o ambiente e com certeza com saudades da vida que tinha na fazenda.

– Isso lá é verdade. A minha Aurora parecia um passarinho na fazenda. Corria pelos campos, cuidava de suas plantinhas, alimentava as galinhas e os porcos que tínhamos no fundo de nossa humilde casinha. Ela também

tinha muitas amiguinhas que todos os dias passavam em casa para brincar com ela. Iam à escola juntas. Adorava a professorinha.

– Pois é, Jânio. Este é o problema de sua filhinha. Ela está sofrendo a separação de tudo isso. Sente falta da liberdade, das brincadeiras, da vidinha que levava na fazenda.

– Mas o que posso fazer? Não temos mais nenhuma possibilidade de voltarmos para lá. Fomos praticamente escoraçados. Como minha Aurora poderá sair desta tristeza, Doutor?

– É exatamente por isso que lhe disse que a prescrição seria mais para você do que para ela. Ela precisa de muito carinho, muita atenção. Também necessita conviver com crianças de sua idade. Seu irmão tem alguma filha pequena?

– Não. Seu filho mais novo tem 13 anos. Não se dá muito bem com a Aurora. Implica muito com ela. Quanto à escola, só consegui vaga para o próximo ano.

– Acho que tenho uma solução, Jânio. Você tem alguma religião?

– Sou católico, mas não praticante. De vez em quando vou à missa. Não tenho tido muito tempo para me dedicar a uma religião.

– Trabalho num Centro Espírita, amigo. Lá você encontrará pessoas que poderão ajudar a sua filhinha.

– Centro Espírita?

Jânio estranhou. Tinha um conceito muito errado sobre a religião espírita. Mas, como o médico continuou sério olhando para ele, aquiesceu:

– Se for para o bem da minha filha, faço qualquer coisa.

Notando o embaraço do homem, Dr. Vilela explicou solícito:

– Meu bom homem, não mandaria você para um lugar que não fosse comprometido com o amor e a verdade. Lá sua filha poderá entrar num grupinho de Moral Cristã, que muito a beneficiará, em todos os sentidos. Terá orientação, esclarecimento e ao mesmo tempo conviverá com crianças de sua idade. A Moral Cristã, como o próprio nome diz, é baseada no Evangelho de Jesus, nos seus ensinamentos. Acho que seria uma boa solução para o problema que a está afetando.

– Mas isso fará desaparecer a sua doença, a sua febre?

– Vou receitar umas gotinhas que aliviarão todos esses sintomas. Mas, voltarão, se não tratarmos da causa. Você compreendeu?

– Mais ou menos. Farei o que o senhor está me recomendando. Confio no senhor. Meu irmão disse que o senhor é o médico dos peões de Nova Luz.

– Sou médico de todos que necessitam de meus préstimos, Sr. Jânio. Fiz um juramento e faço da Medicina um sacerdócio e não um meio de vida. Tudo que sabemos ou temos aqui na Terra são empréstimos de Deus e que teremos que dar conta do que deles fizemos. Não se pode negar ajuda daquilo que temos a oportunidade de servir. O meu trabalho é resultado da oportunidade que me foi concedida pelo Pai para ajudar os menos favorecidos, os necessitados de alívio. Além desse trabalho também participo de outro tipo de serviço no Centro Espírita Irmão Maior. Estou recomendando este lugar, em particular, porque é o único que temos nesta cidade. Sei que fica longe da casa de seu irmão, mas infelizmente não temos outras casas espíritas por aqui. É uma casinha humilde no aspecto exterior, mas lá dentro encontrará a paz, o amor, a fraternidade.

Parou um instante, escreveu numa folha a posologia do medicamento, foi até um pequeno armário, retirou um vidro de remédio e estendeu ambos para Jânio. Num outro papel escreveu o endereço do Centro Espírita e fez a última recomendação:

– Cuide da pequenina com muito carinho. Ela está necessitando muito de vocês. Como você ainda está desempregado, fique com ela o máximo que puder e leve-a ao Centro Espírita que lhe indiquei. Aí no papel, além do endereço, coloquei o horário do atendimento infantil – muito sério completou, olhando profundamente em seus olhos. – Esqueça tudo que não for importante, ou que provavelmente perturbará a sua vida. Seja cauteloso com suas amizades e com os passos que for dar daqui para frente. Que Jesus os acompanhe. E lembre-se: se a menina não melhorar com este medicamento, procure-me novamente. Sem acanhamento, está bem?

Jânio tomou a filha nos braços e percebeu que ela já não estava tão quente. Havia relaxado e dormia profundamente. Olhou novamente para o médico, espantado pela melhora da filha e com lágrimas nos olhos, agradeceu:

– Obrigado, Doutor. Minha filha já está melhor. Não sei o que fazer para lhe pagar o bem que nos fez.

– Há um jeito de você me pagar, Jânio.

– Pode dizer, doutor. Faço o que o senhor me pedir.

– Cuide muito bem de sua vida e de sua família. A felicidade se conquista com boas atitudes, boas resoluções. Preste atenção ao que realmente tem valor. Eu lhe garanto que o maior tesouro não se encontra em nada material. A paz se consegue com amor, perdão, humildade e fé. Esquece o mal que lhe fizeram. Carregar ressentimentos é adiar a felicidade. Vá em paz, Jânio!

Jânio ficou mais espantado ainda. “Como ele poderia saber o que estava se passando em sua vida? Como a febre de sua filha diminuirá tanto?” Uma vez mais agradeceu e saiu do consultório. A sala estava repleta de gente. Alguns se agrupavam também no pequeno alpendre e até na calçada. Todos, sem exceção, pessoas simples, como ele. Ganhou a rua e com passos largos e decididos rumou para a casa do irmão. Sua mente estava confusa: ao mesmo tempo em que ouvia ecoar dentro de sua cabeça os conselhos tão amorosos do médico, também ouvia as palavras de Homero sobre a misteriosa carta. Não sabia o que decidir. Iria ou não ao encontro do mascate? No que aquilo poderia prejudicá-lo? Olhou a pequena filha adormecida em seus braços e a apertou docemente ao peito. Chegou à casa e deitou a filha na sua caminha. Sua mulher e cunhada correram preocupadas, querendo notícias da menina. Jânio as tranquilizou e, juntamente com elas, foram se encontrar com os outros familiares que já se encontravam na cozinha almoçando.

As horas corriam céleres. E, com a proximidade das 15 horas, Jânio começou a ficar aflito. Novamente a curiosidade invadiu o seu coração. Não conseguia sequer pensar em mais nada, apenas na carta misteriosa, escondida na caixinha de música. Lembrou-se do nervosismo do irmão quando lhe falou sobre o mascate, do Dr. Vilela aconselhando-o a tomar boas decisões, a escolher melhor os amigos, os caminhos a seguir... Mas a curiosidade era bem maior do que qualquer outro sentimento. Tentando desculpar a si mesmo, pensou que não haveria nenhum mal em apenas tomar conhecimento do conteúdo da carta. E, quanto mais pensava, mais crescia o desejo de ver a carta de Geraldo. Levantando-se resolutamente, foi até o seu quarto, viu que a filha continuava dormindo calmamente. Da janela avistou as mulheres lavando roupa. Tudo estava a seu favor. Talvez fosse e voltasse e ninguém sentiria a sua falta. Assim resolvido pegou um chapéu

que estava dependurado atrás da porta e saiu rapidamente, tomando a direção da pensão onde se hospedava o caixeiro viajante.

Eram 15 horas em ponto quando ele entrou na salinha da pensão. Avistou alguém atrás do balcão e aproximando-se, pediu:

– Poderia me chamar o Sr. Homero Mendonça?

– É cliente dele? Se for pode subir e bater à porta de seu quarto. É o número 27.

– Sim, eu sei. Não sou cliente, mas ele está me esperando. Combinamos de nos encontrar aqui.

– É o Sr. Jânio?

– Isso mesmo.

– Ele me disse que o senhor viria. Pode subir.

Jânio agradeceu e subiu a escada de madeira que rangia a cada passo que dava. Dois lances depois, avistou um corredor comprido com várias portas. Procurou o número e bateu à porta de Homero.

Uma voz se ouviu lá de dentro, pedindo que entrasse porque a porta estava só com o trinco.

Entrou cautelosamente e olhou em volta. Era um quarto pequeno, com um mobiliário muito simples e estritamente necessário. Avistou o mascate sentado à frente de uma mesa, repleta de papéis, fazendo anotações num grande livro preto. Levantou a cabeça, cumprimentou-o distraidamente e continuou escrevendo. Ficou parado ali, de pé, sem saber o que fazer. Sentiu um certo arrependimento de estar ali, movido por sua doentia curiosidade. Pensou até em ir embora, porém, como se adivinhasse o seu pensamento, Homero lhe apontou uma cadeira e convidou-o a sentar-se e esperar um pouco por ele. Sentou-se, sentindo-se muito desconfortável. Afinal era um estranho que estava ali à sua frente. O que sabia dele? Apenas que era um caixeiro viajante que fora amigo do “Mascate da Roça” e que possuía uma carta misteriosa e reveladora. E se tudo não passasse de uma invenção deste viajante? Estava assim absorto em mil pensamentos, quando Homero fechou o livro ruidosamente e levantou-se, já com a bendita caixinha nas mãos.

– Creio que veio por isso aqui, não é?

– Sim. Fiquei curioso. Mas se o senhor preferir, acho que posso voltar outra hora, quando estiver mais desocupado.

– Já acabei todas as anotações. E se eu combinei com o senhor, não vou agora roer o trato.

Puxou a cadeira bem em frente ao novo companheiro e com muito cuidado foi abrindo cuidadosamente a caixinha. Retirou o feltro que havia colado no fundo, depois as tachinhas e finalmente levantou o fundo falso. Lá estava a carta bem dobrada.

O coração de Jânio bateu descompassado. Sua aflição era tamanha que começou a suar. Quando o mascate depositou a carta em suas mãos, sentiu um frio na espinha. Abriu-a cautelosamente e leu:

Meus dias estão contados aqui nesta prisão. Estão me ameaçando de morte. Hoje proibiram a visita do meu único amigo, o Homero. Estão tramando alguma coisa, eu sinto isso. Mas, antes que deem cabo de mim, tenho que revelar o motivo que causou a minha prisão e a morte de inocentes.

Fui cobrar uma dívida dos irmãos Rocha Prado, em sua majestosa fazenda. D. Nete, mulher muito bondosa e completamente alheia às falcatruas do marido e cunhados, me informou que poderia encontrá-los no galpão, onde foram verificar o trator que chegara recentemente. Fui até lá. Ao me aproximar do local, notei que estavam discutindo calorosamente e me escondi atrás do galpão, no meio de uns caixotes empilhados. Ouvi claramente o motivo da discussão: Roberto e Júlio, os irmãos mais novos, estavam reclamando com insistência a parte do dinheiro que segundo eles Lucas lhes devia pela venda das duas fazendas: Jequitibá e Rocha Prado. Fiquei espantado e resolvi ficar de campana. Consegui assistir a tudo por uma fresta na parede. O que eu ouvi e vi, depois, me deixou de queixo caído: Lucas, muito nervoso, dizia que já havia pago a parte de cada um e que não havia mais dinheiro. Diante desse argumento retrucaram: “Estamos falando do dinheiro que nos deve pelo serviço extra que lhe fizemos, dando cabo do comprador das fazendas e pela recuperação das escrituras. As propriedades não voltaram para suas mãos?”

Naquele instante da conversa, eles ouviram vozes e risos de crianças e saíram os três do galpão, já empunhando as armas. Procuraram em volta e identificaram de onde vinha o ruído. Sorrateiramente os acompanhei e

fiquei petrificado: encontraram Joana, a mulher de João Eleutério e suas duas filhinhas, todas sentadas debaixo de uma árvore, bem ao lado do galpão.

Levantaram a mulher com um forte puxão e começaram a agredi-la, perguntando o que ela estava fazendo ali. Tentando se desvencilhar, dizia que estavam apenas descansando. Tinham ido à casa do compadre Joaquim, as crianças se cansaram muito e pararam ali para descansarem um pouco.

Os três se entreolharam, desconfiados. Roberto já se adiantou dizendo que ela estava bancando a sonsa, mas que na verdade parara ali para ouvi-los.

“Eu não ouvi nada, Sr. Lucas! Nem sabia que havia alguém no galpão, eu juro!”

O danado do Roberto continuou insistindo: “Você não vai acreditar nesta crioulinha, não é? Se a deixarmos ir embora, correrá para o marido e contará tudo. E você sabe, Lucas, a Nete é muito amiguinha desta cambada. Para chegar aos seus ouvidos é num piscar de olhos. Temos que eliminar as testemunhas, senão...”

A pobre da Joana, com os olhos arregalados tentava proteger as filhas com o corpo. As duas meninas agarravam sua saia e choravam assustadíssimas.

Roberto e Júlio deram a volta por trás de Joana e agarraram as crianças que começaram a se debater inutilmente nas mãos dos dois covardes. A mãe conseguiu se soltar das mãos de Lucas e como uma leoa agarrou um pedaço de pau e desferiu um golpe certo nas pernas dos dois irmãos, gritando para que deixassem as suas filhas em paz. Quando se preparava para novo ataque, Lucas veio por trás e a estrangulou com o chicote. As meninas aproveitaram a confusão e dispararam pela mata, gritando desesperadas pelo pai. Roberto e Júlio as seguiram. Logo depois ouvi dois tiros e imaginei o desfecho. Daí a pouco voltaram mancando, devido à paulada que Joana lhes dera e cinicamente disseram: “Fechamos para sempre a boca das duas meninas.” Lucas, nervosíssimo, apontou o corpo de Joana e pediu para jogarem a defunta e as filhas no abismo que havia ali por perto.

Tratei de me azular dali imediatamente e estava tão nervoso que deixei cair minha pasta com meus documentos pessoais. Não preciso nem mesmo explicar por que vim parar nesta prisão odiosa. Não foi muito difícil me encontrarem e mais simples ainda acusarem-me de roubo na fazenda, além de outras mentiras. Para todas as acusações, conseguiram testemunhas compradas. Aqui me trancafiaram, sem contato com ninguém, exceto com meu amigo Homero; mesmo assim sob rígida vigilância pessoal do delegado Gilson Calado. Pouco depois, até mesmo essa visita foi proibida. Fiquei sabendo que o delegado será transferido para um alto posto na capital e creio que antes de partir ele vai me apagar, “queimando o arquivo”.

Espero que esta minha carta possa chegar às mãos de uma pessoa honesta, que não se vende aos poderosos. E que se faça justiça!

Que Deus se compadeça de minha alma.

Geraldo, o “Mascate da Roça”.

As mãos de Jânio tremiam. Aquele papel parecia queimar sua pele. Sentiu ao mesmo tempo ódio da família Rocha Prado e uma profunda tristeza pelo fim tão trágico e sofrido da família de João Eleutério. Lágrimas sentidas lavavam seu rosto pálido. Quase não podia conter a comoção. Aquela revelação era realmente algo que superava a sua expectativa. Era uma monstruosidade sem tamanho. Releu várias vezes a carta, como se procurasse algo que justificasse aquele ato tão vil e tão covarde! Ficou mudo, olhando aquelas palavras que, com certeza, decidiriam o destino da família Rocha Prado. Por uns minutos ficou ali embasbacado e nem se deu conta de que há algum tempo Homero lhe estendia um copo com água. Olhou o mascate, com os olhos ainda marejados de lágrimas, pegou automaticamente o copo e bebeu toda a água.

– Sente-se melhor, Jânio? Você ficou tão pálido que me assustei!

Jânio respirou fundo antes de responder:

– Não é para menos, Homero. É muito grave o que está escrito nesta carta. Jamais poderia imaginar que foi desta maneira tão cruel e covarde que Joaninha e as meninas morreram. Eu também tenho mulher e filha e fiquei imaginando que poderia ter acontecido com elas. O único “erro” de Joaninha foi estar na hora e no lugar errado. Ainda era tão moça! E as crianças, pareciam pardaizinhos alegres! Viviam rindo e cantando. Sempre

tão bem vestidas, apesar da simplicidade de suas roupas! Joana era uma mãe muito cuidadosa e uma esposa exemplar. Todos da fazenda sentiam uma pontinha de inveja de João Eleutério. Aquilo é que era felicidade! E agora leio esta carta e fico cismando: Por que tudo isso foi acontecer com uma família tão unida, tão boa? E deste jeito terrível? Eles nada faziam de errado. João sempre foi um trabalhador dedicado e esforçado. Liderava os outros lavradores. Sua palavra para todos os colonos era lei. Agora, coitado, vive como um fantasma, perambulando pela noite, enfrentando tempestades e pior que isso: está se deixando levar pela maldita cachaça. Ele que sequer fumava...

– Acalme-se, homem! Você está muito agitado. Quase me arrependo de ter lhe mostrado esta carta. A minha intenção foi torná-lo ciente das falcaturas daquela família tão bem conceituada aqui na região. Agora você tem um grande estímulo para lutar pelos seus direitos. As pessoas até desconfiam do que se passou naquele fatídico dia, porém têm medo de enfrentar os Rocha Prado. Porém notei que você é determinado, sabe o que quer. Desde aquele encontro no escritório do Dr. Caetano, percebi que você está disposto a fazer valer os seus direitos.

– Continuo pensando assim. Agora, mais do que nunca. Porém gostaria de lhe perguntar uma coisa que está me intrigando.

– Pois pergunte. Quero que tudo seja feito às claras.

– Por que você não levou esta prova para a polícia?

– Boa pergunta, Jânio. No nosso primeiro encontro eu lhe disse que a corda sempre arrebenta pelo lado mais fraco, não é? Pois bem: todos sabem que eu era amicíssimo de Geraldo. Poderiam pensar que foi coisa armada, que nunca existiu esta caixinha de música e muito menos esta carta. Enfim: que foi prova plantada. Os poderosos sempre acham um pezinho para desfazer as evidências mais concludentes.

– Mas e o João Eleutério? Nunca pensou em levar esta carta para ele? Acho que ele tem o direito de se inteirar do ocorrido, com todos os detalhes. Afinal, a sua família foi a vítima!

– Como você mesmo disse, João tornou-se um beerrão. Qualquer coisa que fizesse cairia no descrédito de todos. Ele foi um líder. Hoje ele é um pobre coitado. Quando eu o vi no advogado, senti que você seria o homem ideal para esta missão tão espinhosa. Mas, se acha que está além de suas

forças, fica o dito pelo não dito. Continuaremos amigos, como se nada houvesse acontecido.

– Ah, isso não. É impossível para mim agora tentar esquecer o que está nesta carta. Acho que se deve fazer justiça. Mas, ao mesmo tempo, não gostaria de envolver a minha família nesta sujeira. Tampouco meu irmão Januário e sua família.

– Tenho um plano, Jânio. Que tal se esta carta caísse nas mãos de quem com certeza faria justiça? Alguém que tem muito apego com os empregados e que está acima de qualquer dúvida e suspeita?

– Não sei de quem está falando. Esta pessoa mora aqui em Nova Luz?

– Não, Jânio. Mora lá na fazenda Rocha Prado. É a única pessoa que terá muito interesse em esclarecer tudo isso. É honesta e bondosa. Além de muito justa.

Jânio ficou pensando durante uns instantes e matou a charada:

– Você está falando de D. Nete, esposa do Sr. Lucas?

– Ela mesma. Quer pessoa mais interessada em saber de toda esta sujeira? De algum modo está envolvida na história.

– Envolvida? Como assim?

– Por ser esposa de Lucas, também é proprietária das fazendas que foram falsamente vendidas por ele e cunhados. Ela também é herdeira de tudo, não? Percebeu como ela ficaria interessada em tomar conhecimento destes fatos? E como é uma mulher honesta, procuraria ressarcir os familiares do comprador das terras que pagou muito bem por elas e foi eliminado, como se não tivesse feito nenhum negócio.

– Mas isto é terrível! Não posso ser o portador de uma notícia tão monstruosa como esta para alguém que só me fez o bem.

– Talvez você não saiba, mas ela sofre muito com o marido. Ele é violento e grosseiro com ela. Só pensa em dinheiro. Nete é uma mulher sensível e está há muito tempo sendo enganada pelo crápula e também pelos cunhados Roberto e Júlio.

– Mas, se vier às claras o que está me relatando, ela também será prejudicada, perdendo igualmente as duas fazendas que ela ama tanto.

O caixeiro levantou-se, aborrecido, pegou a carta que ainda estava nas mãos de Jânio, dobrou-a bem dobrada e recolocou-a na caixinha de música. E entre dentes disse:

– Você me enganou. Pensei que fosse mais corajoso. Um homem lhe corta a face com o chicote e você ainda está cheio de dedos pra tomar uma atitude! Francamente, vejo que não posso contar com você.

– Como sabe que ele me cortou a face com o chicote? Eu não lhe disse isto.

– Claro que disse – falou meio embaraçado. – Lá no barzinho, lembra-se? Mas nada disso tem mais razão de ser. Vamos continuar deixando os bandidos impunes para sempre. Já era de se esperar: todos tremem diante dos Rocha Prado.

– Não é por eles, Homero. É pela D. Nete. Eu gosto muito dela. Não quero vê-la sofrendo.

– Ela já sofre, não lhe disse? Se não acredita, pergunte para seu irmão Januário. Ele sabe exatamente o que ela sofre com aquele marido. A Dolores, sua cunhada, era cozinheira da fazenda. Pergunte para ela. Com certeza, ela vai lhe contar.

– Você também conhece meu irmão e minha cunhada? Vejo que é bem informado.

– Procurei saber de tudo e de todos que de alguma maneira estiveram ou estão envolvidos com os Rocha Prado. Poderão testemunhar outros crimes que até agora estão caídos no esquecimento. Quem sabe?

– Vejo que é muito grande o seu interesse em trancafiar a família!

– E não é para menos? Você leu a carta. Além disso, também o meu maior amigo, que era como um irmão para mim, foi preso sem dever nada e o assassinaram na prisão. Ele mesmo disse na carta. Quiseram encobrir o crime, alegando que se suicidou, mas na verdade foi sumariamente eliminado: queima de arquivo, como ele mesmo definiu.

Jânio ficou por uns momentos em silêncio, pensando. “O que eu devo fazer com esta carta? Levo para D. Nete, como sugeriu Horácio? Esqueço tudo isso, como me aconselhou meu irmão? Mas e a humilhação que sofri, na frente de todos os trabalhadores da fazenda? E o dinheiro que ele me deve, a indenização por ter me mandado embora com as mãos abanando?”

– E então, companheiro, já se decidiu? Vai falar com D. Nete, ou se acovardou?

Aquela provocação mexeu com os brios de Jânio. Ele levantou-se e pediu:

– Dê-me a carta, Homero.

– Você deve estar achando que sou um tolo. Não é? Como posso lhe dar a carta, sem que eu tenha absoluta certeza de que fará bom uso dela? Afinal, ela é um documento muito importante!

– O negócio é o seguinte: ou você confia em mim, ou não confia. Se confia, dê-me a carta. Se não, fique com ela e vá você mesmo entregá-la à D. Nete – disse Jânio, visivelmente irritado, já se preparando para sair dali.

– Calma, rapaz! Eu não sou seu inimigo. Pelo contrário: quero ajudá-lo. Você não quer ajustar as contas com Lucas Rocha Prado? Se todos daqui são corruptos e de alguma maneira estão nas mãos desse espertalhão, a única saída é levar a prova das falcatriuas a quem saberá fazer justiça: D. Nete. Ela é honesta e justa. Ela mesma saberá o que deverá fazer com estas informações. A única coisa é levar esta carta até ela, nada mais. Não será você que lhe dirá o que deve ou não fazer. Deixe para ela resolver com a sua própria consciência. Se ela não tomar nenhuma atitude, desistiremos de tudo e colocaremos uma pedra por cima, encerrando o assunto.

– Só mais uma pergunta. Por que você não enviou esta carta pelo correio, endereçada à D. Nete? Ninguém saberia quem era o remetente; você não se exporia...

– Pensei em fazer isso, porém desisti. Ela precisava estar a par de toda a história: sequer sabe que Geraldo foi assassinado. E o mais importante: ela não saberia da existência da caixinha de música e como, por acaso, eu achei a carta. Pessoalmente não poderia, pois todos sabem que eu era muito amigo do “Mascate da Roça”. Enviar pelo correio, com certeza, os Rocha Prado diriam que era invenção de alguém. Negariam até o fim. Isto se a carta chegasse às mãos de D. Nete. Como eu disse, ela é um brinquete nas mãos do marido e cunhados. Não tem vida própria e, além disso, morre de medo do marido.

– Se for assim, não vai adiantar nada levar a carta pessoalmente para ela. Vai continuar com medo de agir contra eles.

– Vejo que você continua indeciso. Vamos fazer o seguinte: a carta continua comigo. Você pensa bem, se vai ou não tomar uma atitude e daqui a três dias você volta aqui e me diz o que decidiu. Se não vier, considerarei que você não tem interesse em desmascarar aqueles crápulas que mataram, com requinte de crueldade, a família de João Eleutério. E que, além disso, lesaram você e sua família, além de tê-lo tratado como um cachorro velho que não tem mais serventia.

– Já chega, Homero. Tenho mesmo que pensar. Não sei se devo ou não remexer esta sujeira. Vou para casa agora, porque minha filhinha está doente. No prazo de três dias, estarei aqui para lhe dar uma resposta definitiva. Boa tarde!

– Boa tarde, Jânio. Não se esqueça de que agora você também faz parte desse acontecimento. Ficando calado, estará sendo conivente com os assassinos de mulher e crianças. Resolvendo falar, estará sendo um instrumento de justiça. Decida o que deixará a sua consciência mais tranquila.

CAPÍTULO 7

Jânio estava se sentindo péssimo. Aquela carta dera um nó em sua cabeça. Antes nunca tivesse ficado sabendo o seu conteúdo. A dúvida do que fazer deixou-o abatido e com um grande conflito interior. Saiu do quarto de Homero e desceu a escada quase sem perceber. Quando se deu conta já estava na rua que, àquela hora, estava muito movimentada. Pessoas iam e vinham com pacotes e sacolas. Mas ele se sentia completamente sozinho. Parecia que estava vivendo um pesadelo. Olhou no relógio de uma farmácia: mais de quatro horas! Apressou o passo e em pouco tempo estava na casa do irmão. Ele não havia chegado do trabalho. Nara estava na cozinha ajudando Dolores a preparar o jantar. Assim que entrou, as duas o olharam, com ar de recriminação.

– Aonde você foi? Estava preocupada – disse Nara – sem desviar o olhar da batata que estava descascando.

– Eu fui procurar... trabalho – respondeu gaguejando.

– Conseguiu alguma coisa?

– Nada. Está difícil. Ninguém quer empregar quem não tem um ofício. Aurora melhorou?

– Ainda está com um pouquinho de febre, mas já conseguiu tomar uma sopinha que a tia fez com muito carinho para ela. Chamou por você várias vezes. Acho que devemos seguir o que o médico disse: dar muita atenção e carinho para ela.

– Vou falar com ela – disse secamente, sentindo a indireta da mulher.

Aurora estava acordada, folheando um velho livro de histórias. Sorriu ao ver o pai e pediu:

– Senta aqui perto de mim, pai. Leia uma história para mim!...

Jânio a beijou ternamente, sentou-se na cadeira, ao lado da cama e pegou o livro que ela agitava no ar.

– Como vai a minha princesinha? Vejo que está bem melhor. Sente ainda alguma dor, filha?

– Não, pai. Só estou cansada. Mamãe não me deixou sair da cama nem por um minuto. Só para ir ao banheiro. Pedi para ela ler uma história para mim, mas ela precisava ajudar a tia Dolores na cozinha. Chamei pelo senhor. Onde estava?

– Fui atrás de um emprego, filhinha. Mas, infelizmente, não consegui nada. Tenho certeza que amanhã terei mais sorte.

Sentiu-se constrangido de ter que mentir para a filha. Nunca havia feito isso antes. Sua mente continuava confusa, como se estivesse vivendo um pesadelo. Disfarçou sua preocupação, folheando o livro de histórias da filha.

– Vamos escolher uma história bem bonita, para alegrar o seu coraçãozinho!

– Pai, quero que conte a história de uma menina que tem muitos amiguinhos e que mora numa fazenda bem grande.

O pai sentiu uma dor no peito. Aí estava a maior prova da doença da filha. Tal como o Dr. Vilela lhe falara. Sua filha estava angustiada, infeliz, sentindo falta do único lar que conhecera até agora. Lembrou-se do papel que o médico lhe dera sobre o horário das aulas de Moral Cristã Infantil, num Centro Espírita. Apalpou o bolso da calça e o achou. Leu rapidamente o dia do atendimento às crianças e verificou que era no dia seguinte. Ficou feliz e perguntou entusiasmado para a filhinha que o olhava sem entender o que ele estava fazendo:

– Aurora, você gostaria de ir a um lugar aonde vão muitas crianças de seu tamanho, para brincar e aprender coisas importantes sobre Deus?

Os olhinhos da garota brilharam.

– Você achou uma escola para mim, pai? Vou ter muitas coleguinhas, uma professora tão boa quanto a Tia Geisa?

– Não é bem uma escola, filha. Mas tem uma professora muito boa e carinhosa, que vai lhe ensinar muitas coisas. Tem também meninas de sua idade! O que você acha? Vamos com o papai, amanhã?

Aurora sentou-se na cama toda sorridente, batendo palmas:

– Claro, pai. Eu vou com o senhor sim. Até acabou o meu cansaço.

Jânio sentiu também uma grande alegria no peito e agradeceu intimamente o convite do médico.

No dia seguinte, bem cedo, Aurora foi até a cama do pai e abraçando sua cabeça, disse animada:

– Levanta, pai. Acho que já está na hora da escolinha. Veja: eu já troquei de roupa, escovei os dentes e até tomei um copo de leite com bolachas. Não podemos chegar atrasados. Vamos, pai, levanta, rápido.

Jânio se admirou pela disposição da filha e feliz atendeu ao seu pedido. Em poucos minutos os dois saíram de mãos dadas, rumo ao Centro Espírita Irmão Maior.

O local era bem simples, porém de uma limpeza impecável. Foram recebidos por uma jovem muito risonha que os conduziu até um salão onde outras crianças já se encontravam, distribuídas em mesinhas e cadeiras adequadas ao tamanho delas. A jovem, que se chamava Íris, pegou a mãozinha de Aurora e a levou até à frente do salão, chamando a atenção das outras crianças:

– Crianças, hoje nós estamos ganhando mais uma amiguinha. Ela vai nos dizer agora o seu nome e idade – olhou sorrindo para a garota, animando-a a fazer o que ela havia pedido.

Muito tímida e um pouco ruborizada, Aurora, depois de respirar profundamente, se apresentou.

Todas as crianças bateram palmas e disseram: “Seja bem-vinda, Aurora! Nós lhe amamos muito!”

Jânio se sentiu felicíssimo pela recepção que tiveram. Enquanto a filha se misturava às outras crianças, ele foi encaminhado para outro salão onde estavam os pais. Também o receberam carinhosamente. Preencheu uma ficha com os seus dados e sentou-se numa das cadeiras que lhe ofereceram.

Pouco depois, um simpático senhor iniciou a palestra, cujo tema era o perdão. Ele iniciou a preleção falando sobre um trecho do Evangelho de Mateus:

“ ...Então, chegando-se Pedro a ele, perguntou: Senhor, quantas vezes poderá pecar meu irmão contra mim, para que eu lhe perdoe? Será até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes.”

O palestrante enfatizava a necessidade do esquecimento das ofensas, porque aquele que perdoa possui a alma elevada. E que, antes de pedirmos

perdão ao Senhor, é preciso que perdoemos aos outros, e que, se algum mal se tiver feito contra um irmão, é necessário tê-lo reparado.

O que mais tocou o coração de Jânio foi que Jesus recomendou *que nos reconciliemos o mais cedo possível com o nosso adversário* – para não apenas evitar discórdias na vida presente, mas também que elas se perpetuem nas existências futuras. A morte não nos livra dos nossos inimigos. Os Espíritos vingativos perseguem sempre com o seu ódio, além da sepultura, aqueles que ainda são objeto do seu rancor.

É muito importante, portanto, se quisermos a tranquilidade futura, repararmos o mais cedo possível os males que tenhamos praticado em relação ao próximo, e perdoarmos aos inimigos, para assim se extinguirem, antes da morte, todos os motivos de desavença, toda causa profunda de animosidade posterior.

O palestrante ainda falou sobre a misericórdia, a mansuetude. Ensinou que o perdão deve ser sincero, e que devemos esquecer completamente o mal que nos fizeram. Alertou sobre os sofrimentos profundos que nos causam o ódio, a mágoa, o ressentimento.

No final, mostrou o livro de onde extraíra tão importantes ensinamentos: “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec.

Jânio sentiu uma paz muito grande no seu coração. Há muito tempo não ouvia palavras tão cheias de conteúdo e que lhe tocaram a alma. Meditou muito sobre os últimos acontecimentos. Percebeu que estava se envolvendo numa trama maldosa. Decidiu esquecer toda aquela história do caixeiro-viajante, o crime hediondo, a intrigante carta que não lhe saía do pensamento. Assustou-se quando puseram a mão no seu ombro. Era Íris que lhe trazia a sua filhinha. Só assim percebeu que não havia mais ninguém no salão. Agradeceu a jovem, meio sem jeito, deu a mão para Aurora e saíram.

A menina estava toda animada, contando o que fez. Mostrou o desenho que trazia na mão: várias crianças de mãos dadas, num campo cheio de flores.

– Eu pintei, pai. Ficou bonito?

– Sim, filha. Ficou lindo! Você gostou da “escolinha”?

– Gostei muito. Apreendi a orar para o meu anjo da guarda e fiquei sabendo de muitas coisas sobre Jesus. Sabe, pai, Jesus nos ama demais. Ele

está sempre conosco, quando estamos tristes, sozinhos. Nós não conseguimos ver Jesus, mas Ele nos vê e nos ajuda quando pedimos. Sabe a única coisa que precisamos fazer? Ser bom. Não maltratar ninguém, não brigar com os coleguinhas nem com os irmãos e obedecer ao papai e mamãe. Ah, devemos também ajudar as outras pessoas.

– Muito bem, minha princesinha! Você aprende depressa! Mamãe vai ficar muito contente quando contarmos para ela sobre a “escolinha”.

– Hoje cedo, quando o senhor estava escovando os dentes, ela perguntou que escola era aquela que eu ia. Disse que não sabia e que depois ia contar tudo direitinho pra ela. Ela ficou curiosa!

Continuaram conversando alegremente durante todo o percurso para casa. Aurora, muito feliz. Jânio ainda se lembrando da palestra edificante que assistira. Parecia que o palestrante falara para ele.

Quando chegaram em casa, Dolores e Nara estavam limpando a casa. Mal atravessaram a soleira da porta e sua mulher exclamou:

– Até que enfim! Pensei que iam passar a manhã toda na rua.

– Você mesma não disse que enquanto eu estiver desempregado, devo dedicar o meu tempo, a minha atenção para a nossa filhinha?

Nara, ignorando a resposta do marido voltou-se para Aurora:

– E você, filhinha, não vem me dar um abraço? Mal me deu bom dia...

Aurora correu para a mãe, abraçou-a e lhe mostrou, toda orgulhosa, o desenho que fizera.

– Que bonito, filha! Venha ver, Dolores, como ela pinta bem!

As duas mulheres sentaram-se à mesa que havia na sala e foram examinar o desenho. No cabeçalho da folha estava impresso em letras azuis: “Centro Espírita Irmão Maior”. Nara arregalou os olhos e apontou o dedo para as palavras impressas:

– O que é isso? Você levou a nossa filha para uma casa de macumba? Está ficando maluco, Jânio? Agora estou entendendo por que tanto segredo. Sabia que eu nunca iria permitir que minha filha pusesse sequer os pés neste lugar. Por que você fez isso, homem?

Diante da indignação da mulher, Jânio ficou sem ação. Nunca poderia imaginar que ela fosse contra. Aurora, por sua vez, empalideceu e se

agarrou às pernas do pai, como a pedir proteção. Nara continuava praguejando, com a anuência de Dolores, que de tempo em tempo fazia o sinal da cruz. Em dado momento, Nara rasgou a folha em mil pedacinhos, enquanto Aurora, agora desesperada, chorava sentida. Diante da ação impensada da mulher, Jânio se revoltou, recolhendo os pedaços de papel de cima da mesa e gritou descontrolado:

– O que você pensa que está fazendo, sua demente? Não vê o estado que deixou a nossa filha? Desde que viemos da fazenda, hoje foi a primeira vez que vi novamente o sorriso voltar ao seu rostinho triste. Ela foi recebida como uma irmãzinha querida pelas crianças que frequentam o Centro Espírita. Você precisava tê-la visto muito à vontade com aquele bando de crianças educadas e alegres. Os seus olhos voltaram a brilhar! Este desenho que você acabou de rasgar ela exibia como um troféu.

Como a filha soluçava muito e apertava cada vez mais forte a perna do pai, Jânio se abaixou, pegou a filha no colo e levou-a para o quarto.

– Não se preocupe, Aurora. Papai vai colar todos os pedacinhos do papel e o seu desenho vai ficar inteiro de novo. Fique tranquila, filhinha. Vou conversar direitinho com a mamãe e ela vai entender tudo, está bem? Deixa por minha conta. Vou resolver este problema e volto daqui a pouco para colar os pedacinhos. Podemos até brincar de quebra-cabeça, não é?

Aurora não disse uma palavra. Deitou-se em sua cama improvisada e com os olhinhos muito tristes fitava o pai. Jânio lhe deu um abraço e beijou seu rosto, secando carinhosamente seus olhinhos rasos d'água. Saiu do quarto, fechando a porta e procurou a mulher. Felizmente ela estava no quintal, ainda falando enraivecida com Dolores.

– Dolores, poderia nos dar licença, um instante, por favor? – pediu Jânio polidamente.

Dolores imediatamente se dirigiu para o interior da casa, sem deixar de fazer novamente o sinal da cruz.

– Você tem consciência do mal que fez para nossa filha, Nara?

– Eu?! Essa é boa! Você leva Aurora para a macumba e eu é que estou lhe fazendo mal? Você deveria ter me consultado antes de levá-la para um lugar como esse. Agora estou entendendo porque tanto mistério.

– Nara, não quero brigar com você. Vou tentar lhe explicar. Escute, por favor! Quando levei Aurora ao médico, o Dr. Vilela, ele me deu o endereço do Centro Espírita que por sinal é onde ele também trabalha. Ele me explicou que Aurora precisava conviver com outras crianças de sua idade. Como não encontramos vaga na escola para este ano e como ela começou a ficar doente devido à falta de companhia, de convivência com outras meninas, Dr. Vilela recomendou aquele lugar. Lá, além de haver muitas crianças, ensinam o Evangelho de Jesus. Onde está o mal nisso?

– Dolores me disse que o Dr. Vilela é ótimo médico, muito caridoso, mas não consegue um cliente da sociedade novaluzense porque o consideram louco. Sabia que ele fala com os mortos? Mesmo os que ele atende de graça comentam sobre o seu jeito esquisito.

– Que ingratidão, Nara! Nossa filha saiu daqui ardendo em febre, prostrada numa cama e volta melhor depois de examinada e medicada pelo médico. Onde está o erro?

– Você não sabe que os seguidores de Satanás agem assim? Fazem até as pessoas melhorarem que é para arrebanhá-las para o seu reino. Você caiu numa armadilha e ainda levou a nossa inocente menina!

– Se você tivesse ouvido a palestra que ouvi hoje!... Só falaram no bem, na paz, no perdão das ofensas. Citaram Jesus que ensinava a perdoar os inimigos. Falaram sobre a importância do amor, da confiança em Deus, nosso Pai...

– Nenhuma palavra mais! – interrompeu Nara. – Hoje mesmo vou atrás de um padre para benzer a nossa filha e esta casa. Dolores disse que se você insistir em continuar na macumba não vai permitir a nossa estada aqui. E para onde vamos? Você não tem um emprego, não tem onde cair morto. Em vez de seguir o conselho do Januário de procurar um advogado para receber o nosso dinheiro daquele fazendeiro que nos deve, fica ouvindo besteiras e ainda arrastando uma inocente com você.

– O próprio Januário disse que aqui não encontrarei nenhum advogado que trabalhe contra os Rocha Prado. Já tentei dois e foi só ouvirem o nome de Lucas, me dispensaram.

– Será que é por causa do Lucas mesmo ou por outro motivo? – perguntou irônica.

– Não entendi o que você está querendo dizer.

– Talvez esses advogados não tenham aceitado sua causa pelo motivo por que você perdeu o emprego: por estar simplesmente dormindo em serviço.

– O que é isso, Nara? Você, mais do que ninguém sabe que naquele dia eu acordei muito mal. Ainda de manhã consegui trabalhar, embora com muita dificuldade. Após o almoço, não sei se devido ao calor intenso, comecei a ficar com uma tontura tão grande que não conseguia me manter de pé. E a minha cabeça estalava de dor.

– Mas teve muito equilíbrio para ameaçar o patrão, não é?

– Não sei por que você está desenterrando este pesadelo. Pensa que não sofro com tudo isso? Que não sinto falta da nossa casinha, dos meus companheiros, do trabalho? E principalmente agora que Aurora está doente devido à mudança tão brusca de vida?

– Se você tivesse pensado realmente no bem estar de nossa família não teria bebido, a ponto de não se aguentar de pé.

Jânio ficou vermelho de raiva. Nem parecia ser a sua mulher quem estava falando. Ela sabia que ele tinha horror à bebida alcoólica! Parecia estar falando de um estranho! Mal controlando a indignação olhou para Nara, como se a fuzilasse.

– Continuo sem saber o que deu em você! Parece uma estranha! Andaram lhe metendo alguma ideia na cabeça, não é?

– Não aguento viver de favor na casa dos outros. Nunca vou perdoá-lo pelo que fez. Todos os lavradores faltam beijar o chão onde o patrão pisa para garantir o seu emprego e você briga com ele! E agora vem com mais esta novidade: mete-se com os adoradores do demônio e mais grave ainda: carrega a nossa filhinha.

– Nada do que eu lhe disser vai adiantar, Nara. Você está a fim de me atirar num poço. Nada do que eu falar ou fizer vai modificar o seu ponto de vista. Pois bem: não vou levar mais a Aurora no Centro Espírita, se isto a deixa mais tranquila e também vou tomar algumas providências quanto ao recebimento do dinheiro que o patrão me deve. Custe o que custar. Mas estou lhe avisando: a Aurora terá prejuízo na sua saúde. Ela precisa da companhia de outras crianças e também deverá ter uma religião.

– Quanto a isso, não precisa se preocupar. Amanhã mesmo vou falar com o padre desta paróquia. Vou pedir que benza a minha filha e esta casa.

Também pedirei para que ela possa frequentar o catecismo, até começarem as aulas. E, quanto a você, trate também de se afastar desse lugar se não quiser ficar sozinho. Se você continuar insistindo nessa maluquice irei embora com a Aurora para a casa de minha mãe.

– Está disposta a ir para o norte? Você nunca gostou de lá! Realmente você está transtornada!

– Transtornado está você, Jânio. A falta do que fazer deve ter mexido com seus miolos.

Jânio viu que não adiantava insistir. Uma profunda tristeza invadiu o seu coração. A pequena Aurora era a sua vida. A simples ideia de ficar sem ela, fazia o seu peito doer. Estava com cinquenta e sete anos. No seu primeiro casamento não tivera nenhum filho. Logo depois, a mulher ficou muito doente e morreu. Quando se casou com Nara, vinte anos mais nova que ele, suas esperanças se renovaram. Um ano depois, nasceu sua princesinha. Depois dela, Deus não lhe deu mais nenhum filho.

CAPÍTULO 8

A possibilidade de ficar sem a sua única filha deixou Jânio completamente desorientado.

Resolveu sair, dar uma volta para aliviar a sua mente conturbada. Andou sem rumo, parando aqui e ali, com os olhos perdidos. Estava julgando-se um fracassado. Precisava fazer alguma coisa, mas não conseguia concatenar as ideias. Quando percebeu, estava numa pequena estrada de terra. Não tinha a menor ideia aonde iria dar. Continuou caminhando e ouviu um barulho de água. Embrenhou-se pelo matagal que marginava a estrada e deparou-se com um estreito rio que corria mansamente.

O lugar era maravilhoso! O rio transparente mostrava os pequenos seixos no fundo e peixes multicoloridos. Uma árvore frondosa estendia um dos galhos por cima do riacho. Jânio subiu no galho e se acomodou entre as folhagens. Apenas os seus pés tocavam levemente a água fresca e limpa. Ali ele permaneceu, embevecido pelo espetáculo grandioso da natureza. De vez em quando, pássaros canoros voavam entre os galhos sem se intimidarem com a sua presença. Outros mergulhavam como uma flecha e reapareciam com um peixe no bico longo. Flores miúdas tombavam em cachos sobre as águas, como se estivessem cochichando alguma coisa com os peixinhos que saltitavam alegremente. O sol refletia sua poderosa luz sobre o campo vastíssimo que havia na margem oposta. Ao longe, a montanha fulgurava. Era de um azul intenso e possuía um brilho peculiar. Casava-se perfeitamente com o azul bem claro do manto celeste. De vez em quando abelhas zumbiam bem perto do rosto de Jânio, sondando as intenções daquele estranho. Depois eram cigarras que estridentes cantavam em coro.

Mas, os pensamentos de Jânio continuavam confusos. Teria que fazer alguma coisa para não perder a sua filha. Nara era muito decidida; não hesitaria em partir definitivamente para a casa da mãe, embora detestasse o lugar. Lembrou-se do simpático senhor do Centro Espírita e de sua palestra tão significativa. Não via nenhum mal em continuar frequentando aquele lugar. Sua filha também gostou tanto que voltou a parecer um passarinho

salitante de felicidade. Nada disso teria acontecido se Lucas Rocha Prado não o tivesse demitido. Só de pensar no ex-patrão sentiu uma raiva incontida. Sua vida virara de cabeça para baixo, de uma hora para outra. Estava tão bem na sua casinha, com a mulher e a filha, os amigos, o ar maravilhoso do campo!... Sentiu-se arrependido de ter enfrentado Lucas e ainda fazendo referência ao caso João Eleutério. Deveria ir à fazenda, se humilhar, suplicar o emprego de volta. Instintivamente levou a mão ao rosto, sentindo com as pontas dos dedos a cicatriz causada pelo chicote. O ódio substituiu os bons pensamentos. Teria sim era que se vingar daquele covarde assassino. Ele teria que pagar pelo mal que fizera a tantas famílias, inclusive à sua. Sem perceber, arrancava as folhas da árvore furiosamente e as atirava no rio. Saltou do galho, olhou tudo em volta, porém, desta vez, sem perceber a beleza, a tranquilidade do lugar. Estava resolvido. Não havia outra saída: ia pegar a carta com o Homero e levá-la para a D. Nete. A justiça deveria ser feita. Sabia da dor que a revelação traria ao coração da bondosa patroa, porém não poderia ficar bem sabendo que os assassinos e ladrões estavam impunes. Como disse o caixeiro, ele se tornou parte integrante do ocorrido, tão logo ficou sabendo do conteúdo da carta. Como cidadão, tinha a obrigação de denunciar os Rocha Prado, antes que fizessem mais vítimas.

Na verdade, o que movia o pensamento de Jânio era o desejo de se vingar de tudo o que lhe aconteceu desde o momento daquela chicotada humilhante, tendo por testemunhas todos os seus antigos colegas de trabalho. Esqueceu-se completamente das palavras sensatas do irmão, do Dr. Vilela, que embora não soubesse do ocorrido, intuitivamente lhe recomendou cautela, bem como olvidara a palestra edificante ouvida no Centro Espírita. Nada mais tinha significado para ele naquele momento. Só o desejo sórdido da vingança, movido pelo orgulho ferido. Grande tolice dos homens: adotar atitudes tão mesquinhas para satisfazer o seu ego, o seu amor próprio, esquecendo-se de que a justiça acontece inexoravelmente, mais dia, menos dia. Usam como desculpa o dever de bom cidadão, mas na verdade estão interessados em revidar aquilo que um dia lhe fizeram de mal. A justiça não deve ser feita através das próprias mãos. O tempo se encarrega de colocar tudo no devido lugar. Além disso, quando os homens se julgam paladinos da justiça, muitas vezes arrastam para a lama pessoas inocentes, ligadas de alguma forma ao fato ocorrido. E isso tem um preço muito alto. É a lei de ação e reação: colher aquilo que planta. Mesmo

havendo culpa, por erro cometido em encarnações anteriores, daquelas pessoas que agora aparentemente são inocentes, aí daquele de quem partir o escândalo! Dá-se muita importância em fazer cumprir a lei de Talião: “olho por olho, dente por dente”, esquecendo-se de que a justiça do Pai é perfeita. Acontece, então, uma reação em cadeia: cada um querendo fazer prevalecer a sua opinião, geralmente embasada no orgulho, no egoísmo, no ódio. Este é o princípio da violência que assola a Terra. Se os homens se voltassem para o amor, perdão, misericórdia, com certeza haveria mais paz. Se conseguissem eliminar a prepotência, o espírito de vingança, herdados pelos ancestrais primitivos, a concórdia prevaleceria acima de tudo. Se o móvel da justiça fosse reeducar o homem em erro, a sociedade se beneficiaria com cidadãos reabilitados e não revoltados, que buscam a justiça com suas próprias mãos.

Jânio, decidido, empreendeu a caminhada de volta, retornando à estreita estrada poeirenta. Estava apressado. Precisava falar hoje mesmo com o Homero. Não queria que nada mais interferisse em seus planos. Agora realmente seria definitivo: pegaria a carta e arranjaría um jeito de chegar até a fazenda Rocha Prado sem ser percebido.

Chegou suado e esbaforido na pensão onde se hospedava o caixeiro-viajante. Seu coração estava aos saltos quando perguntou por ele ao porteiro.

– Está lá em cima – respondeu distraidamente.

Subiu a escada de dois em dois degraus e bateu à porta de Homero.

– A porta está aberta – gritou lá de dentro.

Jânio empurrou a porta e avistou Homero no mesmo lugar de sempre: sentado à mesa, examinando papéis, fazendo anotações num enorme caderno preto.

– Ah, é você, Jânio. A que devo a honra? Venha até aqui e sente-se do meu lado – fechou o caderno e recolheu os papéis que estavam espalhados na mesa.

– Vim buscar a carta, Homero – falou secamente. – Estou disposto a levá-la para a D. Nete.

– Até que enfim despertou a sua consciência! Estou feliz pela sua decisão. Mas o que o fez resolver tudo tão rápido?

– Isso não vem ao caso. Você vai ou não me entregar a carta?

– Claro! Sabia que podia contar com você. É um homem decidido, de caráter. Ainda há no mundo pessoas como você: interessadas em fazer imperar a justiça neste país que vive praticamente nas mãos dos poderosos.

– Por favor, Homero, não me leve a mal, mas não estou com vontade de ouvir discurso. Tenho pressa em liquidar este assunto.

Homero levantou-se com um sorriso irônico e retirou de dentro de uma gaveta a caixinha de música.

– Acho melhor você levar também a caixinha. É uma peça antiga, muito rara. Não há caixinhas como esta no mercado. Nem mesmo nos antiquários. Trata-se de uma relíquia de família.

– Como sabe de tudo isso?

– Ora, Geraldo não era como um irmão para mim? Ele me confiava muitas coisas, muito antes de ser preso. Carregava esta caixinha de música para onde ia. Colocava-a junto às canastras de mercadorias. Ofereceram-lhe, certa vez, uma boa quantia por ela, porém recusou-se e até se sentiu ofendido com o pretenso comprador.

– Mas então acho melhor não correr o risco de levar uma peça tão valiosa. Só a carta é suficiente.

– Confio em você, Jânio. Sei que cuidará dela como de sua mão direita. Ela é importante: é como uma prova, uma testemunha silenciosa.

– Tem mais uma coisa, Homero.

– Pois me diga, Jânio.

– Não tenho dinheiro pra alugar um cavalo ou charrete. Será que você me empresta? Assim que eu receber o dinheiro que o Sr. Lucas me deve, o pagarei.

– Claro, amigo. Só que não precisa me pagar. Considere como um investimento. Apenas lhe peço que traga a caixinha de volta – meteu a mão no bolso, remexeu a carteira e deu algumas notas para o parceiro. – Acho que esta quantia dará para você comprar um pangaré. É melhor do que alugar um animal. Depois ele vai ajudá-lo, mesmo aqui na cidade. Também há dinheiro suficiente para a cela e os outros apetrechos.

– Estou admirado pela sua generosidade! Fico até cismado.

– Lá vem você novamente com as suas desconfianças. Se eu estou depositando toda a minha confiança em você, é assim que me retribui?

– Tem razão. Peço-lhe desculpas. Vejo chifre na cabeça de cavalo. Este é o meu pior defeito: desconfiança.

– Quando pensa em partir?

– Amanhã mesmo. Não quero perder tempo. Minha mulher está se sentindo muito mal por ficar morando na casa de meu irmão. Eu também não me sinto muito à vontade. Além disso, as necessidades de minha filhinha são muitas e enquanto eu não conseguir um emprego, tenho que contar com o dinheiro que aquele maldito homem me deve.

– É justo que você pense assim – estendeu-lhe a caixinha. – Aqui está a caixa e a carta naquele fundo falso que lhe mostrei. Faça as coisas direito. Assim que voltar, entre em contato comigo.

Jânio pegou a caixa como se ela fosse de vidro. Despediu-se e não saiu sem antes colocar a caixinha de música num saco de papel que o caixeiro lhe estendera.

Ganhou a rua carregando o embrulho debaixo do braço, um pouco ressabiado, olhando de um lado para outro.

Assim que chegou em casa tratou de escondê-la num baú cheio de roupas que havia no seu quarto. Também escondeu o dinheiro, aproveitando não haver ninguém por perto. Tão logo fechou o baú, Aurora apareceu correndo para ele, lhe dando um grande abraço.

– Estava esperando o senhor chegar para a gente montar o quebra-cabeça.

– Quebra-cabeça? Do que você está falando?

– Do meu desenho, pai. Aquele que a mãe rasgou. Olha, pedi emprestado o vidro de goma arábica do primo Carlos. Vamos colar?

Pai e filha se sentaram à mesa da sala e pedaço por pedaço, conseguiram reconstituir o desenho. Jânio recomendou que ela guardasse o papel e não mostrasse para a mãe. Acariciou a filha com ternura e sussurrou ao seu ouvido:

– O papai vai viajar amanhã. Consegui um trabalho, numa fazenda aqui perto. Logo, logo, filha, estaremos numa casinha só nossa.

– Numa fazenda, pai? – quase gritou a garota, de tanta felicidade.

– Acho que não, filha. Mas você vai se sentir muito feliz. Você vai ver. Espere o papai voltar. Só não quero que você se sinta triste, está bem?

A filha balançou a cabeça, esboçando um lindo sorriso no rostinho magro e abatido. O coração do pai doeu quando deparou com aqueles olhinhos inocentes que o fitavam com amor. Era duro ter que mentir mais uma vez para a filha. Porém tinha certeza de que estava fazendo a coisa certa. Seria para o bem de todos, principalmente dela. Abraçou-a apertado, dizendo:

– Eu a amo, filhinha. Nunca se esqueça disso.

CAPÍTULO 9

Era a imagem de Aurora, com seu sorriso inocente, que povoava o pensamento de Jânio quando se distanciava de Nova Luz, rumo à fazenda Rocha Prado.

Mal havia amanhecido. Os primeiros raios de sol apareciam acanhados, espreguiçando-se pelos campos. Pássaros passavam em revoada, buscando o alimento matinal. De vez em quando um animalzinho mais afoito atravessava rapidamente a estrada e se perdia no verde. Outros mais tímidos se limitavam a observar a cena, bem protegidos nos galhos das árvores nativas.

Jânio instigava o cavalo, que imprimia suas pegadas na estrada não pavimentada, fazendo saltar pedregulhos e torrões de terra vermelha. Às vezes, o matagal das margens invadia a estrada e era instantaneamente esmagado pelas patas do animal.

Sua montaria já resfolegava, mas Jânio tinha pressa de chegar. Pelos seus cálculos estaria na fazenda no horário em que Lucas e seus irmãos já haviam saído para as lavouras. Com certeza encontraria D. Nete sozinha no casarão. Havia planejado até o lugar onde amarraria o animal, para que ninguém o visse ou despertasse a curiosidade.

Conseguira chegar exatamente no horário que previra. Tudo em volta estava silencioso e calmo. Quase dava para ouvir a respiração dos campos e pradarias. De vez em quando o silêncio era quebrado pelo mugido do gado que pastava e pelos outros animais da fazenda.

Jânio se aproximou de uma grande árvore que ficava apenas a uns metros da casa. Olhou em volta, com muita atenção, apeou do cavalo e o amarrou no tronco. Espiou em volta, atenciosamente, constatando que tudo estava na costumeira rotina. Aproximou-se da casa, atravessou o jardim sem fazer nenhum ruído e ganhou a varanda. Pela porta sempre aberta pôde avistar uma jovem desconhecida que fazia a faxina diária na enorme sala. Bateu à porta, delicadamente, para não assustá-la. A jovem, absorta no seu trabalho, estremeceu levemente e voltou-se para ele:

- Bom dia, senhor. O que deseja?
- Quero falar com D. Nete. Poderia chamá-la, por favor.
- Sinto muito, senhor, ela não se encontra.

Jânio, decepcionado, ficou alguns instantes se perguntando onde ela poderia ter ido. Era muito difícil seu afastamento da fazenda. Seria muito azar ela ter ido, justamente nesse dia, para Nova Luz.

- Pode me dizer onde ela foi, senhorinha?
- Claro, senhor. Ela está cavalgando, como faz todas as manhãs.

Suspirou aliviado. Como esquecera deste hábito antigo de sua patroa?

– Está bem, senhorinha. Sei onde encontrá-la. Muito obrigado e tenha um bom dia.

- Mas o senhor quem é? Trabalha aqui na fazenda?

A pergunta inocente o deixou indeciso. Dizer que não era um empregado poderia levantar suspeita. Também não conhecia aquela jovem. Provavelmente era nova na fazenda.

- Trabalho – respondeu secamente. – Você é nova na casa, não é?

– Chegamos há poucos dias. Meu pai foi contratado como colono. Estamos morando numa pequena casa que foi desocupada recentemente. Lá morava um empregado, sua mulher e filha. O nome dele era... não consigo me lembrar. Não os conheci. Apenas fiquei sabendo pelas mulheres que trabalham aqui na casa. Como sei costurar, além de limpar, também fui contratada pela D. Nete. Estou gostando muito.

- Creio que você estava falando do Jânio.

– Isto mesmo. O senhor o conheceu? Os outros colonos dizem que ele foi despedido injustamente.

Neste instante, alguém de dentro da casa chamou a moça, que se desculpou e rapidamente desapareceu por uma das inúmeras portas do salão.

Jânio sentiu a raiva crescer dentro dele. O fato de saber que estranhos já estavam alojados na sua antiga casinha o deixou abalado. O comentário da moça a respeito da injustiça que sofrera aumentou a sua sede de vingança.

Os espíritos inferiores aproveitam-se de oportunidades como essa para insuflar a revolta no coração daqueles que têm um objetivo negativo. A jovem foi um instrumento utilizado para esse fim. Os comentários que ela fez, intuídas por estes espíritos, foram propositais: uma espécie de xeque mate. O propósito era claro: retirar toda e qualquer dúvida da alma de Jânio, para que ele não pensasse em recuar novamente. Assim agem os espíritos inferiores: se a pessoa está em sintonia com o mal, eles exercem uma influência perniciosa, que pode até levá-la a cometer os piores desatinos.

São de suma importância os rumos que damos aos nossos pensamentos, palavras e atos. Até mesmo o fato de pensarmos no mal, faz com que ele já tome uma forma e se insistirmos na mesma vibração inferior, ele ganha vida e nos conduz à ruína. Isto ocorre frequentemente com bandidos: arquitetam um crime através do pensamento e ficam durante um tempo mergulhados nessas vibrações deletérias. Em dado momento, tal como foi pensado, é realizado. O antídoto mais eficiente para evitar que o mal tome proporções é substituir o pensamento negativo por um positivo. Mudando o pensamento, mudam-se as palavras e as atitudes. Porém aqueles que recalcitraram no mal se tornarão escravos de entidades afins. E o resultado é sempre desastroso para o espírito: uma atitude impensada, num átomo de segundo, pode representar séculos de sofrimentos.

Após as informações da jovem, Jânio imediatamente se dirigiu para o lugar preferido de D. Nete. Todos sabiam da atração que aquela árvore frondosa exercia sobre a patroa. Ela passava horas ali. Recostava-se no tronco, lendo, ou, simplesmente de olhos fechados, devaneando. Foi exatamente assim que Jânio a encontrara. A sua presença foi imediatamente percebida por ela, devido ao barulho de seus passos sobre as folhas e pequenos galhos secos. Levantou-se, imediatamente, intrigada com aquela visita. Todos sabiam que ela não gostava de ser perturbada, porém, a visita de Jânio a deixou mais sobressaltada do que aborrecida.

– Bom dia, Sr. Jânio. O que o traz aqui?

Ele se aproximou mais ainda, tomou sua mão e a beijou com suavidade.

– Meus respeitos, D. Nete. Folgo em saber que a senhora está bem.

– Confesso que estou espantada com a sua vinda à fazenda. Soube de tudo o que aconteceu, inclusive das ameaças que sofreu por parte de meu

marido. Pensei em procurá-lo, porém ninguém sabia para onde tinha ido. Como estão Nara e Aurora?

– Elas estão bem, obrigado. Aurora esteve doente, mas já está bem. Ela sentiu muita falta da fazenda, das amigadas e da professora. Passou uns maus pedaços, mas conseguiu reagir.

– Por que veio me procurar?

Jânio sentiu um nó na garganta. Não gostava nada do que estava fazendo, porém percebeu que não podia voltar atrás. Pigarreou, foi até onde havia deixado o cavalo, retirou da mochila a caixinha de música e colocou-a nas mãos da sua ex-patroa.

– Este é o motivo de minha visita, D. Nete. Sei que a senhora vai ficar muito chocada com o conteúdo da caixinha. Mas, ao mesmo tempo, não acho justo que continue ignorando certas verdades.

A mulher abriu a caixa e retirou a carta:

– É para mim, esta carta?

– Na verdade ela não tem um destinatário definido. Creio que é para quem por ela se interessar.

Curiosa, Nete se afastou um pouco e abriu a carta. À medida que lia, foi empalidecendo e lágrimas deslizaram por sua face. Atônita leu e releu várias vezes a dolorosa revelação. Depois de algum tempo, respirou fundo, secou suas lágrimas e perguntou com voz entrecortada:

– Como o senhor tomou conhecimento desta carta?

– Pelo Homero, um caixeiro-viajante, muito amigo de Geraldo.

– Gostaria que o senhor me explicasse tudo, nos mínimos detalhes, Sr. Jânio. E espero que não seja nenhum golpe que esteja querendo me dar ou uma calúnia para se vingar do que Lucas lhe fez.

– Nem uma coisa nem outra. Esta carta é autêntica e até esta caixinha, segundo o Sr. Homero, é uma prova da verdade. Não entendo bem de antiguidades, porém ele me disse que é muito valiosa e rara. Como a senhora sabe, não tenho onde cair morto. Não seria possível tê-la adquirido.

Examinando a caixa, Nete notou a assinatura do artesão: “Edu Mendes”. Tratava-se realmente de uma peça rara. Eduardo Mendes era reconhecido pelo seu trabalho ímpar, não só no Brasil como no exterior. Fez

pouquíssimas peças como aquela e lembrara-se de tê-la visto com o “Mascate da Roça”. Ele sempre a exibia, dizendo ser amigo pessoal de Mendes e que não a venderia por dinheiro nenhum. Realmente era uma prova de que veio da parte de Geraldo. Infelizmente toda aquela barbárie era real. Tentando se controlar, devolveu a caixinha para Jânio, colocou a carta no bolso de sua longa saia.

– A carta, Sr. Jânio, fica comigo. Não se desfaça desta caixinha. Creio que ela também terá utilidade.

Sentia um grande mal estar. Mesmo sabendo que tudo aquilo que estava escrito poderia ser verdadeiro, não deixou de se aborrecer com o portador. Ficou bem claro para ela que se tratava de uma vingança pessoal. Por outro lado, não poderia ficar indiferente àquelas revelações tão terríveis. Sem conseguir concatenar as ideias, pediu:

– Se foi apenas para me trazer esta carta que o senhor veio, já cumpriu a sua missão. Peço-lhe que silencie sobre isso com quem quer que seja. Vou tomar as providências, ao meu modo. Peço-lhe também que vá embora o quanto antes. Não quero que Lucas saiba que esteve aqui e tampouco que conversou comigo. Diga apenas o seu endereço. Se um dia precisar entrar em contato com o senhor ou com aquele caixeiro-viajante, preciso saber onde encontrá-los. Na ocasião certa, terão notícias minhas. Passe bem, Sr. Jânio.

Jânio estava desconcertado com a dureza com que D. Nete pronunciara aquelas palavras. Informou-lhe que estava na casa de Januário em Nova Luz e imediatamente montou no cavalo e preparava-se para sair quando ela o chamou:

– A propósito, alguém o viu aqui na fazenda?

– Apenas uma moça que está trabalhando em sua casa. Não a conhecia e ela também não sabe quem sou eu. Disse-lhe que era um colono, nada mais. Algo mais, senhora?

Nete, já de costas para ele, balançou a cabeça negativamente e voltou a sentar-se sob a copa da sua árvore predileta.

Nem bem Jânio se afastara e ela caiu num choro convulsivo. Sentia-se desesperada e muito triste. Aquelas revelações eram terríveis. Sabia que o marido e cunhados tinham alguma culpa na morte da família de João Eleutério, mas aquilo era bem pior do que sequer poderia imaginar.

Indignou-se também pelo assassinato frio e premeditado do comprador de suas duas fazendas. Nem por um momento, entretanto, se preocupou com o possível prejuízo que poderia ter, mas com a monstruosidade cometida. Nada daquilo poderia imaginar que ocorrera ali, debaixo de seu nariz, com uma atrocidade tão grande! Não sabia como agiria daqui para frente, na presença dos três homens. Sentia ao mesmo tempo repugnância e terror. Precisava esfriar a cabeça e então pensaria no que fazer. Naquele momento não tinha a mínima condição de decidir nada. Muito trêmula, colocou a carta dentro do livro que estava lendo e guardou-o na mochila. Cambaleante, sentindo o chão fugindo de seus pés pegou o seu cavalo e foi para casa.

Entrou esbaforida, o que assustou Mariana, que incontinenti se acercou dela, preocupada:

– D. Nete, a senhora está tão pálida! Aconteceu alguma coisa?

– Não estou me sentindo bem.

Mariana se apressou a lhe dar a mão, conduzindo-a até a poltrona.

– Devo mandar chamar o Sr. Lucas?

– Não, é melhor que não o chame. Mas preciso de alguém que me leve a Nova Luz. Tenho que tomar algumas providências urgentes.

– A senhora está me assustando, patroa!

– Não fique tão preocupada, Mariana. Estou com um mal estar passageiro, mas preciso ir até a cidade. Faça-me um favor: chame Lourenço.

A serviçal não pestanejou. Saiu rapidamente e depois de uns minutos voltou com Lourenço, que solícito se acercou da patroa:

– Mariana disse que a senhora não está muito bem. Precisa de mim, senhora?

– Sim, Lourenço. Quero que me leve a Nova Luz, agora mesmo. Vá buscar o carro, enquanto eu tomo um banho e você, Mariana, coloque algumas roupas numa mochila. O necessário para apenas dois ou três dias.

Os dois saíram da sala para providenciarem o que foi pedido. Nete se apressou a tomar um banho e em poucos minutos já estava pronta. Enquanto aguardava Lourenço, escreveu um bilhete para o marido e o entregou a Mariana, recomendando:

– Assim que Lucas chegar para o almoço, entregue-lhe este bilhete. Se começar a fazer muitas perguntas diga-lhe apenas que recebi um recado de minha irmã pedindo a minha presença urgente em Nova Luz. Não diga mais nada, Mariana. Não comente que eu me senti mal. Não quero que ele vá atrás de mim. O que tenho que resolver, preciso fazê-lo sozinha.

– Mas, senhora, vou ficar muito preocupada. Não quer que Gilda, Marina ou até mesmo a Eunice a acompanhe? Eunice é novata, mas já mostrou ser muito diligente.

– De maneira nenhuma. Quero que a rotina da casa continue sem que a minha ausência atrapalhe nada. Não se preocupe, Mariana, já estou me sentindo melhor. Só que não posso adiar a minha ida à cidade. Peço-lhe novamente: não deixe que Lucas perceba a sua preocupação.

– D. Nete, posso lhe fazer apenas uma pergunta?

– Claro.

– Eunice disse que um colono veio até aqui procurar a senhora. Esse homem, que ela disse não conhecer, foi o responsável pela sua pressa em ir a Nova Luz?

Um arrepio passou pelo corpo de Nete.

– Foi exatamente este homem que veio trazer o recado de minha irmã. Não é um colono. Trata-se de um velho conhecido da família – mentiu Nete, tentando assim parecer que tudo estava sob controle.

Nesse exato momento, Lourenço chega até a porta da sala:

– Estou a sua disposição, D. Nete. Demorei um pouco porque tive que colocar gasolina. Faz tempo que a senhora não usa o automóvel.

– Então vamos, Lourenço. Mariana, não deixe de entregar o bilhete a Lucas. Cuide de tudo como se eu estivesse em casa. Adeus.

– Adeus, D. Nete. Cuide-se. Vou rezar pela senhora.

– Obrigada, Mariana. Estou realmente precisando de oração.

CAPÍTULO 10

A viagem até Nova Luz parecia não ter fim. De vez em quando Nete relia a carta e todo um turbilhão de sentimentos a envolvia. Já sabia exatamente o que deveria fazer. Antes de qualquer coisa precisava se certificar da autenticidade da carta e conhecia a pessoa certa para isso. Tão logo chegasse à cidade entraria em contato com Antônio Miranda, que era um ótimo detetive.

Chegando a Nova Luz, antes mesmo de ir cumprimentar os parentes, pediu a Lourenço que a levasse até a rua principal da cidade. O motorista, sempre discretíssimo, levou-a até o local pedido.

– Lourenço, leve a minha bagagem até a casa de meus parentes. Daqui a duas horas venha me buscar.

– Não prefere que eu a espere, D. Nete? Tenho uma tia nesta rua; posso lhe fazer uma visita enquanto a senhora resolve seus assuntos.

– Bem pensado. Se você chegasse apenas com a minha bagagem poderiam ficar preocupados. Faça isso e daqui a duas horas venha me buscar.

Nete caminhou apenas alguns metros e já estava no escritório do detetive Miranda.

Foi recebida calorosamente pela secretária. Afinal a sua presença ali era uma honra para todos. Todos a admiravam muito, não apenas pelo seu caráter ilibado, mas, principalmente, porque sabiam da justiça e amor com que tratava os colonos e serviçais da fazenda. Quase imediatamente foi encaminhada ao gabinete de Miranda.

– D. Nete! A que devo a honra de sua presença? – perguntou o detetive, abrindo um sorriso largo e apertando a sua mão com entusiasmo.

– Boa tarde, Antônio. É muito bom revê-lo, embora as circunstâncias não sejam as melhores.

– Noto que está abatida. Em que posso lhe ser útil?

– Veja! – entregou-lhe a carta, sentando-se do outro lado da mesa em que ele se encontrava.

Ficou observando as reações do amigo, porém ele não deixou transparecer absolutamente nada.

– E então, o que me diz sobre esta carta?

– D. Nete, tenho como princípio não tirar nenhuma conclusão precipitada. O conteúdo desta carta é gravíssimo, sem sombra de dúvida. Porém antes necessito de mais elementos. Preciso saber como ela chegou às suas mãos e por quem. Também é necessário observarmos o que motivou essa pessoa a entregá-la depois de tantos anos.

– A carta foi-me entregue por Jânio, um antigo colono, que Lucas demitiu sem justa causa e o que é pior, depois de chicoteá-lo na frente de todos os outros trabalhadores.

– Bem, aí já temos um elemento: a vingança. Por que esta carta estava com ele?

– Lembra-se de Geraldo, o Mascate da Roça, não é? Pois bem: Jânio se encontrou com um amigo dele, o Homero, que também é mascate e segundo me disse, era muito amigo de Geraldo. Esta carta foi parar nas mãos deste Homero, dentro de uma caixinha de música. Nem perguntei para o Jânio como este seu amigo conseguiu a carta. Estava tão aturdida, que não consegui sequer entrar em detalhes com ele.

– É perfeitamente compreensível, D. Nete. Mas isso não é problema. Entrarei em contato com ambos: Homero e Jânio. Este Jânio não é o irmão de Januário?

– Sim, é ele mesmo. Está morando com o irmão. Quanto ao caixeiro não perguntei como encontrá-lo.

– Só pode estar na Pensão dos Viajantes. É o pouso certo de todos os mascates. E quanto à caixinha de música? A senhora ficou com ela também?

– Não. Jânio a trouxe com ele. Esta caixinha também é uma pista importante, segundo meu ponto de vista. Lembro-me que Geraldo a exibia como um troféu para todos com quem conversava. Foi fabricada por Eduardo Mendes, lembra-se dele?

– Quem não se lembra! Ficou famoso pelo seu artesanato tão fino e artístico. A senhora identificou a caixa como sendo feita pelo Mendes?

– Com certeza. Identifiquei a assinatura inconfundível. Também tenho certeza que se trata da mesma caixa que o caixeiro exibia. Porém uma coisa está me intrigando muito: por que esta carta não foi encaminhada à polícia? Afinal, muitos anos se passaram. Talvez até dificulte um pouco saber a verdade, não?

– Quanto ao fato de não haverem levado a carta para a polícia, parece-me bem claro. Desculpe-me se vou ofendê-la, mas a cidade toda e até mesmo toda a região teme os Rocha Prado. Além disso, quase todos devem alguma coisa à sua família. Como a polícia iria tomar partido de alguém que sequer sabe a procedência? De alguma forma ele achou alguém que poderia testemunhar a violência de seu marido, visto que foi vítima. E que, infelizmente, deve saber muitas coisas que ocorrem na fazenda, pois era um colono antigo.

– Infelizmente meu marido e cunhados usam de métodos nada convencionais. Sabia, intuitivamente, que mais cedo ou mais tarde algo ruim aconteceria. Mas, sinceramente, as minhas desconfianças ficaram muito aquém da realidade. Nem de leve podia imaginar que Lucas fosse cúmplice de seus irmãos. Sempre foi violento, mas jamais cogitei que ele também pudesse participar de um crime tão hediondo e covarde.

Antônio Miranda, notando que Nete estava prestes a desatar no choro, resolveu suavizar um pouco a conversa. Tinha absoluta certeza de que ela jamais se pactuaria com os desregramentos de Lucas. Penalizava-se dela. Era mais uma vítima daquele covarde.

– Não podemos tirar conclusões apressadas, D. Nete! Vou começar o trabalho em cima do que tenho em mãos: esta carta. Fique tranquila, quanto ao sigilo. Deixe tudo por minha conta. Não quero que a senhora se preocupe com nada. Quando tiver notícias, lhe enviarei um recado. Quantos dias pensa em ficar por aqui?

– No máximo três dias. Não quero que Lucas desconfie do que eu realmente vim fazer aqui.

– Estamos combinados, então. Procure se distrair, tirar este peso de seu coração. A verdade aparecerá, D. Nete. Mais dia, menos dia.

A mulher se despediu do detetive e se apressou a sair do gabinete. Agora tudo dependia dele.

Enquanto isso, na fazenda Rocha Prado, Lucas acompanhado pelos dois irmãos acabavam de chegar para o almoço. Entraram ruidosos como sempre, deixando um rastro de terra vermelha no assoalho impecavelmente encerado e brilhante. Jogaram o chapéu no chapeleiro, e um a um foram ao lavabo lavar as mãos. Lucas, estranhando a ausência de Nete, que a esta hora sempre se encontrava bordando na sala, berrou:

– Nete! Nete! Onde você se meteu? Já chegamos para o almoço. Venha me servir.

Mariana chegou apressada, com duas grandes travessas nas mãos, onde fumegava a comida, seguida de Eunice que trazia uma pesada jarra de suco.

– Sr. Lucas, D. Nete foi para Nova Luz.

– O que está me dizendo? Como foi para Nova Luz? – vociferou, mostrando ao mesmo tempo surpresa e indignação.

A serviçal colocou as travessas sobre a mesa já forrada com uma bonita toalha de linho mostrando em toda a sua borda arabescos feitos com bordado vazado. Retirou do bolso do avental o bilhete de sua patroa e lhe entregou, apenas dizendo que Lourenço a havia levado.

Lucas leu rapidamente o bilhete, bufando de raiva e despedaçou-o em mil pedacinhos, jogando-os no chão.

– Ora essa! A irmã tem uma vertigem qualquer e Nete corre a atendê-la como se fosse uma médica. Larga todos os compromissos da casa para servir a irmãzinha mimada. Mas isto não vai ficar assim. Será a última vez que ela sai de casa sem meu consentimento. Vou dar ordem expressa ao Lourenço para não levá-la, sob pena de ser mandado para o olho da rua.

– Assim é que se fala, irmão. Mulher a gente tem que trazer no cabresto – opinou Roberto, irônico.

– Além disso – completou Júlio com cinismo – a sua mulherzinha solta por aí pode representar um perigo para você. Não é? De repente alguém pode lhe contar algumas coisinhas... alguns segredinhos... Não é nem um pouco conveniente que ande sozinha fora daqui, longe de suas vistas.

– Já não lhe disse para não tocar neste assunto? Não deixei bem claro que está morto e enterrado?

Os dois irmãos deram uma sonora gargalhada e quase em dueto, disseram:

– Bem morto e muito bem enterrado!

– Parem com isso agora, se não quiserem ir comer no galpão com os colonos. Não quero mais falar sobre nada. Vamos almoçar em silêncio. Fui claro?

Os dois balançaram a cabeça e se entreolharam com o mesmo riso cínico no canto da boca.

Após o conturbado almoço, Júlio e Roberto saíram antes de Lucas. O mau humor do irmão estava deixando-os irritados.

Assim que eles saíram, Lucas chamou novamente Mariana:

– Como é que Nete ficou sabendo que sua irmã estava precisando dela?

– Veio um mensageiro de Nova Luz.

– Ele falou com ela aqui?

– Não, senhor. D. Nete estava cavalgando. Ele foi procurá-la.

– Era alguém conhecido?

– Não, senhor.

– Então me explica: como ele foi procurá-la sem conhecer a fazenda? Com esta imensidão de terras ele a encontrou, digamos, casualmente?

– Não sei lhe explicar, patrão. D. Nete não me disse como se encontraram. Quando ela voltar o senhor lhe pergunte.

– Você também está ficando com a língua afiada, Mariana? Cuidado!

– Não, senhor. Estou apenas dizendo o que eu sei.

– Foi você quem atendeu o estranho?

– Não, senhor. Foi Eunice.

– Pois chame a Eunice agora.

– Com licença, patrão. Vou chamá-la.

Quase que imediatamente Eunice apareceu na sala. Estava com o rosto vermelho e com os olhos assustados.

– Pois não, senhor... – gaguejou num tom quase inaudível.

– Foi você quem atendeu o estranho que veio procurar a sua patroa?

– Sim, senhor – disse com os olhos voltados para o chão.

– Você já viu aquele homem por aqui alguma vez?

– Nunca, senhor.

– Ele disse o seu nome?

– Não, senhor.

– Por que, então, você lhe falou que Nete estava cavalgando? Não era um estranho?

– Ele... – quase deixou escapar que ele havia se identificado como um colono da fazenda, porém lembrou-se do que Mariana lhe pedira e remendou. – Ele se mostrou tão educado. Pensei que morava por perto, numa das fazendas. Não vi nada de mal.

– Sabe qual foi o seu mal? Antes de sair falando onde a sua patroa está ou o que ela está fazendo tem que saber quem é a pessoa. Se não o conhecia, deveria ter chamado Mariana. Nunca mais fale com estranhos, muito menos lhes dê qualquer tipo de informação. Você não está autorizada a fazer isso. Aliás, ninguém desta casa. Está ouvindo, Mariana? – gritou, voltando-se na direção da mesa, onde Mariana, silenciosamente, retirava os pratos e talheres.

Mariana, assustada, deixou cair os talheres que caíram ruidosamente no assoalho.

– Sim, senhor.

– Agora deem o fora daqui. Quero ficar sozinho. E não façam nenhum barulho. Não quero ouvir sequer os passos de ninguém.

Lucas estava muito intrigado. Sentia que alguma coisa estava errada, mas não sabia identificar o quê. Estava aborrecido e contrariado pela atitude da mulher que jamais fizera esse tipo de coisa. Era só mandar qualquer um procurá-lo, que imediatamente estaria aqui, verificando as verdadeiras intenções do estranho. Ela nunca poderia ter ido à cidade sem antes lhe comunicar, a menos que não quisesse que ele soubesse antecipadamente de sua viagem. Havia alguma coisa estranha no ar.

E assim Lucas permaneceu com suas cogitações, por um longo tempo. Como era de seu feitio usar de subterfúgios para praticar atitudes menos dignas, julgava que ela também estivesse usando o mesmo recurso. Era tão insensível que ainda não conhecia o caráter firme e digno de sua esposa,

depois de tantos anos de vida em comum. Julgava-a uma pessoa que vivia no mundo da lua, com seus devaneios, seus sonhos. Nunca teve tempo para observar o que realmente se passava no íntimo de seu coração tão bom e generoso.

Esta é uma característica do egoísta: só enxerga a si mesmo. Em seu egocentrismo doentio sempre julga que todos gravitam ao seu redor. Não se importa com os sentimentos de ninguém. Passa por cima de todos como um rolo compressor, julgando-se o dono do mundo. E é justamente por causa do egoísmo que há tantos desequilíbrios não só no seio da família, mas na sociedade de modo geral. O egoísmo é irmão gêmeo do orgulho. Ambos causam malefícios de toda sorte: espalham a discórdia, a intolerância, o desamor, a dor. Enquanto se pensa apenas no próprio bem estar em detrimento da coletividade, não há equilíbrio social. Numa sociedade mal estruturada a miséria grassa porque alguns se julgam detentores de toda a riqueza e poder do Universo. E enquanto estes esbanjam a mancheias com futilidades, a maior parte da população sofre com a escassez de alimentos e com a falta de oportunidades.

Homens assim tão egoístas ainda não aprenderam o prazer de dividir, socorrer, amparar. Entretanto, como tudo na vida, há também o outro lado da moeda, um preço a se pagar pelo egoísmo e orgulho. E este preço se manifesta pela falta de paz, pela solidão e a desventura. Não pode ficar impune aquele que se julga melhor do que os outros ou que só vive para ser servido. Ainda não percebeu o verdadeiro sentido de sua existência: “amar o semelhante como a si mesmo e não fazer aos outros o que não gostaria que fizessem consigo”. Porém o tempo é um grande aliado e se encarregará de despertar todos os que ainda se encontram adormecidos pela ignorância. A evolução de cada um se dará mais cedo ou mais tarde, quer seja pelo amor ou pela dor.

Nete estava muito ansiosa. Vários dias se passaram desde que fora à cidade tratar do assunto da carta e Antônio Miranda ainda não lhe dera nenhuma notícia. Logo que retornou à fazenda, teve que suportar os azares do marido, ainda inconformado com a sua decisão intempestiva de ir a Nova Luz. Nem imaginava como o detetive faria para lhe dar qualquer notícia sem despertar suspeita por parte do marido. Ficava terrível conviver com ele, sabendo do que foi capaz de fazer. Temia até pela própria vida. Olhava-o sempre com desconfiança e cada vez mais se sentia

incomodada com a presença de seus cunhados que não se decidiam a partir. Além disso, Lucas que havia concordado com o afastamento de João Eleutério por algum tempo, já estava reclamando a sua falta. O negro era um trabalhador indispensável na colheita do café, pela sua experiência, e também se fazia necessário na recuperação das cercas da propriedade, que já se encontravam danificadas. Tudo isso se devia também aos inúmeros colonos mais antigos que se transferiram para outras fazendas, por não mais suportarem o mau gênio do patrão. Só restou uma meia dúzia de lavradores antigos. Os restantes eram novatos e, na maioria das vezes, completamente inexperientes.

Este era o assunto dos homens na varanda, após o jantar. Júlio falava como se fosse muito experiente:

– Não vejo como agilizar a colheita, mano. Os colonos que ficaram e os que restaram são preguiçosos e completamente estúpidos. Você ensina de um jeito, eles fazem de outro. O café está chegando até os tanques de secagem com muitos gravetos e pedras grandes. Antes de serem despejados são necessários vários limpadores, o que antes não era necessário. Parece até que não usam a peneira. Havia mais vigilância e cuidado. Isso está atrasando muito. Vários cafeicultores já estão levando o seu café para os postos de venda das imediações. E nós aqui, esperando a boa vontade desse bando de incompetentes.

– Além disso – completou Roberto – dias atrás percebi que havia um grande acúmulo de café já colhido debaixo do cafezal. Com a chuva, os grãos apodreceram. Não pude salvar quase nada. Chamei o responsável pelo setor e ele disse que não sabia como aquele café havia aparecido ali.

– Esta cambada está boicotando a colheita. Querem me prejudicar. Só pode ser isso – retrucou Lucas levantando-se e andando de um lado para outro. – Preciso convocar o João Eleutério. Ele está de férias naquela fazenda, porque lá não há plantação de café. Chega de moleza. Amanhã mesmo vou mandar alguém buscá-lo.

Os irmãos se entreolharam sérios. Até agora fizeram e aconteceram. Já com o João Eleutério de volta teriam novamente de se armarem e ficarem sempre de sobreaviso. Roberto ainda tentou dissuadir Lucas de sua ideia:

– Até parece que você não está se lembrando do juramento do negro, a nosso respeito! Quer facilitar as coisas para ele, Lucas?

– Não vou me prejudicar por vocês. Em primeiro lugar estão os meus interesses. E eles são justamente relacionados com os lucros do café, nada mais.

– Aí é que você se engana! – retrucou Júlio. – Há outros interesses também e você está incluído neles tanto quanto nós. Você às vezes tenta se fazer de ingênuo. Não é, mano? Você acha que Roberto e eu somos idiotas?

Lucas deu uma tragada no charuto que acabara de acender e falou com extremo cinismo:

– Acho que está na hora de acabarmos com esta conversa de uma vez por todas. Quem tem coisas a ajustar com o João Eleutério são vocês dois. São vocês que ele espera ardentemente colocar as mãos. Se houvesse alguma coisa contra mim, não acham que já teria feito o serviço? Oportunidades eu lhes garanto que não faltaram. A fazenda é cheia de lugares que serviriam perfeitamente para uma tocaia. Portanto vocês são a pedra no caminho dele.

– Se formos enredados, você também será, Lucas. Não cante vitória antes do tempo. Só se ficarmos mudos antes dele nos capturar. Caso contrário, ele gostará de saber de tudo, tintim por tintim. E as coisas vão tomar um outro rumo, completamente diferente.

Nete, que se dirigia para a varanda, levando o café, não pode deixar de ouvir o que disseram. Sentiu um calafrio na espinha. Havia coisa feia ali sim – pensou mortificada. A carta era verdadeira.

Temendo uma reação desagradável para ela, deixou o café na mesa da sala e lá de dentro chamou-os para se servirem. Os homens entraram mudos e carrancudos. O ar estava irrespirável. Serviram-se automaticamente e cada um sentou-se numa das cadeiras da sala de jantar. Só se ouvia o barulho da xícara sendo recolocada no pires, depois de cada gole.

Nete pediu licença e se recolheu aos seus aposentos.

CAPÍTULO 11

O dia amanheceu nublado, prenunciando muita chuva. A região onde estava situada a fazenda Jequitibá era muito rica em vegetação nativa, havendo áreas inteiramente virgens. Devido a isso, as chuvas eram constantes. A agricultura era mais voltada para o cultivo de arroz, cana de açúcar e muitas frutas. Havia também um pequeno rebanho de cabras que eram usadas para o aproveitamento do leite e carne para o consumo local. Apesar disso, havia muito trabalho, pois o número de trabalhadores era pequeno. Juca Mineiro administrava tudo com muito carinho e dedicação. Ele nascera e fora criado ali. Seus irmãos, após a morte dos pais, resolveram estudar na capital e desde que foram embora, jamais teve notícias deles. Mas não se sentia sozinho. Era casado com Manuela, com quem tivera cinco filhos. Os filhos, enquanto pequenos, ajudavam muito na lavoura, porém, logo que atingiram a maioridade, quatro deles seguiram o mesmo destino dos tios: partiram para a cidade, em busca de uma vida melhor. José, o caçula, agora com vinte e cinco anos, foi o único que resolveu ficar para trabalhar na terra com o pai. Era um rapagão muito forte e estimado por todos. Tinha um coração de ouro e se tornou um líder entre os colonos. Era ele quem se encarregava de levar, num velho caminhãozinho, os produtos da fazenda para serem vendidos nas feiras de Nova Luz e outras cidades vizinhas. Por causa disso, tornou-se muito conhecido e admirado por todos. Todos o conheciam pelo apelido de Índio, não só por sua cor parda, mas porque seu cabelo, muito preto, era longo e liso. Estas características ele herdou de seus bisavós maternos que eram índios. Também herdara a lealdade e a simplicidade.

A chuva começou a cair, a princípio mansa, mas se tornou intensa e forte. Raios cruzavam o céu e o vento assobiava. Os colonos que já estavam na lida, entre eles João Eleutério e o Índio, se refugiaram no engenho. Espalharam-se em meio a folhas e canas que se amontoavam no lugar.

João Eleutério e Índio sentaram-se num banco de madeira que havia num canto e com seus facões começaram a descascar a cana. O filho de Juca Mineiro estava intrigado com o silêncio e tristeza de João Eleutério, desde

que ele fora achado na capela pelo seu pai. Ainda não tocara no assunto, mas, como João estava ao seu lado, resolveu perguntar:

– Seu João, desculpe a minha curiosidade, não me leve a mal, mas gostaria de saber o que deu no senhor, naquela noite em que meu pai o encontrou meio treloucado na capela. Se o senhor não quiser me responder, não fique acanhado por eu ficar sem resposta.

– José, gosto muito de você. Nunca levaria a mal uma pergunta sua dirigida para minha pessoa. Ando precisando mesmo desabafar. Não consegui contar tudo o que vi e ouvi não só na capela, mas no terreno onde era a casa da família de Joaninha. Acho que chegou a hora de falar.

Durante algum tempo, confabularam, sem que ninguém ali os ouvisse, por causa do barulho da tempestade. Somente percebiam que estavam conversando pelos movimentos que faziam com a cabeça e a boca. João Eleutério contou tudo, não omitindo nenhum detalhe. Estava se sentindo muito bem por poder desabafar. Afinal há vários dias estava ruminando aquele episódio, sem coragem de falar com ninguém.

Para espanto de João Eleutério, o Índio não se mostrou nem um pouco surpreso. Encarou tudo como a coisa mais natural do mundo. Quando ele acabou o relato, Índio lhe disse:

– Temos muito ainda que conversar, seu João. O senhor vai entender tudo o que está acontecendo e verá que é muito mais simples do que imagina, tais acontecimentos. Mas aqui não é a hora nem o lugar. À noite, depois do jantar, irei até seu alojamento e conversaremos longamente sobre o assunto. Isto se a chuva der condição para sair. Pelo jeito ainda vai continuar por muito tempo. Esta é uma boa oportunidade de nos conhecermos melhor. Sei que o senhor sempre foi muito amigo de meu pai. Poderia até falar com ele, porém, ele não teria como explicar nada para o senhor. A religião que ele segue não aceita certas coisas. Logo que eu comecei a frequentar umas reuniões na casa de D. Mercedes, aquela vizinha que mora a umas poucas léguas daqui, ele ficou muito bravo. Chegou até a me proibir. Eu ainda era um molecote. Mas, mesmo assim, saía escondido e ia. Levei muitos castigos, algumas chineladas, mas depois ele desistiu. De vez em quando ainda diz diante dos amigos: “esta é a ovelha que se desgarrou”. Não me importo com suas implicâncias. Eu compreendo bem o meu velho pai. É difícil para alguém de sua idade aceitar aquilo que não está acostumado. Por

outro lado, ele tem sua fé e acho que qualquer religião é importante. Só não podemos deixar de ter alguma, não acha, seu João?

– Ando um pouco confuso. Até vir para esta fazenda achava que a minha religião era este facão. Só pensava em vingança. Agora, não sei mais. Desde que sonhei com Joaninha e que ela me disse tantas coisas bonitas, sinto que ela ficaria muito triste se eu continuasse com esta sede de vingança.

– O senhor tem toda razão, seu João. Não foi por acaso que o senhor veio para cá. Talvez lá não conseguisse pensar na sua mulher sem se lembrar do que lhe fizeram e por isso não percebia a sua presença. Ela precisava mandar-lhe um recado e achou aqui em Jequitibá um ambiente propício, uma vibração melhor.

– Não sei, não sei. Ainda tenho muitas dúvidas. Tem um outro fato que não me sai da cabeça: é o que me aconteceu no lago da fazenda Rocha Prado. Será que isto também tem o dedo de Joaninha?

– Bem, isto o senhor ainda não me contou, mas garanto que se foi para evitar que alguma coisa ruim acontecesse com o senhor ou com outras pessoas, pode ter sido ela ou seus amigos espirituais. Dá até para entender por que eles o assistem tanto: o senhor é um homem honesto, trabalhador, humilde e sei também que já ajudou muitas pessoas lá para suas bandas. A gente só recebe o que merece.

– Se a gente só tem o que merece, então por que aconteceu toda aquela desgraça com a minha família?

– Isto são outros quinhentos. Precisamos conversar muito, seu João. Não sei de muita coisa, mas a D. Mercedes é uma pessoa que talvez possa lhe dar algumas respostas. Ela dedica toda a sua vida a ajudar as pessoas carentes de toda sorte. Divide tudo o que tem. Ela era dona de uma grande propriedade, filha única de um rico fazendeiro. Quando o pai e a mãe desencarnaram vitimados pela gripe espanhola, ela dividiu a sua terra em lotes e distribuiu para todos os lavradores que trabalhavam em suas terras. Reservou um pedaço de terra para ela, onde construiu uma casa muito grande. Ali ela ensina o Evangelho de Jesus, benze as pessoas que estão necessitadas, acolhe os doentes, tratando deles como se fossem de sua família. É a parteira e enfermeira do local. Para lá acorrem pessoas que vêm de muito longe, em busca de uma palavra de conforto, de esperança. Todos

têm o mesmo tratamento: rico ou pobre. Recebe mensagens muito bonitas e esclarecedoras de vários espíritos.

– De espíritos? Você quer dizer de pessoas mortas? – perguntou, um pouco desconfiado.

– Não se trata de mortos, porque nós não morremos. Mas sei que no momento isto vai complicar ainda mais a sua cabeça. Vamos fazer como combinamos: à noite, se a chuva me permitir, irei ao seu alojamento e teremos uma longa conversa. Depois lhe emprestarei alguns livros. Quem sabe não encontrará as respostas por si mesmo?

– Acho que não, José. Não aprendi a ler.

– Desculpe o mau jeito, seu João Eleutério. Não sabia. Mas, não tem problema: o que eu aprendi, passo para o senhor – deu um largo sorriso e colocou a mão carinhosamente no ombro do amigo. – Olhe, a chuva já diminuiu. Não adianta voltar para a lavoura, o dia já está perdido. Vamos embora? Precisamos de um bom banho e de alguma coisa para forrar o estômago. Mais tarde, se o tempo continuar assim, irei até sua casa.

Os dois, seguidos pelos outros colonos, saíram do engenho e se dirigiram para suas casas.

A chuva havia diminuído bastante, mas ainda continuava caindo de mansinho. O chão estava pura lama. Os homens chapinhavam no lamaçal uns dando risadas, outros soltando imprecações. O barro vermelho escorria pelos barrancos, fazendo sulcos pelo caminho. Índio ia à frente, mostrando muita disposição e bom humor. Ria dos companheiros que vez ou outra se estatelavam na lama. Era um homem realmente especial, o Índio. Sua aparência impressionava: era muito alto e musculoso. Porém, quando sorria, dava para perceber que atrás de toda aquela constituição física estava um homem sincero e amigo.

Já à porta da fazenda, acenou para os companheiros que continuaram a caminhada.

A noite chegara, invadindo com o seu manto negro toda a abóbada celeste. Uma ou outra estrela piscava tímida e rapidamente se refugiava por trás das nuvens ainda pesadas. O ar estava leve e a brisa balançava suavemente os galhos mais finos das árvores. A saparia desatava num coaxar sem fim e era seguida pelos grilos que dominavam toda a vegetação. De vez em quando, ouvia-se a o pio da coruja, mostrando que estava alerta

no topo de um tronco seco. Latidos longínquos se ouviam às vezes seguidos de uivos lamuriosos.

Apesar da escuridão, José, o Índio, rumou para a casa de João Eleutério, conforme havia combinado. O negro já havia tomado uma sopa quente e enrolava, calmamente, o seu cigarrinho de palha, quando o amigo o chamou. Fê-lo entrar, oferecendo-lhe um banquinho para se acomodar.

– Então, seu João, vamos voltar à nossa prosa de antes?

– Claro, estava esperando aflito pela sua chegada. Tenho muitas coisas para lhe contar. São coisas que estão deixando a minha cabeça confusa. Não consigo entender o que se passou comigo.

– Vamos por partes. O senhor me falou de um fato que aconteceu no lago da fazenda Rocha Prado. O que exatamente houve de tão extraordinário?

João Eleutério aproximou-se da janela, jogou o cigarro fora e relatou com minúcias o incidente que lhe ocorrera no lago quando mergulhou, disposto a matar os irmãos de Lucas. No final da narrativa, José estava boquiaberto. Jamais ouvira algo tão estranho! Com o sobrecenho carregado, coçou a cabeça, pensou um pouco e disse:

– Realmente é um caso bem estranho. Nunca ouvi nada igual. Não sei lhe explicar o que aconteceu, mas tenho quase certeza de que foi algum Espírito que fez aquilo com a água. Os Espíritos mais adiantados têm condição de fazer muitas coisas que a gente acha que é sobrenatural. D. Mercedes já conversou com Espíritos estrangeiros e na língua deles! Ela só fala o português. Não é inacreditável? Quanto ao seu caso, pode ter sido a D. Joanhina, mesmo. De algum jeito, que não sei qual, ela conseguiu barrar a sua passagem, evitando que o senhor cometesse um crime. É muito interessante, sem dúvida nenhuma!

– Depois, foi o que aconteceu na capela. Olha, José, muita gente andou falando que eu estava bêbado e que imaginei tudo aquilo. Mas, desde que eu vim para a Jequitibá, nunca mais bebi. Tenho certeza, também, que não foi um sonho. Eu vi a Joanhina, conversei com ela. Senti até o perfume de água de rosas que ela usava. Falou comigo tal como estamos conversando aqui, cara a cara. Aconselhou-me, pediu para eu desistir da vingança e me mostrou uma cena esquisita: alguém estava acorrentado num cubículo sujo, cheio de ratos e um homem branco entra, dizendo coisas que eu não entendi muito bem. Falava de vingança, também. Tudo muito estranho e muito

triste, com muito sofrimento, muita dor. Já fiz de tudo para me lembrar do que eles falavam, mas não consigo. Só a cena ficou, como se fosse um retrato, uma pintura. Você me entende?

– Mais ou menos. Uma coisa eu tenho certeza: tudo teve um motivo.

– Conte mais sobre os Espíritos. Meu compadre Joaquim vivia falando deles, só que eu nunca lhe dei confiança. Sempre achei que a sua cabeça não regulava muito bem. Homem bom, isto é um fato. Mas, quando ele falava dessas coisas, eu desconversava. Nasci e fui criado na Igreja Católica. Desde que a Joaquina morreu não pratico mais a religião, sequer fui mais à missa. O Padre Ênio vivia cercando a minha choça, tentando me levar de novo para a Igreja, mas, de certa forma, briguei com Deus. E agora aconteceram-me essas coisas estranhas, que estão mexendo com a minha cabeça.

– Existe um livro, seu João, chamado *O Livro dos Espíritos*, que explica muita coisa. Já li algumas vezes. Logo que li a primeira vez, achei difícil, mas não desisti. Li outra vez e mais outra. Cada vez entendendo melhor. Não posso dizer que sei tudo. Durante muito tempo achei que era porque eu só fiz o ginásio e por isso não conseguia entendê-lo muito bem. Mas a D. Mercedes me explicou que quanto mais a gente se dedica ao Espiritismo, mais entende o que está no livro. É só começar a entender quem nós somos de verdade, o que viemos fazer aqui neste mundo de Deus, para onde vamos depois que desencarnamos...

– Desencarnar! Esta palavra para mim é um terror. Faz pensar no matadouro, quando tiram a carne dos animais!

José deu uma sonora gargalhada, ao notar a cara esquisita do companheiro. Tratou logo de retificar:

– Tirar a carne dos animais no matadouro é descarnar, seu João! Desencarnar é deixar o nosso corpo aqui na Terra e ir embora para a Pátria Espiritual. O que vai embora é o Espírito, que é imortal. Nós, na verdade, não morremos. Só mudamos de endereço. As pessoas que deixamos aqui, como os nossos familiares, por exemplo, não nos veem. Se bem que há muitas pessoas que enxergam muito bem os Espíritos. São os médiuns videntes. Falam e aprendem com esses Espíritos.

– Podem aprender também o que não presta. Não é? Conheci um turco que andava pelas bandas da Rocha Prado e que vivia contando os seus

casos. Dizia que tinha parte com o demônio e contava muitas coisas sujas que, segundo ele, aprendia com o dito cujo. O pobre do turco acabou se enforcando, porque o tal coisa ruim acabou mexendo com a sua cabeça. Virava e mexia e lá estava o turco conversando com alguém invisível, discutindo, bebendo até cair. Ficou louco e acabou se suicidando.

– Ora, seu João, este que o turco dizia ser o demônio, não passava de um obsessor. De um Espírito inferior que o acompanhava e lhe sugeria coisas que não são boas para ninguém.

– E como dá para saber se o Espírito é bom ou inferior?

– Pelo que ele fala, pelo que ele aconselha. Espíritos bons só dão bons conselhos, tentando nos ajudar a seguir o caminho reto. Já os inferiores, falam muito de coisas banais, mentem, enganam de várias maneiras.

– Por que o turco não escolheu um Espírito bom para lhe ajudar? Por que Deus permitiu que aquele Espírito inferior lhe fizesse tanto mal?

– Porque provavelmente o turco era igual àquele Espírito ou tinha algum ajuste de contas para fazer com ele. Deus não é culpado de nada. Ele nos dá liberdade para escolhermos o caminho que devemos seguir. Cada um de nós escolhe as companhias que têm os mesmos interesses que nós, tanto encarnadas, quanto desencarnadas. Veja, seu João: qual a companhia que o senhor passou a ter, depois do acontecido com a sua família?

– Na verdade, duas companhias: o facão e a bebida.

– O senhor, com certeza, devia estar rodeado de Espíritos que gostam de violência e de vícios. E eu lhe pergunto: Eram boas companhias? Eles trouxeram alguma coisa boa para o senhor, como a paz, o perdão, a consciência tranquila?

– Não, pelo contrário. Só pensava em vingança e tinha muito ódio no coração.

– Quem escolheu estas companhias para o senhor: Deus, ou o senhor mesmo?

– Agora estou entendendo. Nós atraímos os bons Espíritos se buscamos o bem, e os maus se preferimos o contrário.

– Exatamente, seu João. É questão de afinidade. Tipo assim: “Diga-me o que pensa, falas e ages e eu te direi com quem tu andas”.

– Mas estou cismado com outra coisa que você me falou. Posso fazer mais uma pergunta?

– Pois diga, seu João.

– Você falou também de ajuste de contas. Do que se trata?

– Existem pessoas que fazem muito mal a outras, enquanto estão aqui na Terra. Prejudicam, ferem, matam e outras tantas maldades. As pessoas que se julgaram prejudicadas podem se tornar seus inimigos, se não conseguiram perdoar, esquecer o mal que lhes foi feito. Desencarnadas, começam a perseguir aqueles inimigos, com a intenção de se vingarem, de fazê-los sofrer exatamente aquilo que lhe fizeram. Essa perseguição tanto pode ser feita enquanto estão ainda aqui na Terra, como também já desencarnados. Tais Espíritos são chamados de obsessores.

– Pelo que compreendi, nós somos responsáveis por essas obsessões?

– Exatamente isso. Se não prejudicamos diretamente aquele obsessor, ele serve de instrumento para sofrermos o mesmo que fizemos alguém sofrer um dia. É a lei de ação e reação, que Allan Kardec explica tão bem no “O Livro dos Espíritos”. Recebemos exatamente aquilo que fazemos. Nada é castigo de Deus. Tudo é responsabilidade exclusivamente nossa. Pelo contrário: Deus, nosso Pai de Infinita Bondade e Misericórdia sempre está atento para nos dar oportunidades de melhorar a nossa conduta, voltar ao bom caminho. Muitas vezes até uma doença que contraímos é um jeito que nosso Pai achou de nos alertar, de nos fazer abrir os olhos. Tudo o que nos acontece é para o nosso bem, nunca para o mal.

– Como você explica o que aconteceu com a minha família? Joaninha nunca fez mal a uma mosca. Era uma esposa maravilhosa, dona de casa perfeita e mãe extremamente dedicada. Antes de casarmos, era uma filha exemplar. Desde muito nova ajudava seus pais, sempre com um sorriso nos lábios. Também eu: trabalhei duro desde os cinco anos de idade. Sou filho de escravos que ganharam a carta de alforria. Meus pais, embora livres, continuaram trabalhando pesado na fazenda. Eles me ensinaram a obedecer, sem fazer perguntas. Diziam também que os negros, embora livres da escravidão material, viveriam por muito tempo ainda numa condição inferior, debaixo do chicote de homens brancos preconceituosos, numa escravidão moral. Aprendi desde cedo a atender o que o patrão mandava, mesmo que fosse algo além das minhas forças. Sempre abaixei a minha

cabeça. Só não consegui perdoar o que fizeram com o único tesouro que possuía.

Notando que o velho amigo estava novamente mergulhando nos acontecimentos terríveis por que passou, José pegou as mãos de João Eleutério entre as suas e disse:

– O melhor que tem a fazer é esquecer o que passou, pedindo forças a Deus para isso. O senhor vai voltar a ser feliz quando aceitar os fatos como necessários e confiar na Justiça Divina. Não deixe que o seu coração se feche por causa daquilo que não é possível mudar. Pense em tudo o que eu lhe disse. Um dia, certamente, o senhor saberá os motivos de toda esta tragédia que abateu sobre o seu lar. Nunca se revolte, pois assim estará perdendo a oportunidade de resgatar alguma dívida que contraiu no passado.

– Posso até desistir de meu desejo de vingança, mas perdoar, nunca.

– Pois eu lhe digo que o perdão é um ato de coragem. Só os fortes perdoam aqueles que os ofenderam. Quantas vezes o senhor deve ter errado e pedido perdão ao Pai? Inúmeras vezes, com certeza. E Ele está sempre nos perdando, porque nos ama. E tem mais: aquele que continua com ódio no coração está se destruindo e vai continuar sofrendo indefinidamente, até que o amor vença o seu orgulho. Nada como a paz interior, a consciência tranquila, seu João! Os sentimentos negativos que abrigamos dentro de nosso coração nos conduzem a enormes tormentos. O verdadeiro sábio é aquele que age com prudência, misericórdia, resignação e principalmente com amor.

José estava muito inspirado. Apesar de pouca cultura, era esforçado, empenhava-se no estudo de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Recebia muito esclarecimento de D. Mercedes, médium extraordinária, cuja principal característica era a caridade. Amava o semelhante e a ele se dedicava com muito amor. Por sua vez, José, como discípulo aplicado, retinha todos os ensinamentos e os aplicava em tudo o que fazia. Por esse empenho e dedicação era assistido por bons Espíritos que mesmo sem que ele percebesse estavam sempre ao seu lado dando-lhe boas instruções.

Enquanto José falava com João Eleutério, o Espírito Joaninha estava constantemente ao lado, atenta a tudo que era falado. Amava por demais o seu companheiro, o seu querido Joãozinho, e conseguira permissão para

ajudá-lo, juntamente com o mentor individual de seu marido. Conseguiram afastá-lo da fazenda Rocha Prado, intuindo D. Nete a enviá-lo imediatamente para a fazenda Jequitibá. Lá, as influências negativas eram menores, devido às boas vibrações dos responsáveis: Juca Mineiro e seu filho José. Outro trabalho importante foi afastá-lo da bebida. Não havia botecos nas imediações. Além disso, Juca Mineiro era muito severo com o uso da bebida e se pegava algum colono embriagado, além de conversar duramente com ele, ameaçava demiti-lo se houvesse reincidência. Isso controlava os lavradores porque eles não queriam perder a oportunidade não só de trabalho, mas de moradia. Chegou a desconfiar de João Eleutério, quando ele se perdeu e foi encontrado meio tresloucado na capela. Ficou vigilante e, aliviado, viu que suas suspeitas eram infundadas.

Os Espíritos protetores de João Eleutério conversavam sobre o fato ocorrido no lago da fazenda Rocha Prado. O Instrutor explicava que usou de fluidos densos, retirados do próprio negro, para alterar momentaneamente o estado da água. Devido à modificação da consistência da água, foi impossível penetrá-la naquele local. Quando João Eleutério desistiu de seu intuito, atordoado com o fato imprevisível, a barreira cedeu e ele pôde voltar à margem.

Da mesma forma, naquele momento, estavam inspirando o Índio para que pudesse explicar tudo aquilo que João Eleutério desconhecia. Os esclarecimentos eram necessários, não apenas para amenizar a sua dor, como também para lhe dar forças para desistir da vingança, que faria dele um criminoso. O sofrimento havia embotado os seus bons sentimentos. Revoltado com o destino de Joaninha e filhas deixou-se envolver facilmente pelas vibrações negativas de entidades afins que, cada vez mais, o incitavam a concretizar seu plano. Porém, devido a inúmeros benefícios prestados a muitas pessoas com quem convivia, obteve a chance de ser assistido e amparado por Espíritos amigos. O amor incondicional entre Joaninha e João Eleutério foi a ponte de ligação para a ajuda espiritual.

Quando Joaninha desencarnou, foi amparada pelos pais que muito a ajudaram na sua adaptação à nova realidade. Deles recebeu todas as explicações sobre o ocorrido. Tomou conhecimento de dívidas que havia contraído com os envolvidos em sua morte e de suas filhas. Conseguira resgatar os seus débitos, através do sofrimento atroz que antecedeu ao seu desencarne. Perdoou os que serviram de instrumento para sua expiação e,

fortalecida, determinou-se a amparar João Eleutério, impedindo-o de cometer uma insanidade.

João Eleutério não conseguia dormir naquela noite. As palavras do Índio ecoavam em sua cabeça. Sentia, intimamente, que ele lhe dissera a verdade e que tudo o que lhe fora explicado era o mais correto. Sua índole boa clareava as trevas em que, até então, estava envolvido. Ponderou sobre a loucura que estava prestes a cometer e as consequências desastrosas para o seu Espírito. Percebeu que, por mais que fizesse contra os Rocha Prado, não conseguiria reverter o fato consumado e que, além disso, provavelmente passaria o resto de sua vida martirizando-se em uma prisão não apenas física, mas, principalmente, moral. Jamais teria paz, concretizando o seu intento. Decidiu, de uma vez por todas, esquecer o passado e aprender a perdoar o mal que lhe fizeram. Com o coração contrito, chorou, enquanto orava fervorosamente ao Pai, pedindo-Lhe forças para continuar a sua vida simples, porém honesta.

Nesse instante, sem que ele percebesse, uma chuva de bênçãos caía, em forma de pétalas de rosas multicoloridas. Suavemente, seu corpo dolorido pela idade e pelo sofrimento moral foi ficando leve e ele adormeceu tranquilamente, como há muito tempo não conseguia. E, lá fora, na noite, fez-se um profundo silêncio. Era como se a natureza, por uns segundos, houvesse parado para sentir aquelas vibrações amorosas que envolviam a casinha simples onde repousava o bom negro João Eleutério.

CAPÍTULO 12

Mariana bateu aflita à porta do quarto de D. Nete. Estranhou por ela não haver pedido para selar o cavalo como era de praxe. Também notou que, durante o café, ela estava estranha, não havendo proferido uma só palavra. O coração da fiel empregada estava sobressaltado. Durante todos os anos que servia àquela mulher, era a primeira vez que a sentia completamente derrotada. Depois de alguns segundos, que lhe pareceram horas, Nete abriu a porta.

– Desculpe-me por incomodá-la, D. Nete. Fiquei preocupada com a senhora. O dia está tão bonito e a senhora não foi cavalgar!

– Minha boa Mariana – respondeu Nete, emocionada com a preocupação de sua empregada. – Às vezes você me trata como uma criança, cercandome de tanta atenção! Não precisa se preocupar comigo. Estava relendo pela milésima vez a carta que recebi ontem. Senti-me tão preocupada com as notícias que perdi a vontade de cavalgar.

– Alguém de sua família está doente?

– Não se trata de doença, Mariana, mas sim dos primeiros resultados de uma investigação.

– Investigação? Não estou entendendo nada. Deve ser alguma coisa muito séria para deixá-la assim. Aliás, venho notando que a senhora anda muito triste, desde que fez aquela viagem apressada a Nova Luz.

– Você tem toda razão, Mariana. Estou muito preocupada e intrigada com as notícias que vieram de Nova Luz.

– Posso fazer alguma coisa pela senhora?

– Acho que sim, Mariana. Preciso desabafar com alguém e você é a pessoa em quem eu mais confio. Porém, para não despertar a curiosidade dos outros, façamos o seguinte: vá se encontrar comigo no meu recanto predileto.

– Debaixo do velho ipê?

– Sim. Pode ir agora. Pelo trilho é mais rápido para você chegar até lá.

– Mando selar o seu cavalo antes?

– Não. Eu mesma faço isso, para você não perder tempo.

Mariana, acostumada a caminhar longas distâncias a pé, não teve dificuldade para chegar ao local combinado, poucos minutos depois de sua patroa. Nete já estava descansando ao pé da magnífica árvore, recostada suavemente em seu tronco. Sorriu para Mariana, pedindo-lhe para que se sentasse ao seu lado.

– Mariana, o que vou lhe contar é algo muito grave. Prepare o seu espírito, pois é sobre o crime de Joanhina e suas filhas.

Mariana a olhou espantada, porém, limitou-se a balançar a cabeça, sem dizer uma só palavra.

– Lembra-se do homem que veio me procurar há uns meses e que logo em seguida fui para Nova Luz sem avisar Lucas?

– Sim, senhora.

– Pois aquele homem era Jânio. Foi o portador de uma carta estranha escrita pelo Geraldo, o Mascate da Roça.

Desta vez, Mariana não pôde reprimir um grito de espanto:

– Jânio? Geraldo? Mas o que os dois têm a ver com o crime da família de João Eleutério?

– Jânio nada. Apenas o desejo de se aproveitar de umas informações que obteve para se vingar de Lucas por ter sido despedido. Porém Geraldo, este sim, tem muito mais a ver com a tragédia do que podemos imaginar.

– Como assim? Pelo que eu fiquei sabendo ele foi para a prisão por acusação de roubos aqui na fazenda.

– Essa é realmente uma história intrigante, Mariana! Mas vamos aos fatos. Fui a Nova Luz, justamente para levar a carta a um investigador de minha total confiança, na qual Geraldo relata todo o crime, que segundo ele, presenciou. Ele incrimina abertamente meus cunhados e meu marido.

Mariana empalideceu. Não podia acreditar no que estava ouvindo. Sobre os cunhados sim, já ouvira comentários a respeito, mas o Sr. Lucas, não. Compreendeu, naquele instante a tristeza de sua querida patroa, desde que fora pela última vez à cidade. Sentiu o seu coração se encher de pena por

aquela mulher de aparência tão delicada, porém com um espírito tão forte. Segurou suas mãos e notando o abatimento dela, pediu:

– Não precisa me contar nada, se isso a faz sofrer, minha senhora!

– Preciso sim, Mariana. É necessário colocar para fora tudo que venho guardando dentro de mim. Ainda mais agora, que recebi algumas informações de Antônio Miranda.

– Agora estou entendendo por que a senhora deu a ordem para todos os que trabalham na casa grande de lhe entregarem imediatamente qualquer correspondência que viesse de Nova Luz.

– Isso mesmo. Você sabe que Lucas não respeita a correspondência de ninguém, passando todas pelo seu crivo, antes de chegarem às mãos do legítimo destinatário. Nunca me importei com isso, mesmo achando errada a sua atitude, porque não tinha nada para esconder. Porém agora é diferente. Necessito das informações de Antônio para elucidar completamente essa história.

– O Sr. Miranda já chegou a algumas conclusões?

– Sim. Foi atrás do médico que fez o atestado de óbito das três e que acompanhou bem de perto o delegado responsável pelas investigações, o Dr. Gilson Calado.

– E?

– O médico lembrou-se claramente do caso e disse algo que não bate com a carta de Geraldo: as meninas não foram assassinadas com tiro, mas sim por esmagamento do crânio, possivelmente porque caíram ou foram atiradas no despenhadeiro e bateram com a cabeça no fundo pedregoso.

– A senhora está falando do despenhadeiro “Rola Peão”, que o Sr. Lucas mandou aterrar, logo depois do acontecido?

– Exatamente este. E que, por sinal, abriu-se novamente a cratera, devido à erosão causada pelas chuvas constantes.

– E Joaquina? O que ele apurou?

– Quanto a Joaquina, morreu realmente por estrangulamento. E é este o ponto crucial de minhas mais horríveis constatações: Lucas foi o responsável. Segundo a carta de Geraldo, foi ele quem a estrangulou, usando o seu maldito chicote.

Mariana, completamente aturdida com o relato, abraçou a patroa que começou a chorar, convulsivamente.

– D. Nete – pediu desesperada. – Acalme-se, por favor! Jamais vi a senhora tão desesperada. Tenho medo de que isso lhe faça mal.

– Obrigada – disse Nete procurando se acalmar ao notar o desespero de Mariana. – Estou tendo agora a oportunidade de colocar para fora a minha dor. Sinto que com isso vou me aliviar. Mas somente descansarei quando souber de tudo, sem a menor sombra de dúvida. Há também outro crime atribuído a Lucas e seus irmãos. Também sobre isso Antônio Miranda confirmou que estava na pista da família de um homem muito rico que veio da capital para comprar terras e desaparecera por essas imediações, um pouco antes do assassinato da família do Sr. João. O investigador está colhendo pistas, testemunhas e disse que vai desvendar todo o mistério da carta de Geraldo. Quando descobrir realmente o que houve, virá pessoalmente, já na companhia de policiais da capital e com a devida intimação do juiz, para a prisão dos envolvidos.

– Meu Deus, D. Nete, não é à toa que a senhora está tão abatida! A senhora não merece estar passando por toda essa provação. Sempre foi muito boa e amiga de todos!

– O que mais me abate, Mariana, é a possibilidade de estar convivendo com ladrões e assassinos tão cruéis! Eu só quero que se faça a justiça, Mariana. Nada mais.

– A senhora sempre foi muito justa, patroa. Acho que está certa. Outras mulheres, em seu lugar, desprezariam todas essas informações para ficarem do lado do marido. Mesmo que fosse provada a sua culpa.

– Isso é falta de escrúpulo. Também não estou denunciando Lucas e seus irmãos diretamente à polícia. Quero antes de qualquer ato mais drástico ter certeza de sua culpa. Por isso pedi a Antônio Miranda que investigasse o caso, com a maior descrição possível. E é também pelo mesmo motivo que eu lhe peço, Mariana, para que não comente absolutamente nada com ninguém.

– Nem precisa me pedir, D. Nete. A senhora confiou em mim para desabafar e pode ter certeza que da minha boca nada sairá.

– Outra coisa que está me preocupando é a insistência de Lucas para trazer o Sr. João Eleutério de volta. Acho que ainda não é o momento de seu

retorno. Preferia que tudo estivesse definitivamente esclarecido, judicialmente, para evitar que ele cometesse um desatino. Consegui afastá-lo daqui quando Roberto e Júlio chegaram, já imaginando que não faltariam oportunidades para ele colocar em prática o seu plano de vingança. O Sr. Joaquim, seu compadre, aprovou a ideia de seu afastamento, porque tinha certeza que ele já estava só esperando a oportunidade para cometer o crime.

– Não há como segurá-lo um pouco mais na Jequitibá, D. Nete? Mesmo que ele não chegue às vias de fato, não seria melhor que fosse poupado das investigações, deste clima de tensão e até mesmo das provocações de seus cunhados?

– Seria melhor, Mariana. Mas sabe como é o meu marido: quando põe alguma coisa na cabeça, enquanto não realiza não sossega.

– E se a senhora o convencesse a colocar o Sr. Joaquim à frente da apanha de café? Ele é muito competente e tem muita experiência com qualquer tipo de plantação.

– Boa ideia, Mariana. Vou falar com ele ainda hoje. Agora acho que devemos ir embora. O almoço deverá estar pronto antes que os homens voltem do campo.

– Antes de sair, pedi à Gilda que adiantasse o almoço para mim.

– Mesmo assim é melhor não despertar a atenção de ninguém. É melhor que vá agora, à minha frente.

– Está bem, D. Nete. Já estou indo. Pode ficar sossegada. Não comentarei absolutamente nada com ninguém. Pode sempre contar comigo para o que der e vier.

– Obrigada por haver me escutado. Estou me sentindo bem mais aliviada.

As duas mulheres retornaram à casa grande. Tudo estava em paz. Nem mesmo Eunice e Marina haviam notado a falta de Mariana. Nete apressou-se a tomar um banho e aguardar a chegada dos homens para o almoço.

Como sempre, chegaram ruidosos, dando risadas, comentando fatos ocorridos na roça. Enquanto os irmãos lavavam as mãos, Nete chamou Lucas à parte e pediu:

– Lucas, quero lhe pedir um grande favor: deixe o Sr. João Eleutério na fazenda Jequitibá ainda por uns tempos.

Lucas ameaçou retrucar, como sempre fazia, mas Nete adiantou:

– Não vá me dizer que você sabe o que faz, que quem manda é você e outras coisas mais. Ouça o que vou lhe dizer: se ele voltar e acontecer o pior, você será o único responsável. Não preciso lhe dizer o que pode acontecer. Você está cansado de saber dessa história mal acabada.

– Desde quando você me dá ordem? Vamos agora inverter os papéis aqui nesta casa? Você vai começar a cantar de galo?

– Tenho mais juízo do que você, só isso. Diante dos fatos e da possibilidade de ocorrer outra tragédia é nosso dever evitar o que está em nossas mãos.

Lucas, diante da segurança da mulher, sentiu-se acuado. Jamais a vira tão decidida e falando com tanta firmeza. Pensou em gritar, dizendo que ele é que mandava, porém os olhos de Nete estavam diferentes. Nenhuma vez abaixou os olhos ou mostrou medo. Era uma outra mulher ali à sua frente. E, como os irmãos já o chamavam para o almoço, disse rispidamente:

– Vou pensar. Decidirei o que for mais conveniente para mim.

– É melhor que pense no que será mais conveniente para todos. O que acontecer por uma atitude precipitada e impensada será responsabilidade sua. Você tem o Sr. Joaquim que poderá muito bem se encarregar da supervisão da colheita. É experiente e ótimo trabalhador. Deixe o Sr. João em paz, para que não se arrependa mais tarde.

Lucas a fuzilou com os olhos. Sentiu que Nete tinha razão, mas não queria dar o braço a torcer. Sentou-se à mesa e como sempre, ordenou:

– Pode me servir, Nete!

CAPÍTULO 13

Jânio conseguira um trabalho numa construção. Fazia o serviço pesado de pedreiro, mas estava contente por ter conseguido alguma coisa. Suas mãos já calejadas do trabalho na roça não sentiam o peso dos tijolos, da enxada e pá que usava para fazer a massa. Sua vida tomara outro rumo, desde que voltara da fazenda Rocha Prado. Vendeu o cavalo que Homero havia lhe dado e com o dinheiro obtido alugou um pequeno barraco na periferia da cidade. Fora obrigado a sair da casa do irmão, depois que Antônio Miranda esteve por lá fazendo-lhe muitas perguntas. Januário não gostou nada de saber que ele continuava com a intenção de levar avante as histórias de Homero e muito menos por estar mexendo com assuntos referentes à família Rocha Prado. Pedira-lhe, então, que procurasse um outro lugar para morar, pois não queria se envolver com confusão. Ficou irritadíssimo com o irmão e chegou a agredi-lo com palavras, chamando-o de covarde e lambe-botas.

Devolvera a caixinha de música para Homero, tão logo ele retornou de suas viagens. Mas, mesmo com o emprego, não parava de pensar no dinheiro que Lucas lhe devia. Continuava remoendo ódio pelo antigo patrão. Às vezes sentia uma pontinha de remorso por ter levado aquela carta à D. Nete. Porém imediatamente se lembrava de sua reação e do jeito indiferente que ela o tratou e, em sua inconsciência, julgava que ela também “não era flor que se cheira”. Enfim, Jânio não conseguia mais sentir paz.

Quando o ser humano abriga sentimentos negativos, cristaliza conceitos errados sobre as pessoas que, segundo o seu ponto de vista, estão lhe prejudicando de alguma forma. Passa a considerar que todos estão agindo contra ele, mesmo aqueles que sempre o favoreceram algum dia. Com essa visão distorcida da realidade, enxerga aquilo que quer e não o que é verdadeiro. Enquanto acrisola esses conceitos, sente-se perseguido, incompreendido e desprezado. O amor próprio ferido e a ilusão, muitas vezes, o conduzem a caminhos errados. Em vez de procurar os recursos para sair dignamente de uma situação conflitante, envereda por atalhos obscuros, desconfiando de todos e de tudo.

Nessa inconsequência, usa de recursos nada cristãos, não se importando com o desfecho de suas ações precipitadas.

No caso de Jânio, foi-lhe dada uma chance de rever seus conceitos, quando foi aconselhado por Dr. Vilela, para procurar ajuda numa Casa Espírita. Lá, ouvira esclarecedora palestra sobre o perdão. Houve entusiasmo inicial, porém sua vontade foi fraca, diante dos obstáculos que surgiram, através do preconceito religioso de sua esposa. Preferiu não lutar por aquilo que intimamente sabia ser o mais correto, não somente para ele, como também para a filhinha Aurora.

As oportunidades-lhe foram dadas, mas a decisão do que fazer teria que partir dele. Desprezou o que ouviu, esqueceu-se dos conselhos do médico, de seu irmão Januário e até mesmo de sua própria consciência. Os bens materiais suplantaram os morais e espirituais. Fez a escolha errada e com certeza, cedo ou tarde, deverá pagar o ônus de sua inconsequência. A Lei é única para todos, não há privilégios.

Porém em tudo há uma lição a ser aprendida. Os efeitos de uma opção equivocada trazem o esclarecimento, a experiência, que servirão no futuro de referência para que não haja reincidência. É a maturidade, conseguida através de quedas e sobressaltos; é, enfim, o despertar do espírito.

Homero o visitava frequentemente, agora que Jânio não mais estava na casa do irmão. Quando Jânio começava a reagir contra os pensamentos negativos, ele se encarregava de avivar-lhe a memória, sobre o episódio da chicotada e da humilhação que passara na fazenda de Lucas. Sempre levava presentinhos para Aurora e vez ou outra, um corte de tecido para Nara. Com isso, Homero conquistou a amizade de sua esposa. Jânio acreditava que possuía um amigo sincero, que se preocupava com ele e família. Homero aquecia este sentimento de Jânio para conseguir o seu real objetivo: vingar-se da família Rocha Prado.

Naquele dia, o caixeiro-viajante estava inquieto. Antônio Miranda, o investigador, fora procurá-lo na pensão, pediu para ver a caixinha de música, fez com que ele repetisse toda a história novamente. Perguntou-lhe muito a respeito do que conversava com Geraldo na prisão e se ele comentara pessoalmente sobre o crime ocorrido na fazenda Rocha Prado.

Tudo o que conversaram fora devidamente anotado pelo detetive. Ele até-lhe pedira que anotasse em seu bloquinho a data da confecção da caixinha

de música, que estava gravada no fundo, bem como a assinatura de Eduardo Mendes, o artesão. Enfim, tudo fora bem esmiuçado. Quando Homero lhe perguntara se já estava convencido dos autores do crime, Miranda coçou o queixo, gesto que lhe era muito peculiar, e limitou-se a menear a cabeça negativamente. Com a intenção de provocá-lo, fez-lhe mais uma pergunta:

– O senhor tem certeza de que não se venderá para os Rocha Prado?

Sem perder o controle, Antônio Miranda esboçou um sorriso enigmático, não respondendo à pergunta impertinente. Estendeu-lhe a mão e com um seco “boa-tarde”, encerrou a entrevista.

Isso deixara o caixeiro extremamente curioso. “De que lado estaria Antônio Miranda jogando?” – pensava com insistência.

O investigador, por sua vez, trabalhava incessantemente no caso. Já fizera muitas viagens à capital, ouvira centenas de depoimentos, inclusive de ex-colonos da fazenda Rocha Prado. Cada fato relatado, cada entrevista que fazia era devidamente anotada no bloquinho de folhas pardas que carregava no bolso interno do paletó. Posteriormente passava todos os dados para um grande livro preto, não omitindo nenhum detalhe, por mais banal que pudesse parecer. A essa altura, mais da metade do grosso livro estava preenchido e cada vez mais, Miranda tinha certeza de que estava na pista certa para descobrir, nos seus mais ínfimos detalhes, toda aquela história até então mal resolvida.

Tivera uma longa reunião com o ex-delegado Gilson Calado e com quem o substituíra. Mas o que considerava de extrema importância fora identificar o homem que saíra da capital para comprar terras por aquelas bandas. Isto batia exatamente com o que Geraldo colocara na carta. Já sabia quem era e que passara por Nova Luz para retirar do Banco o dinheiro que lhe enviaram da capital. Conseguiu no próprio Banco a descrição do misterioso homem, visto que a quantia retirada era muito alta e por este motivo não deixou de ser notado por todos. Foi também através do Banco que descobrira a procedência do dinheiro e o nome do depositante. Daí a chegar até o remetente foi um pulo. Considerava esta descoberta a sua maior cartada.

Antônio Miranda ainda colecionou outros depoimentos, mais algumas provas e com o livro praticamente cheio de anotações de extrema importância, preparou-se para agir, de comum acordo com a polícia da

capital. Consequira também, por intermédio de um advogado amigo, uma ordem judicial para que todos os envolvidos fossem intimados a depor. O processo do assassinato de Joaquina e suas filhas fora instaurado.

A intimação judicial chegou às mãos de Lucas, Roberto e Júlio. Espantados e tremendamente receosos, pensaram em fugir. Porém toda a fazenda Rocha Prado estava cercada por policiais. Mesmo Nete pedindo para deixarem João Eleutério de fora, ele teve que ser convocado, pois era necessária a sua autorização para a abertura e prosseguimento do processo. Para surpresa de Nete, João Eleutério estava muito calmo e até lhe dirigira palavras de ânimo, encorajando-a a manter o equilíbrio.

Na data aprazada, o fórum de Nova Luz estava em rebuliço. Não se falava em outra coisa na cidade senão na coragem de Antônio Miranda, desafiando o poder dos Rocha Prado. A cidade toda saiu às ruas e, os que conseguiram entrar, lotaram a sala de audiência, sendo que o restante não arredou pé da frente do prédio.

Os irmãos Rocha Prado já estavam lado a lado com o melhor advogado da cidade.

Nete assistia a toda aquela confusão ao lado de seus dois fiéis colonos: João Eleutério e Joaquim. A figura exuberante de Índio também se fazia notar.

Antônio Miranda entrou no recinto abraçado ao seu livro preto e mais uma pasta recheada de documentos colecionados durante meses de trabalho incessante. Dirigiu-se até a mesa onde já se encontrava o Dr. Tobias Cândido, seu amigo e advogado que iria representá-lo, e sentou-se ao seu lado.

Após os esclarecimentos iniciais, o juiz recebeu a lista de testemunhas que iriam depor.

Uma a uma foram chamadas, inclusive Jânio que somente relatou como ficou sabendo da carta incriminadora.

Lucas e seus irmãos negaram energicamente seu envolvimento com o caso.

Até D. Nete foi chamada a depor. O advogado lhe perguntou:

– A senhora consegue se lembrar do dia em que aconteceu a tragédia em sua fazenda?

- Sim – respondeu muito pálida e abatida.
- Lembra-se do Sr. Geraldo, mais conhecido por “Mascate da Roça”?
- Lembro-me muito bem dele. Era uma figura que não dá para esquecer.
- Então também está lembrada do dia em que ele foi procurar seu marido e a senhora lhe disse que ele e seus cunhados se encontravam no galpão, verificando um trator que acabara de chegar?
- Deste fato não me lembro. Geraldo não falou comigo naquele dia, tenho certeza.
- Alguma pessoa estranha esteve rondando por ali naquele dia?
- Que tenha chegado ao meu conhecimento, não.
- A senhora já viu o conteúdo desta carta de Geraldo que, segundo ele, escreveu na cadeia?

Antes de responder, Nete olhou para o marido e cunhados que aguardavam impacientes a sua resposta. Sentiu Lucas fuzilando-a com o olhar, mas não se intimidou. Precisava dizer a verdade, nada mais.

- Sim, já estou ciente de seu conteúdo.
- Então a senhora já percebeu que o que diz esta carta não está batendo com o seu depoimento.
- No que diz respeito a ter visto e falado com Geraldo naquele dia, sinceramente, não está mesmo. Continuo dizendo que se ele tivesse ido à minha casa naquele dia, com toda a certeza eu me lembraria. Numa fazenda, são poucas as pessoas de fora que aparecem. E as que vão, passam pela minha casa, antes de se dirigirem a qualquer outro lugar.
- O Sr. Geraldo vendia muitas mercadorias para vocês?
- Não muitas. Na maioria das vezes eu encomendava tecidos de linho e linha de bordar. Outras vezes, Lucas pedia fumo para seu cachimbo e outras coisas miúdas. Nada de muito volume.
- Quem efetuava o pagamento das mercadorias trazidas?
- O Lucas ou eu mesma. Sempre pagávamos quando ele entregava a mercadoria.
- Nunca houve alguma encomenda que ele tenha vindo receber algum tempo depois?

– Nunca. Sempre fomos pontuais com ele. Jamais adiamos o pagamento. Assim que ele nos trazia as mercadorias pedidas lhe pagávamos no ato.

– Muito bem, senhora. Por enquanto está dispensada.

Com a cabeça baixa, Nete voltou ao seu lugar, sendo acompanhada pelo olhar rancoroso do marido.

E foi exatamente ele quem fora chamado em seguida.

– Sr. Lucas Rocha Prado, o senhor confirma o que diz sua mulher, ou seja, no dia 26 de agosto de 1923, quando houve o crime na sua fazenda, não viu Geraldo, o Mascate da Roça?

– Não o vi, mas sei que esteve por lá.

– Por que tem tanta certeza disso?

– Alguns dias depois achamos seus documentos nas proximidades do galpão.

– É verdade que o senhor o acusou de ladrão, informando na época ao delegado, Dr. Gilson Calado, que ele lhe dera prejuízo?

– Sim. Ele roubou selas, outros artefatos de couro e duas armas que ficavam no galpão. Talvez tenha levado mais coisas que desapareceram em outras ocasiões, mas nunca havia suspeitado dele.

– Como o senhor pode ter certeza de que foi ele e não um dos inúmeros colonos que trabalhavam para o senhor?

– Alguns colonos o viram carregando estes objetos e, além disso, como eu já disse antes, achamos os seus documentos perto do local onde eles estavam guardados.

– Na carta, Geraldo acusa você e seus irmãos de haverem assassinado covardemente Joana da Silva Eleutério e as filhas menores.

Neste instante, o semblante de João Eleutério se anuviou. Ficou espantado por ouvir que também o Lucas estava envolvido com o crime. Olhou para ele, entre decepcionado e aturdido. Embora Lucas tenha percebido o olhar inquisidor de João, não fez caso. Continuou impassível e confiante de que tudo aquilo não ia dar em nada. Era a palavra dele contra a palavra dos outros. E a sua tinha muito mais peso, naquela região. Imediatamente, Marcos Coelho, o seu advogado, se levantou e disse:

– Sr. Juiz, o meu caro colega vai basear a sua acusação numa carta? Qualquer um poderia escrevê-la. Os Rocha Prado têm muitos inimigos. Quando se trabalha com muitos homens, sempre há aqueles que são descontentes. Por mais que os patrões façam por eles, não se contentam e querem sempre mais. Outras vezes, por uma simples admoestação, sentem-se revoltados e quando têm oportunidade, tentam denegrir a sua imagem. É típico de colonos. Todos os outros fazendeiros podem confirmar que isto é muito comum na rotina de uma fazenda.

Desprezando completamente o aparte de Marcos Coelho, Tobias Cândido insistiu:

– O senhor não respondeu a minha pergunta: o senhor e seus irmãos tiveram alguma coisa com o assassinato de Joana da Silva Eleutério e filhas?

– Não – respondeu secamente.

– Pois bem. Por hora o senhor está dispensado. Quero chamar o Sr. Luiz Souza, para depor.

Luiz Souza era um senhor, cujos cabelos brancos denunciavam a sua idade já avançada. Porém possuía um porte ereto e caminhava com muita firmeza. Seu terno de linho branco, impecavelmente passado, dava-lhe um ar de homem bem sucedido. Sentou-se no banco das testemunhas, cruzando as mãos sobre a mesinha à sua frente.

– Pode me dizer o seu nome e ocupação atual?

– Sou Luiz Souza, comerciante e fazendeiro.

– Sr. Souza, antes de ser comerciante, já trabalhou em algum outro lugar?

– Sim. Fui colono da fazenda Rocha Prado.

– Em 1923 o senhor ainda trabalhava para os Rocha Prado?

– Sim.

– Lembra-se do ocorrido em 26 de agosto de 1923?

– Sim.

– O senhor presenciou alguma coisa estranha naquele dia?

– Sim. Estava procurando o Sr. Lucas para lhe informar que o caminhãozinho que recolhia as sacas de café não havia chegado e que isto estava atrasando o nosso serviço.

– E aonde o senhor foi encontrá-lo?

– Na frente do galpão. Ouvi gritos de mulher e crianças, quando me aproximei do local. Coloquei-me atrás de uma árvore para ver o que estava acontecendo. Vi uma cena muito estranha: o Sr. Lucas estava amarrando Joana, esposa de João Eleutério, com uma corda, a um tronco de árvore seco. Enquanto isso, os dois irmãos tentavam também amarrar as duas meninas que gritavam e corriam de um lado para outro, desvencilhando-se dos dois que, muito nervosos, soltavam palavrões e ameaçavam atirar nas garotas, se não parassem. Joana, por sua vez, gritava para que elas fugissem e procurassem o pai. As meninas correram, obedecendo à mãe e os dois saíram atrás delas, enveredando-se pelo matagal. Ouvi dois tiros e vi que Lucas também correu na mesma direção que os irmãos, deixando a mulher amarrada. Já ia soltá-la, quando senti um golpe na cabeça, que me fez cair sem forças. Semiconsciente, porém, pude ver o que aconteceu: um homem muito alto e forte aproximou-se de Joana, pegou o chicote de Lucas que havia caído no chão e com ele a estrangulou.

– O Senhor conhece este homem?

– Não conhecia na época. Hoje sim.

– Por que o senhor diz que apenas hoje o conhece?

– É que acabo de identificá-lo aqui neste recinto.

– Pode apontá-lo, por favor?

E, para espanto geral, Luiz apontou para Homero Mendonça, que já estava se dirigindo para a porta de saída. Foi interceptado por dois guardas que o algemaram e o reconduziram à frente do juiz, sob os olhares espantados de todos os presentes, principalmente de Jânio, que não conseguia ainda compreender bem o que estava se passando.

– Ao tentar fugir, o senhor mesmo se denunciou, Sr. Homero Mendonça. Ou devo chamá-lo pelo seu nome verdadeiro: Paulo Pinto de Andrade Júnior? – falou Tobias Cândido. – Já sabíamos de sua identidade verdadeira, quando o investigador Antônio Miranda procurou saber sobre a procedência do dinheiro sacado por seu pai no Banco de Nova Luz, alguns dias antes do assassinato da família de João Eleutério. Foi ele, Paulo Pinto de Andrade, seu pai, quem veio comprar as terras de Lucas e que desaparecera misteriosamente, não é?

– O senhor não pode provar isso – gritou o falso Homero Mendonça.

– Posso provar sim. Tenho aqui comigo o seu endereço na capital, bem como retratos seus e de sua família que foram encontrados na sua casa. Além disso, o seu pai era muito conhecido por ter dedicado todos os anos de sua vida a viajar por toda parte do Brasil, vendendo uma infinidade de produtos, de porta em porta. Ele foi um dos mais conhecidos mascates da região. Sei também que era um velho sonho dele adquirir terras, pois foi exatamente isso que nos contou a senhora sua mãe, quando fomos investigar o caso na capital.

– Pois continuo dizendo que o depoimento deste Sr. Luiz não deve ser levado em conta, visto que é um senhor de muita idade, e com certeza não está falando coisa com coisa. Além disso, como ele explica que de simples colono da Fazenda Rocha Prado, passou a próspero comerciante? Está na cara que ele foi regiamente comprado pelos Rocha Prado para um dia me denunciar. Se ninguém tocasse mais neste assunto, ele também ficaria com o bico fechado, mas se alguma coisa começasse a virar contra os Rocha Prado, ele usaria esta conversa fiada.

Investigamos a vida do Sr. Luiz e temos certeza de que ele não fez nada ilícito. Conseguiu prosperar na vida devido a uma herança que uma tia muito rica lhe deixara. Investiu o dinheiro ganho no comércio e teve muito sucesso, o que fez dobrar a quantia recebida. Comprou uma fazenda de gado, a uns quilômetros daqui e hoje é um dos maiores produtores de leite da região. Quase ninguém de Nova Luz ficou sabendo deste fato, pois ele colocou a fazenda e lojas no nome dos dois filhos que se formaram na capital e retornaram tão logo o pai recebera a herança. Todos acharam que os filhos é que ficaram ricos na capital, nunca suspeitando da herança. Sr. Luiz é um homem discreto e modesto e só queria continuar levando a sua vida com simplicidade, sem sobressaltos.

– Por que motivo não me denunciou, se tinha certeza de que fui eu quem matou a mulher?

– Foi à Delegacia, antes de qualquer coisa. Denunciou o fato ao Dr. Calado que não tomou nenhuma providência para descobrir quem era você. A pedido de Lucas, o delegado colocou uma pedra em cima da história e, inclusive, a suspeita recaiu, principalmente, em Geraldo. Porém o Sr. Luiz conhecia o “Mascate da Roça” e dissera que não fora ele quem vira matar

Joana. Mesmo assim, o Dr. Calado manteve o Geraldo preso, mais como um bode expiatório do que pela denúncia de roubo.

– Qual o motivo que eu teria para assassinar alguém que sequer conhecia?

– Incriminar Lucas e seus irmãos.

– Por que motivo?

– Pelo assassinato de seu pai, Paulo Pinto de Andrade, que fora comprar as terras da família Rocha Prado.

Um murmúrio de admiração e surpresa ecoou pela sala. Foram necessários vários minutos de pedido de silêncio. Foi como se houvessem soltado uma bomba naquele lugar.

– Isto tudo não passa de meras cogitações – insistiu o falso caixeiro-viajante.

– Temos ainda outra prova, que considero irrefutável: Geraldo nunca escreveu aquela carta. Ele era uma pessoa comunicativa, falante, porém, sem cultura. Não conseguiria escrever com tanta correção gramatical. Além disso, há outro detalhe que não nos deixa o menor sinal de dúvida: a letra da carta é sua, Sr. Paulo Pinto de Andrade Júnior. O investigador comprovou isso ao lhe pedir para escrever dados sobre a caixinha de música.

– Já que o senhor se julga tão esperto, poderia me explicar como a caixinha de música foi parar em minhas mãos?

– Esta foi a parte mais fácil de ser descoberta: o dono da pensão onde o senhor se hospeda quando vem a Nova Luz, disse que o senhor sempre era visto com Geraldo e que várias vezes, ele comentava que o senhor insistia em comprar a sua caixinha de música, mas que ele não a venderia por preço nenhum. Porém um dia ele deixou um recado para o Homero, ou melhor, Paulo, que resolvera vender a caixinha. Como ele a havia deixado cair e quebrara o seu mecanismo, sentiu-se desgostoso e decidira vendê-la, inclusive porque a oferta era irrecusável. Dias depois, o mesmo dono da pensão vira o senhor subindo com a caixinha na mão e ainda lhe deu os parabéns por haver dobrado o Geraldo.

– Mas o Sr. Lucas Rocha Prado achou os documentos de Geraldo, perto do galpão, e, além disso, vários colonos viram Geraldo com os objetos roubados.

– Isto foi muito pesquisado. O Sr. Antônio Miranda entrevistou todos os colonos da fazenda, inclusive os que já não mais trabalham lá. Ninguém afirmou ter visto o Sr. Geraldo. Muitos lembraram de terem visto, realmente, um homem desconhecido carregando alguns artefatos de couro; portanto, nenhum conseguiu identificá-lo como o Geraldo. Todos foram unânimes na resposta. E aí vem mais uma vez a confirmação de seu envolvimento, inclusive da intenção de desviar do senhor a atenção de uma possível investigação.

– Confesso que não estou sabendo aonde quer chegar.

– Sabe sim, Sr. Paulo. Não adianta mais tentar convencer ninguém de sua inocência. Quanto aos documentos, o senhor deve estar bem lembrado da discussão que teve com Geraldo no refeitório da pensão. Geraldo lhe pedia aos altos brados que lhe devolvesse seus documentos e fotos de sua família, que havia esquecido dentro da caixinha. O senhor, também exaltado, dizia que não achara nenhum documento e que se estavam dentro da caixinha haviam caído sem que percebesse. Para provar isso, poderemos chamar os três garçons que assistiram à discussão. Eles se encontram aqui. Se o senhor insistir em negar, os chamaremos para confirmarem o fato.

– Está bem, chega! Vou contar tudo o que se passou naquele dia. Já estava desconfiado que fora a família Rocha Prado que assassinara o meu pai e roubara o seu dinheiro. Durante muitos dias fiquei de campana pelas imediações do galpão da fazenda, pois eu sabia que era ali que os irmãos se reuniam para uma conversa mais íntima, longe dos ouvidos de D. Nete. Esta informação me foi passada por Geraldo, que virava e mexia estava por aquelas bandas, vendendo as suas tralhas. Naquele dia, ouvi a conversa dos irmãos, tal como coloquei na carta que, supostamente, fora escrita pelo Mascate da Roça. Fiquei indignado com a frieza com que falavam do meu velho e, de arma em punho já me preparava para assassiná-los, quando apareceram duas crianças e uma mulher. Estavam sorridentes e cantarolavam. Sentaram-se debaixo de uma árvore para descansarem. Foi aí que os três homens as viram e pensaram que elas haviam ouvido a sua conversa. O resto, o senhor já sabe.

– Mas por que o senhor precisava matar uma inocente para se vingar dos assassinos?

– Não a matei, embora tenha sido essa a minha intenção. Quando os Rocha Prado se distanciaram, tentando pegar as meninas, aproximei-me da

mulher e notei que ela estava com a cabeça tombada e completamente imóvel. Levantei a sua cabeça e vi que seus olhos estavam arregalados, imóveis e com a pupila totalmente dilatada. Passei a minha mão na frente dos seus olhos e percebi que não estava enxergando. Então tomei o seu pulso: já estava morta. Quando vi o chicote de Lucas no chão, tive a ideia de incriminá-lo: apertei-o no pescoço da mulher, simulando a morte por estrangulamento. Achei que seria perfeito que fossem condenados por um crime que abalaria a opinião pública. Queria que eles sofressem o desprezo de todos; que acabasse definitivamente o poder da família Rocha Prado! Assim a minha vingança seria perfeita e eu sairia limpo na história.

– Por que tentou passar por Geraldo, roubando aquela mercadoria e deixando os documentos dele próximos do galpão?

– Para que os irmãos Rocha Prado julgassem que ele havia testemunhado tudo e que iria denunciá-los à polícia. E que também ouvira tudo o que diziam no galpão. Assim, prendendo a suposta testemunha, baixariam a guarda, enquanto eu planejava a minha vingança, passo a passo. No fim, eles acabaram fazendo pior do que eu: assassinaram as crianças.

Um grito ecoou no recinto:

– Não matamos as filhas de João Eleutério, Sr. Juiz! – era Roberto que, transtornado, perdeu o controle e disparou para cima do falso Homero Mendonça, tentando golpeá-lo com um peso de papel que agarrou da mesa dos advogados.

Imediatamente os guardas o cercaram, impedindo que agredisse o falso caixeiro-viajante.

Roberto, vencido, sentou-se na cadeira das testemunhas e chorando, descontrolado, confessou:

– Lucas, Júlio e eu não matamos a família de João Eleutério. Aconteceu exatamente como o Sr. Luiz falou: Deixamos Joana amarrada para ela não se soltar antes de conversarmos longamente com ela. Pretendíamos verificar o quanto ela ouvira de nossa conversa. Não queríamos que ela nem as crianças fossem contar nada para o João Eleutério.

Como as meninas conseguiram sair correndo, quando Joana lhes deu a ordem, fomos atrás, não para matá-las, mas para impedi-las de chegarem até o pai. Num dado momento ouvimos dois tiros. Assustadíssimas elas se descontrolaram e em vez de pararem ou correrem na direção da lavoura

onde ficava a sua casa, pegaram o caminho errado e cada vez mais rápido se dirigiram para o penhasco. Quando percebemos para onde estavam indo, corremos como loucos, chamando-as pelos nomes. Porém, quanto mais nos aproximávamos, mais elas se afastavam gritando desesperadas. E aconteceu o pior: despencaram pelo abismo. Descemos até o fundo para ver se estavam vivas, mas infelizmente morreram instantaneamente. Como não podíamos fazer mais nada por elas, voltamos pelo mesmo caminho, já preocupados com Joana. Ao chegarmos, lá estava ela morta, com o chicote de Lucas ainda no pescoço. Entramos em pânico e Lucas achou melhor atirá-la no despenhadeiro, junto com as filhas, para não levantar suspeita sobre nós. Mesmo assim, Lucas exigiu que retornássemos para Nova Luz no dia seguinte, bem cedo, antes das buscas iniciarem. E assim fizemos. A culpa, então, caiu sobre nós, não apenas pelo fato de termos voltado para Nova Luz logo depois do ocorrido, mas também porque sempre fomos farristas e inconsequentes. O nosso único crime foi haver aceitado a ideia de Lucas para sairmos de uma situação financeira difícil: vender as duas fazendas e fingindo um assalto, recuperar as escrituras antes que o Sr. Paulo Pinto de Andrade chegasse à Nova Luz para registrá-las. Porém o homem estava armado e reagiu. Não tivemos outra saída: atiramos nele e o enterramos debaixo de um cupinzeiro onde nunca procurariam, caso desconfiassem do crime. Foi exatamente isso que aconteceu.

A plateia estava chocada. Enquanto Roberto ia relatando, muitas pessoas se indignavam, principalmente ao verem o pobre do João Eleutério que, abraçado à D. Nete, ouvia, horrorizado, os detalhes da morte trágica de seus entes queridos. Um choro silencioso descia por sua face transfigurada pela dor. Não sentia ódio, não sentia vontade de se vingar, de gritar ou de lamentar. Apenas sentia uma dor tão intensa no peito que parecia que ia estourar. À medida que Roberto relatava o desespero das filhas, seus olhos, desmesuradamente abertos, pareciam ver a cena, pois conhecia cada palmo que conduzia àquele lugar. Chegou até a ouvir os gritos de suas meninas, a sentir o seu desespero. Imaginou o sofrimento atroz de Joana sabendo que as filhas estavam sendo perseguidas por três adultos que gritavam e atiravam. Imaginava o coração de Joana sangrando de dor, tal como o dele agora.

Nete procurava consolá-lo, também se sentindo chocada pelo relato e mais ainda pela covardia de Lucas que não pestanejara em se aproveitar da

fraqueza de uma mulher e de duas menininhas. Ao ouvir sobre o plano de recuperarem as escrituras das fazendas, sentiu que o seu marido sempre fora um estranho para ela. Sabia que ele era violento, intolerante, irascível, mas chegar a este extremo era quase inacreditável. Parecia que estava vivendo um pesadelo. Intimamente acalentava a esperança de tudo ter sido apenas uma trama elaborada por alguém que queria se vingar de alguma atitude drástica que seu marido costumava ter. Como o Jânio, por exemplo. Mas chegar a este ponto era demais para ela. Observou Lucas que parecia não estar vivendo aquela situação. Continuava impassível, observando o desenrolar dos fatos com absoluta frieza, como se estivesse acima do bem e do mal. Os anos de casada, as pressões que sofrera durante todo este período, desaguaram como um rio represado. Vivera até hoje à sombra daquele homem, aceitando passivamente as suas explosões, suas arbitrariedades, seu mau humor constante. Recebia suas ordens como se fosse uma criada e não uma companheira leal, que lhe dedicara os melhores anos de sua vida. E ali estava o desfecho de um casamento de vinte e cinco anos. Não se importava com o que sua família iria lhe dizer, nem com o que todos da cidade pensassem a seu respeito. Importava-se com o que fizera de sua vida durante todos aqueles anos, praticamente mendigando atenção, carinho. Vivendo como uma sombra, sem direito nenhum, sequer de ir e vir. Esteve como prisioneira durante os vinte e cinco anos. Seu lar era o seu cárcere. E naquele exato momento, decidira mudar radicalmente sua postura. Abriria as portas de seu lar. Acolheria a todos aqueles que necessitassem de amor. Doaria o resto de sua vida para tornar melhor a vida daqueles que foram massacrados por Lucas, tal como ela. Não iria deixar se abater pelos fatos, mas sim reagir e seguir em frente, amparando almas aflitas. Procuraria ressarcir os danos causados por Lucas, nem que isso levasse todo o resto de sua vida.

Tal como uma mãe extremosa, Nete afagava a cabeça quase totalmente encanecida de João Eleutério. E segurando ternamente suas mãos calejadas, conduziu-o até a saída. Não havia mais nada para fazer ali. Precisavam ficar afastados por um tempo daquelas vibrações deletérias que carregavam o ambiente. Dócil, como uma criança, ele se deixou conduzir por ela.

Mas a audiência preliminar não havia sido concluída. Dr. Tobias Cândido chamou novamente o falso Homero Mendonça e lhe perguntou a respeito

dos tiros. Se Roberto Rocha Prado disse que ouviram dois tiros, quem havia atirado então?

– Eu atirei para cima. Queria que Lucas também fosse verificar o que estava acontecendo, já com o intuito de eliminar a Joana. Tudo correu exatamente como eu queria e ainda não tive que sujar a minha mão, cometendo um assassinato.

– Ainda falta me dizer por que envolveu Geraldo nesta história. Por que fez tudo para mantê-lo preso? Ele já o conhecia?

– Não. Conhecia apenas o meu pai. Afinal, ambos eram mascates e se encontravam vez ou outra na capital, quando Geraldo ia comprar mercadorias para revender. Quando meu pai se interessou em comprar uma fazenda, procurou por ele, sabendo que Geraldo percorria as grandes fazendas desta região. Foi ele quem indicou a fazenda dos Rocha Prado para meu pai comprar. Insistiu muito com meu pai e acabou convencendo-o. Depois do ocorrido e já na cadeia, ele mesmo me disse que sentia um pouco de remorso pela morte do comprador da fazenda, pois sabia que Lucas e seus irmãos já planejavam recuperar as escrituras, simulando um assalto. E que ele também ganharia um bom dinheiro, visto que estava intermediando a venda. E para meu espanto, citou o nome de meu pai. Portanto, ele também foi responsável pelo assassinato de meu pai.

– Então foi por este motivo que se passou por mascate? Para desvendar o desaparecimento de seu pai?

– Exatamente. A minha maior referência era Geraldo, que sabia conhecer bem todos os fazendeiros da região.

– Por que o senhor escreveu na carta, supostamente de Geraldo, que ele suspeitava que iriam matá-lo na cadeia, como queima de arquivo?

– Porque o próprio Geraldo me disse que já não tinha esperança de sair da prisão e que iria acabar com a sua vida ali mesmo.

– E com certeza o senhor o incentivou a chegar às vias de fato.

– Não o incentivei, porém não fiz nada para convencê-lo a desistir. Também não avisei ao delegado de seu intuito. Percebi que se ele se suicidasse, teria um grande trunfo na mão. Já estava pensando numa carta bem incriminadora.

– Por que meteu Jânio nesta história?

– Tentei com vários outros colonos, inclusive com seu irmão Januário, a se vingarem das injustiças cometidas pelos Rocha Prado. Januário é muito certinho e não quis tomar atitude nenhuma. Também já se havia arranjado aqui em Nova Luz. Jânio, além de ter sido mandado embora foi lesado por Lucas e também humilhado, quando levou a chicotada no rosto, tendo todos os outros colonos como testemunha.

– Por que o senhor mesmo não tomou a iniciativa, em vez de arranjar um bode expiatório?

– Precisava de alguém conhecido de D. Nete e que tivesse um motivo bem claro para justificar o fato de levar a carta reveladora a ela. Afinal ela o conhecia há muito tempo e mesmo sabendo que seu objetivo era se vingar do fato ocorrido com ele, em nenhum momento duvidaria da autenticidade da carta. Até porque corria um forte boato que os irmãos Roberto e Júlio eram os assassinos da família de João Eleutério. Somei todos estes detalhes e dei a minha cartada final: chegar às mãos de D. Nete a incriminação não apenas dos cunhados, mas de seu próprio marido.

– Porém, Sr. Paulo, não contava com a presença do Sr. Luiz na cena do crime, não é?

– Mas ele, na sua semiconsciência, não reparou que Joana já estava morta e que eu apenas simulei um estrangulamento.

– Isto é o que o senhor diz. De qualquer forma a sua intenção foi bem clara: almejava aproveitar as circunstâncias para assassiná-la, incriminando Lucas. Atirando para cima, também não deixou de ser o maior responsável pela morte das meninas.

– Essa não! Não vai me dizer que os Rocha Prado não tiveram nenhuma culpa neste caso! O senhor também foi comprado por eles?

– Vou fingir que não ouvi a insinuação, senhor Paulo. O senhor já está bastante encrencado. Os irmãos Rocha Prado serão indiciados pelo crime que cometeram ao seu pai e pela crueldade com que trataram Joana e as crianças. Eles também têm uma grande parcela de culpa pela morte das três.

Nesse momento o juiz chamou os advogados à parte e teve uma rápida conversa com ambos. Em seguida, levantou-se declarando que Lucas, Roberto e Júlio Rocha Prado, réus confessos, foram indiciados pelo assassinato de Paulo Pinto de Andrade e por maus tratos e tortura à família de João Eleutério. Quanto a Paulo Pinto de Andrade Júnior, conhecido por

Homero Mendonça, também deveria responder por falseamento e intenção criminosa. Declarou também que os três deveriam ficar detidos, aguardando o júri popular.

A plateia, entre gritos e imprecações, esvaziou a sala.

Já na rua, Jânio avistou D. Nete e João Eleutério que se dirigiam ao automóvel que os reconduziria à Fazenda Rocha Prado e correu para eles.

– Por favor, D. Nete, Sr. João, me perdoem por ter desencadeado todo esse sofrimento para os senhores. Eu fui usado pelo falso mascate, mas nunca deveria ter aceitado ser um menino de recados daquele farsante. Não sei o que deu em mim.

Nete, serena, embora muito triste, disse:

– O senhor foi um instrumento para que tudo viesse à tona e fosse devidamente esclarecido. A sua única culpa foi o desejo de vingança. Mas, nada mais vem ao caso, neste momento. Não estou magoada consigo, Sr. Jânio. O senhor fez o que sua consciência mandou e apesar de ter sido motivado por um sentimento tão inferior, acabou desvendando tudo. Fique em paz. E lhe digo mais: quero que volte a trabalhar na fazenda. Sua casa lhe será devolvida. Também lhe pagarei todo o salário atrasado. Sei que tem uma filhinha para criar e que está passando por dificuldades aqui em Nova Luz.

– Senhora, eu não sei se devo aceitar. Depois de tudo que a fiz sofrer!

– Já lhe disse: não foi o senhor quem me fez sofrer. Pense bem, converse com sua mulher e se não quiser mais trabalhar na fazenda, procure-me para que eu possa lhe dar o dinheiro que Lucas ficou lhe devendo.

João Eleutério ficou com os olhos orvalhados ao perceber a complacência de D. Nete. Não era à toa que admirava tanto aquela mulher! Só uma grande alma pode perdoar incondicionalmente. E essa grande alma era a sua querida patroa! Beijou as suas mãos muito finas e brancas e disse:

– A senhora é um exemplo para nós. Há muito tempo já deveria ter ouvido os seus conselhos. Teria evitado muitos sofrimentos vãos!

– Nós sempre estamos aprendendo alguma coisa nesta vida. Quase sempre com muito sofrimento. O melhor é quando sabemos tirar proveito de nossas experiências infelizes, retificando a nossa conduta, melhorando os nossos sentimentos e, conseqüentemente, as nossas ações.

Índio e Sr. Joaquim, que também se aproximaram, não deixaram de ouvir e concordar com as palavras de Nete. Já a respeitavam muito e, diante da reação positiva que tivera, sua admiração por ela aumentou. Nete, João Eleutério, Índio e Joaquim, silenciosamente, entraram no automóvel, onde Lourenço já os esperava e retornaram à fazenda.

Capítulo 14

Quase no final da tarde, depois de muita conversação e acordos, o advogado Mário Coelho conseguiu um habeas-corpus para Lucas e irmãos. Eles aguardariam a decisão do juiz em liberdade. Notificou-os que, após a confissão completa de Roberto, não escapariam de uma condenação. A polícia já estava na fazenda, procurando os restos mortais de Paulo Pinto de Andrade. Agora era só uma questão de tempo.

Lucas e os irmãos, em liberdade temporária, também rumaram para a fazenda. Foram com um automóvel de aluguel e não disseram uma palavra até chegarem à fazenda. Lucas ordenou ao chofer para que os deixasse próximo ao galpão, pois tinham algumas coisas a resolver. Descendo do automóvel, os três entraram no galpão.

– O que está pretendendo, Lucas? – perguntou Júlio temeroso.

– Vocês acharam que iríamos para a cadeia? Os Rocha Prado jamais podem se submeter a nenhuma lei que não parta de nós mesmos. Vamos embora daqui para sempre.

– Você está pensando em fugir?

– Acharam que eu ia aceitar assim a decisão daqueles cretinos? Vamos, entrem no automóvel. Nós mesmos vamos decidir o nosso destino.

– Vamos nos encenar mais ainda, Lucas! O Dr. Marcos Coelho disse que se formos condenados conseguirá reduzir a nossa pena para o mínimo – falou Roberto preocupado.

– Você é um fraco, Roberto. Depois que abriu a sua boca ali, diante de todos é que assinou a nossa sentença. Se tivesse ficado em silêncio, sem contar tudo em detalhes, não estaríamos nesta situação. O próprio advogado me disse que, diante de sua confissão, nada mais poderia fazer. Afinal o povo todo se voltou contra nós. Aqui não temos condição de ficar. Porém antes de irmos embora vou fazer um último “servicinho”.

– Que serviço é esse, Lucas? – perguntou Júlio demonstrando medo.

– Acham que eu não vou acertar contas com a pessoa que foi responsável pela nossa incriminação? Entrem logo no automóvel. Vamos dar uma passadinha rápida na casa grande. Nete vai pagar por haver levado a maldita carta a Antônio Miranda. Se ela tivesse simplesmente rasgado a carta, como uma boa esposa, o passado continuaria enterrado para sempre. Além disso, vou esvaziar o cofre. Todo o dinheiro e títulos não ficarão com ela. Eles me pertencem.

Roberto e Júlio sentiram um arrepio de medo. Sabiam que a polícia estava pelas imediações da fazenda e o irmão poderia encrencá-los mais ainda, se tentasse fazer alguma coisa contra Nete. Tentaram dissuadi-lo, mas ele simplesmente deu uma arrancada ríspida no automóvel e se dispôs a tomar o rumo da casa. Roberto, que estava na frente, ao seu lado, tentou saltar pela sua porta, mas Lucas sacou da arma e o ameaçou:

– Se tentar saltar, morre. Estamos nesta condição por sua culpa. Você vai ficar comigo e fazer tudo o que eu disser.

Júlio, temendo que o irmão acabasse atirando em Roberto, saltou para o banco da frente, tentando desarmá-lo. Assustado com a atitude inesperada, Lucas perdeu o controle do automóvel, que se embrenhou pelo matagal. Tentou diminuir a marcha, mas Roberto apertou o acelerador, colocando o pé sobre o seu. Aos solavancos, completamente desgovernado, o automóvel em velocidade cada vez maior ia rasgando o mato. De repente, horrorizados, os três perceberam que estavam se aproximando do despenhadeiro Rola Peão, o mesmo onde morreram as duas meninas. Tentaram parar, mas era tarde. O automóvel precipitou-se no abismo e se espatifou no fundo pedregoso.

Informados pelo chofer que os levara até o galpão, Nete, Índio e João Eleutério, que haviam chegado há algumas horas, rumaram para lá, acompanhados por policiais. Tentariam impedi-los de fugirem. Quando estavam se aproximando do local, ouviram quando o automóvel caiu no precipício. Correram para lá e, imediatamente, os policiais, com lanternas, desceram ao abismo para verificarem se eles ainda estavam vivos. Somente João Eleutério e Nete aguardavam à beira do abismo.

De repente, João Eleutério ouviu gemidos e percebeu que os dois irmãos, Roberto e Júlio, estavam agarrados a um galho de árvore a poucos metros do fundo do despenhadeiro. Havia conseguido saltar do automóvel antes dele se espatifar no fundo. Muitas coisas se passaram na cabeça do negro.

Pensou em alcançá-los e com o seu facão cortaria o galho, fazendo-os se precipitarem também. Começou a descer, vagarosamente. De repente, aquela cena que Joaquina lhe mostrara na capela, quando estava na fazenda Jequitibá, voltou à sua mente. Viu-se preso, num cubículo imundo, cheio de ratos que lhe mordiam as carnes. Vislumbrou a figura de Lucas ameaçando-o e entendeu finalmente o que Joaquina quis lhe dizer: se cometesse uma loucura, teria inimigos que o perseguiriam não apenas enquanto estivesse vivo, mas também após sua morte. Também julgou que não valeria a pena conviver com o peso da culpa. E João Eleutério que passara anos e anos planejando a vingança, jogou o facão longe e cautelosamente alcançou o galho onde os dois se seguravam, ensanguentados e quase desfalecidos. Colocou Roberto sobre suas costas e arrastando-se com dificuldade, conseguiu levá-lo para cima. Retornou ao fundo e fez o mesmo com Júlio, sendo agora ajudado pelo Índio que o avistara. Ao mesmo tempo, a polícia conseguira retirar Lucas que estava morto e preso entre as ferragens do automóvel.

João Eleutério, depois do grande esforço que fizera e devido à sua idade avançada, sentiu-se muito fraco e deitou-se no mato. Nete e Índio, preocupados, quiseram colocá-lo na ambulância que viera buscar os irmãos Rocha Prado, porém ele se recusou, pedindo que o deixasse ficar ali sozinho. Índio abaixou-se, tomou as suas mãos e murmurou:

– Foi um gesto maravilhoso, senhor João Eleutério! Com certeza sua família está em festa. Deus o abençoe, amigo! – dizendo isto, abaixou-se, beijou a testa suada do negro e depositou ao seu lado uma lanterna. – Vou lhe deixar esta lanterna, para que retorne à sua casa. Amanhã conversaremos.

D. Nete também se aproximou e ajoelhou-se ao seu lado:

– Vou ficar preocupada com o senhor. Não quer mesmo ir para casa conosco?

– Já estou em casa, D. Nete. Aqui sempre foi o meu lar, onde passei os melhores anos de minha vida. A senhora também foi responsável pela minha felicidade, impedindo-me de cometer um crime. Foi o meu anjo da guarda aqui na Terra. Sempre terá meu respeito e admiração. Ficarei aqui mais um pouco. Estou precisando do silêncio da noite, para colocar os meus pensamentos em ordem. Não carece se preocupar. Numa noite chuvosa, há tempos, quando eu lhe afirmei que nada mais possuía de valor, a senhora

disse-me que eu estava enganado. Falou que eu tinha um grande tesouro que era a dádiva da vida. Hoje vejo que a senhora estava com a razão. Se não tivesse vivido tantas experiências, não teria aprendido muitas coisas importantes para o meu espírito. Estava me envenenando pelo desejo de vingança. Até cheguei a me escravizar pelo álcool, achando que nele encontraria o esquecimento para a minha dor. Até mesmo agora, quando avistei Roberto e Júlio agarrados a um galho, pensei em fazê-los despencar pela ribanceira, para que tivessem o mesmo fim de minhas filhinhas. Porém consegui voltar atrás e senti um desejo imenso de salvá-los. Creio que fiz o correto, porque estou sentindo uma grande paz, que já nem sabia mais o que era. Estou feliz, D. Nete. Finalmente estou feliz!

Nete, chorando silenciosamente, ouvia-o comovida. Ali estava novamente o João Eleutério que conhecera, com os olhos brilhantes, sem o mínimo vestígio de ódio. Passou carinhosamente as mãos em sua cabeça e, em seguida, beijou suas mãos calejadas.

– O que é isso, D. Nete? Sou eu que tenho que beijar as suas mãos. As minhas são as de um negro simplório que viveu toda a sua vida a remexer a terra, a segurar a enxada.

– Por isso são abençoadas. Agora são as mãos de um homem que salvou duas vidas. Nelas estão as marcas do trabalho pesado, do carinho de esposo e pai e também do perdão. Por isso eu as beijo – novamente beijou suas mãos e silenciosa levantou-se, acompanhando Índio que lhe ofereceu o braço.

A natureza novamente se calou. Nenhum som de pássaro noturno, nem de grilos. Nada se ouvia.

João Eleutério continuava imóvel, deitado sobre a relva macia, sentindo não apenas a paz que reinava no local, mas principalmente a paz interior. De repente, uma fortíssima luz azulada o envolveu. Piscou os olhos, feridos por aquele jato de luz e viu: lá estava Joaninha, Jerusa e Corina. Elas se aproximaram dele, de mansinho, estenderam-lhe as mãos e o levantaram. Jerusa e Corina jogaram-se em seus braços, beijando-o e sussurrando com amor: “papai, papaizinho”... As lágrimas desceram pela face do bom negro. Com uma filha em cada braço, aproximou-se de Joaninha que o abraçou com muito amor.

– Estou sonhando, Joaninha?

– Não, João Eleutério. Viemos buscá-lo. Hoje, você conquistou a sua verdadeira liberdade: a paz interior. Há muito tempo aguardávamos este momento. Ao perdoar a família Rocha Prado e salvar os irmãos Roberto e Júlio, conseguiu quebrar o círculo vicioso causado por ódios seculares. O amor mais uma vez venceu, querido esposo.

No dia seguinte, logo ao amanhecer, os colonos curiosos com o que havia acontecido de véspera, foram ver o carro despedaçado no fundo do abismo. Espantados, acharam João Eleutério deitado à margem e se aproximaram silenciosos. Lá estava ele totalmente imóvel: havia desencarnado. Seu semblante estava tranquilo e parecia sorrir. Seus braços, cruzados no peito, enlaçavam um retrato amarelado de Joanhina, Corina e Jerusa, emoldurado por flores secas.

FIM